

PERSPECTIVA

Pedro Romão Batista

ÍNDICE

Prefácio	02
Primeira parte	04
Segunda parte	39
Terceira parte	75
Quarta parte	112
Quinta parte	150
Posfácio	165

PREFÁCIO

I

Pretendia escrever este prefácio só mais na frente, quando, algum dia, talvez tivesse condições de publicar ou alguém se interessasse em publicar este livro. No entanto, trasanteontem tive um sonho que me deixou cismado e até preocupado, e então resolvi me apressar para deixar logo tudo pronto.

II

Antigamente, na adolescência, escrevia alguns sonetos, coisas curtas, estranhas e sentimentais; numa fase posterior, já havia manifestado o desejo de escrever algo mais amplo: tentei algumas vezes iniciar a escrita de um livro, porém parei logo no início, pois, de alguma forma, eu não conseguia dispensar muito do meu tempo e do meu pensamento em direção de uma coisa só, de um assunto só. Entretanto, aproximadamente em fevereiro de 2005, entrei em contato com um livro cujos assuntos eram abordados em pequenos blocos de texto, cada um abordando um assunto diferente, sem maiores conexões com os demais e em geral com sentido completo: encantei-me com aquele método, a escrita por meio de aforismos, e logo no mês seguinte, em março, comecei a escrever este livro.

III

Os aforismos aqui expostos seguem quase que à risca uma ordem cronológica. Todavia, muitas coisas que podem parecer ter sido escritas depois foram escritas antes, e o inverso é válido: é que, conquanto pretendesse colocar tudo em ordem cronológica, ocorreram alguns problemas durante a digitação do texto (boa parte do livro foi escrito à mão, em folhas de ofício), e daí, além da sempre presente indisposição para revisar e mudar o que escrevo, também perdi a noção de certas coisas, como a exata ordem em que foram escritos certos aforismos.

IV

Este livro é o meu primeiro, será conhecido entre uma ou duas pessoas como o meu primeiro livro, muito embora já tenha outros dois praticamente prontos e não tenha ainda publicado nenhum deles. É a expressão de muitas experiências e de muitas reflexões: em certos instantes, parecerá um livro triste, melancólico, fruto de uma crise, e eu o escrevi mesmo numa crise, eu tinha o costume de viver em crises; mas em outros momentos será visto como algo escrito numa convalescença: um doce gosto de viver, uma doce satisfação de compartilhar será perceptível — e esta é a principal característica do livro: o alto e o baixo, o feio e o bonito, o superficial e o profundo, o feliz e o triste, tudo convivendo num só lugar, buscando, cada um, com muitas cotoveladas e laços de amizade, o seu lugar.

V

O livro trata de muitas coisas, contempla o diverso e o único com um único e diverso olhar: política, religião, psicologia, filosofia, educação, relações sociais, tudo é visto, é “olhado” da minha perspectiva que, por eu viver no mar, subindo e descendo por causa das ondas, engloba muitas outras: os vários olhares fazem-se presentes, e com eles até a brincadeira, a ironia... O livro também, em algumas partes, assume uma aparência rígida: é pesadamente crítico, duro, é um espelho, e não tem a pretensão de criar. Já em outras partes, vê-se a tolerância, a compreensão, o desejo de se despojar de ideias, de se livrar delas, de expô-las ao mundo, de perdoar-se a si mesmo e de fazer-se ouvir e ver, de construir; vê-se também a evolução sutil e até o amadurecimento de um jovem, que vai deixando os prantos e as migalhas dos erros para trás, endireitando o caminhar torto e sem destino.

Campina Grande, 11 de fevereiro de 2007

PRIMEIRA PARTE

1 — *O sentido da vida* — Muitas e muitas pessoas, jovens e experientes, julgam que a vida humana, e só humana, é apenas um estágio ou mesmo preparação para algo vindouro, cintilante, algo que vai e deve ser bem melhor do que a nossa condição atual; pensam tudo isso, embora a experiência e a razão digam o contrário. Mas, enfim, por que tantos devaneios? Se se prestar atenção, notamos, inicialmente, que tais devaneios corroboram para uma negação da vida, pois as pessoas sempre imaginam este “outro mundo” como algo melhor que o atual, e depositam nele todas as suas esperanças, ou seja, em outras palavras, afirma-se com tais ilusões que nosso mundo é um mundo miserável e, por conseguinte, os donos de tais ilusões são, no fundo, pessimistas ou pelo menos pessoas insatisfeitas com a vida — e, neste último caso, o devaneio é uma expressão da necessidade de se ter esperança. Por outro lado e quase paradoxalmente, muitos desses sonhos são frutos de instintos que têm como finalidade a preservação do indivíduo ou da espécie. Isto se torna clarividente ao contemplarmos as crenças de inferno ou purgatório, com a primeira estando presente em diversas culturas, que, embora muitas vezes criadas ou intensificadas para meros fins “humanos” — como a manutenção da fé e das contribuições dos fiéis para as igrejas — são utilizadas pela natureza para evitar o suicídio em massa (falando de uma forma mais extremada e fazendo referência a épocas sombrias da história humana) e para que as pessoas, principalmente aquelas mais desanimadas, possam encontrar algum sentido maior na vida, alguma “graça” ou razão de ser, isto é, preenchimento do vazio. O sentido da vida, assim como o sentido de qualquer coisa, não está nela mesma, mas apenas pode ser dado a partir de uma contemplação externa — com efeito, a pergunta: “Tem a vida algum sentido?” não tem sentido, pois tal contemplação é impossível e por consequência não podemos sequer cogitar a existência de uma resposta para ela, e se uma pergunta não tem resposta de forma alguma, é porque não é uma pergunta, porém um erro: para aqueles que formulam esta última pergunta de forma consciente e séria, temos um erro da razão; para aqueles primeiros que deram um sentido para a vida de forma grosseira, ou melhor, que tiveram que dar um tal sentido, temos um erro interno, oriundo de um determinado estado orgânico, e que aflora semeando e dando origem a uma concepção de sentido e a uma visão monótona, descolorida e pouco angular de todas as coisas.

2 — *O destino como desculpa* — Uma vez ou outra, ora aqui ora ali, é comum escutarmos ou lermos que “o destino é a desculpa dos fracassados!”. Esta frase destoa de um pensamento mais profundo, em primeiro lugar, por expressar uma ideia vaga ou até mesmo inválida a respeito do que comumente se chama destino; em segundo lugar, por não considerar a relatividade das coisas; e, finalmente, por apresentar uma visão unilateral da questão, pois, em boa parte dos casos, quem diz algo assim é alguém que pensa ter conseguido êxito e, portanto, afirmar a existência do destino seria negar o próprio êxito.

3 — *O desejo oriundo da virtude dos outros* — A virtude nas pessoas produz-nos um grande enlevo, como se ornamentassem as pessoas a ponto de desejarmos sempre estarmos perto delas, pois nos parecem tão cândidas. Esse desejo emana do nosso egoísmo e tem como fim último harmonizar um pouquinho mais as relações entre os homens: à visão de alguém benevolente ou virtuoso, queremos nos beneficiar com sua benevolência (isto, claro, ocorre inconscientemente), e com isso surge em nós o desejo de ficarmos perto de tais pessoas; da mesma forma, repelimos e nos enojamos de pessoas sem generosidade ou virtude. Somos animais sociais e, como tais, necessitamos das pessoas junto a nós, ou seja, existe uma ação coercitiva da natureza forçando-nos à prática da virtude, pois se formos virtuosos, as outras pessoas vão, pelo menos, querer aproximar-se de nós.

4 — *Se no mundo existe uma significação moral* — Se a moral existisse verdadeiramente, é possível que existisse tal significação. Mas, no entanto, a moral é coisa relativa que ininterruptamente muda com a cultura, com os povos, com o tempo. Donde concluímos claramente que essa significação moral é pura ilusão.

5 — *A insegura crença dos evangélicos* — Já notei em muitos evangélicos (principalmente nos mais fanáticos) um temor que é suscitado à vista de um diálogo mais racional com qualquer pessoa, desde que essa tenha um intelecto um pouco mais perspicaz do que a maioria; se, ao contrário, se trata apenas de mais um “motor movido a preconceito”, então não há temor. Esse temor emana, em geral, das profundezas do consciente, indicando que tais evangélicos não confiam

inteiramente nas suas crenças. Havendo desconfiança e uma necessidade de acreditar no que acreditam, eles lutam ferozmente contra qualquer esclarecimento mental, e logo que alguém “esclarecido” se lhes aproxima para conversar a respeito de tais assuntos, o temor irrompe dizendo: “Não queremos ouvir a sua ladainha, nossas crenças foram edificadas em bases inseguras e, apesar disso, nós precisamos delas!”. Tudo isto e algo mais nos mostram que a fé destes “intolerantes por necessidade” se origina não na convicção ou no coração, mas antes naquilo que é um verdadeiro produtor de crenças: a necessidade.

6 — *O instinto de competição* — O instinto de competição é oriundo da necessidade de preservação do ser e da própria espécie, é mais um dos recursos da natureza que, promovendo a competição, faz com que cada indivíduo melhore em relação a si próprio e em relação aos outros, garantindo assim a sua existência e a da espécie. Trata-se de um dos instintos mais importantes e poderosos nos humanos — para se ter uma ideia de sua importância, basta que evoquemos a grande “evolução” da espécie que, em parte, foi graças a esse instinto; para verificarmos o seu poder, basta dizer apenas que não haveria qualquer competição esportiva sem esse instinto. É interessante notar que muitas pessoas dizem: “O mundo de hoje é pura competição!”, ou: “Atualmente, o mundo é demasiado inumano: para onde olhamos só vemos competição e competição...”. Dizem isso como se o mundo há três mil anos atrás já não fosse assim.

7 — *Dois coelhos de uma só tacada* — Passa despercebido a quase todos o verdadeiro objetivo do amor: a procriação. Devia estar um belo dia quando, em meio ao tumulto e inquietação, a natureza parou, arquejou, depois sentou-se e acalmou-se, ficou absorta por um instante, despertou, virou-se e dirigiu seu cândido e cintilante olhar para nós: os homens. Depois pensou assim: “Que artifício vou usar para promover a procriação nesta espécie? A natureza deles não permite o amor à própria raça e eu não vou criar outra...”. Foi assim pensando que ela teve a grande ideia: o amor. Sim, o amor permitiria a perpetuação da espécie de uma forma bem mais segura do que uma simples atração física, pois não basta apenas procriar, é necessário também proteger e cuidar para que os novos seres cresçam saudáveis. Mas não foi só isso: como o dia

estava lindo, a natureza regozijou-se e quis nos dar algo mais, e nos deu: deu-nos um sentido mais profundo para nossas vidas tão vazias, deu-nos uma alegria mais intensa e mais verdadeira; entretanto, ela foi esperta: deu-nos tudo isso não por fora, mas junto com o amor. E foi assim que ela matou dois coelhos de uma só tacada.

8 — *Sim! A vida é uma comédia!* — Era uma data carnavalesca e muitos foram festejar; mas eis que não há influxo de gostos e de crenças e, concomitantemente às festas, criaram dois encontros paralelos: um de evangélicos e outro de católicos. O assunto em pauta nos dois encontros era: “A tolerância como arma para promover a paz e a interlocução entre as diversas religiões”. Todavia, como os encontros eram de três dias, foi preciso inserir outras atividades nos encontros; uma delas seria uma palestra de um pastor no encontro dos evangélicos. Acontece que, em um dado momento, o pastor falou desta maneira: “(...) então, meus irmãos, fica-nos claro que as aparições de Nossa Senhora nada são senão manifestações demoníacas...” Ah, meus amigos! Quando tal declaração chegou aos ouvidos dos católicos, eis que reluziu a tolerância: “Esse pastor é mal informado!”, disse um padre; “Ele é mau caráter, imundo e merecia levar umas tapas!”, disse outro. Sim! A vida é uma comédia!

9 — *A divina comida* — As pesquisas mostram-nos um crescente número de obesos em nosso país; a isso atribuo as seguintes causas: grande facilidade ao acesso a comidas gordurosas e as facilidades da “vida moderna”, a falta de tempo e a despreocupação das pessoas com uma boa alimentação. A nossa cultura atual é impertinente para os obesos que não se aceitam, suscitando inúmeros suplícios em suas vidas — aliás, diga-se: se não quisermos infligir sofrimentos nos obesos, se se conhece a dor da não-aceitação, é bom tomarmos cuidado no convívio com os mesmos. Entretanto, se a obesidade é um tipo de doença, então a cultura pode ser útil: é graças a ela, em geral, que os obesos esforçam-se para emagrecer. No geral, temos três etapas: inicialmente os obesos sofrem variadas críticas e frustrações de variados lados de variadas maneiras, com isso se instala uma dor intelectual em boa parte dos obesos: é o sentimento de culpa, a não-aceitação, a solidão, a depressão...: trata-se do inferno; posteriormente, em muitos obesos,

uma reação deflagra: é ginástica aqui, remédio ali, redução na alimentação...: temos então o purgatório; por fim, em alguns raros, a vitória aparece por detrás da cortina descortinada: o obeso deixa de ser obeso: é o paraíso.

10 — *O livro dos espinhos* — Nada é tão pungente quando adotamos um estilo de vida por necessidade, por não conseguirmos seguir um outro, vivemos assim um longo tempo e, conquanto saibamos estarmos no caminho errado, quase nos convencemos de que estamos no certo, do que ler um livro coerente e sábio que nos mostra o caminho certo. No início ainda lutamos contra a verdade, mas depois percebemos a inutilidade da luta e ficamos deprimidos.

11 — *Da origem da timidez* — Todos nós somos seres sociais, precisamos uns dos outros, necessitamos da comunidade, de carinho, de afeto, enfim, a sociedade ou “os outros” nos é importante. Conseqüentemente, a opinião alheia concernente à nossa pessoa faz-se importante ao nosso ser, ou ainda, preocupamo-nos bastante com o que os outros pensam a nosso respeito, pois, caso não possuamos uma boa imagem na mente de outrem, corremos o risco de sermos excluídos do meio social, noutras palavras, nossa sobrevivência estará sendo ameaçada. Quando não confiamos em nós mesmos, quando imaginamos que temos defeitos, quando nos sentimos inferiores, enfim, então surge o medo de se expor, o medo de não transmitir uma boa imagem aos outros. Esse medo não é outra coisa senão o receio de ser rejeitado, o receio de perder todos os benefícios da sociedade ou do grupo, e nesta hora eis quem se apresenta batendo à nossa porta: a timidez.

12 — *As crianças* — Alguns pais aplicam castigos às suas crianças tentando “educá-las”, todavia, no mais das vezes, tais suplícios não resolvem o problema comportamental. Por outro lado, em alguns casos, as crianças esquivam-se das ações indesejadas pelos seus pais: a “educação”, então, está dando certo. Para atinarmos com a explicação para isso, basta observarmos que existem crianças que vivem buscando o prazer e outras que passam a existência evitando a dor; concluímos daí que os castigos não terão sequer um aspecto positivo quando impostos às primeiras crianças de que falamos, porquanto elas buscam

o prazer e só com o uso de recompensas é possível extrair algo de positivo delas. Quando às crianças que evitam a dor, os suplícios farão com que elas obedeçam aos pais, nas nunca por respeito ou por acharem que seus pais estão certos, obedecerão aos pais tão-somente por medo. Entre esses dois tipos de crianças existe uma infinidade de gradações, ou seja, em algumas crianças, para se conseguir uma boa educação, é preciso um castigo aqui, uma recompensa ali, etc.

13 — *Aproveitando o ensejo* — Quero aproveitar o ensejo para manifestar e exteriorizar a minha indignação e revolta contra os pais violentos, esses imundos deterioradores da geração vindoura, que não fazem outra coisa senão transformar num inferno a vida das crianças e que, para mim, não passam de lixo social!!!

14 — *O que o entendimento não cura* — Sei muito bem que os pais violentos foram violentados, que parte da satisfação — ou excitação, aliás, dêem o nome que quiserem a esse lixo — oriunda do terror imposto ao filho vem da sensação de domínio experimentada pelo violentador, pois, outrora, esse violentador é que foi violentado e, por assim dizer, dominado. Enfim, sei que os pais quase não têm culpa por serem violentos, mas enfim também, sei que não posso deixar de me indignar com tudo isso.

15 — *Variados tipos de música* — Olhando a música por um determinado prisma, é possível distinguir dois tipos: a música que é simples, que é de fácil percepção e entendimento, e a música mais complexa, com arranjos mais elaborados e melodias mais sensíveis e pouco perceptíveis. Da primeira, temos o maior exemplo nos Beatles da primeira fase: suas músicas simples, contendo melodias fortes e maravilhosas, encantam logo à primeira vista: só é preciso escutar duas ou três vezes uma música para entendê-la e amá-la. Do segundo tipo de música, um dos exemplos mais clássicos é o Pink Floyd da segunda fase: suas músicas orquestradas, com diferentes acompanhamentos e arranjos complexos, melodias pouco visíveis e de difícil entendimento: é preciso escutar várias e várias vezes para entender e gostar. No entanto, as músicas de que se gosta mais facilmente são as que se abusam também mais facilmente: logo entendemo-las e por isso o seu

encanto logo perece; ao passo que o outro tipo de música vai se nos mostrando aos pouquinhos: o seu efeito é mais duradouro.

16 — *Um olhar por “baixo”* — Eu e outros, nós jogávamos futebol logo cedo, por volta das 5 horas da manhã, porque todos nós trabalhávamos. Acontece que, todas as vezes que íamos, acompanhávamos um determinado cidadão cujo um de seus membros superiores era defeituoso, inútil. Tratava-se do nosso juiz. No jogo, ele era muito desrespeitado, insultado e, às vezes até, agredido fisicamente. Num certo dia, como ele fizesse mau uso do apito, ele foi expulso: discutiram muito por causa de seus erros, irritaram-se, tomaram-no o apito e mandaram que saísse. Neste momento, como o meu time perdera, eu estava sentado observando o jogo e pude ver toda a cena. Não dei importância alguma ao ocorrido; naquele momento eu estava absorto, triste, e, por isso mesmo, mais sensível e perceptivo. O juiz expulso veio então sentar-se ao meu lado, todavia, nem sequer olhei-o quando passou por mim. Depois de alguns instantes, porém, levantei o olhar e o dirigi ao nosso juiz: ele estava triste, melancólico, seus olhos marejavam. “Meu deus!”, pensei, “Por que é que esse pobre infeliz está assim tão triste? Está assim porque foi expulso de um jogo formado por jogadores horríveis e que o humilhavam a torto e a direito? Está assim porque privaram-lhe da satisfação de ser um juiz numa pelada às cinco da manhã? Não, não é possível!”. A resposta não tardou a vir: ele estava triste porque, ao ser expulso do “campo”, sofria a privação do único meio social do qual ele ainda participava, a saber: nós, aqueles jogadores imundos que tanto o humilhavam, que tanto o desprezavam. Infelizmente ele já tinha sido expulso de todos os outros meios, pois era muito pobre e deficiente, e para não sofrer um isolamento total, levantava-se

às cinco da manhã para ser insultado, humilhado, ferido. Eis, senhores, o quão bela é a nossa sociedade.

17 — *Harmonia* — Em determinadas situações, quando somos ajudados, experimentamos uma sensação de dependência, de impotência, sentimo-nos, enfim, inferiores; por outro lado, aquele que ajuda, quase sempre, se alegra e tal alegria é oriunda das sensações inversas às mencionadas acima — o que é a agradável alegria de se

ajudar ao próximo (por exemplo: visitando doentes nos hospitais) senão uma deliciosa sensação de superioridade (só existe piedade, inclusive, onde existe esse sentimento)!. Entretanto, ao sermos ajudados, podemos atenuar a desagradável sensação se repassarmos a ajuda recebida para uma outra pessoa; fazendo isto, a nossa potência, que antes fora diminuída, volta a restabelecer-se. Se adotarmos esse ponto de vista e dirigirmos à natureza um olhar carinhoso, podemos até supor que ela realmente quer uma convivência harmoniosa entre nós.

18 — *Determinismo* — As pessoas percebem, com maior ou menor clareza, intuitivamente que a teoria do determinismo é legítima, ou, pelo menos, aparenta ser; elas no fundo sabem que não têm o poder da livre escolha, a despeito de muitas falarem no tal “livre-arbítrio”: estas últimas, ou por ignorância (ou burrice mesmo) ou para regozijarem-se, admitem-no. Entretanto, como as pessoas distorcem tudo devido as suas necessidades, elas perpassam o determinismo encontrando logo à frente o que comumente é conhecido como “destino”. No destino, antes mesmo de nascermos, já temos um dia para morreremos e, por exemplo, se nos jogarmos de um prédio de cinquenta andares e no meio do caminho atirmos com uma espingarda calibre doze na cabeça, se acaso este não for o nosso dia, então nós não morreremos. Atribui-se ao destino também um poder proposital — como se o destino pensasse — de entrelaçar certos acontecimentos em nossas vidas, por exemplo: temos um filho, ele vai ao shopping e lá consegue meter-se numa confusão qualquer; chamam-nos e, quando lá chegamos, no meio do tumulto, encontramos a mulher ou o homem de nossas vidas: chegando aqui, eu não, mas muitos diriam: “Foi o destino: ele fez com que meu filho fosse ao shopping, arranjasse confusão, depois mandassem me chamar, tudo isso para que eu encontrasse a mulher dos meus sonhos. Sim, foi o destino e disse eu tenho certeza!” Gostaria de perguntar a essas pessoas de onde vem crenças tão infundadas nisso que se chama de destino, quem é o responsável pela incutição de tamanhas distorções em suas mentes... aliás, pensando bem, é melhor não, o melhor é sermos condescendentes, pois, no final das contas, eles não têm culpa: o destino, sim, o destino é o culpado!

19 — *A inclinação ao sobrenatural* — As questões sobrenaturais sempre despertaram e ainda despertam muita atenção nas pessoas, principalmente nas mais jovens, para as quais elas se apresentam ainda mais reluzentes. A experiência e a razão nos dizem que não devemos acreditar em Allan Kardec, que não existe alma, que não teremos recompensas ou punições futuras, que tudo isso não passa de devaneios e esperanças, enfim, que a existência em si mesma é bem crua e dura. As pessoas, todavia, relutam ininterruptamente contra esse modo “realista” de se ver o mundo; quando, portanto, alguém aparece falando sobre o sobrenatural, seja ele de qualquer espécie, os olhos tímidos e desesperançados das pessoas recobram a ânimo: elas concentram ali todas as suas esperanças que, aos poucos, a experiência vai atenuando. Portanto, elas vêem naquilo a possibilidade da existência de um “algo a mais”, de uma existência misteriosa e não tão desprovida de significado: a confiança na vida eterna ganha força novamente. Tudo isso ocorre naqueles mais jovens de uma forma muito mais poderosa, porquanto suas crenças ainda não possuem grandes alicerces e a experiência ainda não teve o devido tempo para agir. É provável, inclusive, que parte do grande sucesso de escritores como Stephen King seja fruto dessa inclinação ao sobrenatural; e mais: a célebre frase de Shakespeare (há mais mistérios no céu e na terra...) não se teria tornado tão célebre assim se ela não corroborasse para a crença no sobrenatural.

20 — *Se se pode não julgar pela aparência* — Parece-me um hábito inveterado de algumas pessoas que, desconhecendo umaimensidão de eventos, desenrolam a língua e metem-se a falar: “Não julgue-o pela aparência!”. Mas que quer dizer isso, afinal? Não é o julgamento algo inconsciente, incontrolável? Ou será possível suspendê-lo à vontade e também moldá-lo? Ora, o que nós primeiro percebemos de uma pessoa é a sua aparência, e todo julgamento que nós fazemos dela (falo do julgamento inicial) é baseado puro e simplesmente na aparência. Muitas vezes, uma pessoa que estorva outrem nos é agradável e nós temos dela uma opinião positiva, ao passo que ou outros julgam-na negativamente; todavia, em ambos os casos, julgamo-la pela aparência. Por exemplo: considere uma mulher bonita, jovial, cativadora; ela então é apresentada a um colega meu e a mim. Meu colega julga-a positivamente, admirando-a simpaticamente e reconhecendo nela todas as qualidades

acima mencionadas; eu, no entanto, acho-a dissimulada e antipática. Todavia, uma vez mais, em ambos os casos, julgamo-la pela aparência: o meu colega “deixou-se” encantar pelo resplendor alegre e sincero da moça — ele percebeu-a assim — e eu senti que sua alegria simpática era o fruto de um esforço descomunal para esconder um ser mesquinho, interesseiro, invejoso, vingativo, mentiroso, inescrupuloso...Entretanto, repito: julguei-a pela aparência. Um raciocínio semelhante pode ser usado para mostrar que em todos os outros casos nós julgamos pela aparência e, a despeito da opinião de alguns raros, nós não podemos suspender o julgamento: o simples contado visual com uma pessoa ativa-o; quanto ao molde, o julgamento pode ser alterado aos poucos com o tempo, e não de forma consciente. Mas, voltando à pergunta inicial, o que é que as pessoas têm em mente quando nos dizem que não devemos julgar pelas aparências? Como já foi dito, não julgar pela aparência é impossível pois a aparência de uma pessoa resume-se as percepções que temos dela. Pelo que vejo, só temos, devido ao caminho tomado, uma explicação: as pessoas, quando nos dizem isso, aconselham-nos a não estereotipar as pessoas, a não deixar um determinado preconceito ser uma causa de distorção de um julgamento. Portanto, quando alguém te disser: “Não julgues pela aparência!”, ela quis dizer, na verdade: “Não sejas preconceituoso ao julgares!”. O que de fato ocorre com as pessoas “aconselhadoras” é que, ao tentar nos despir de um preconceito, elas se utilizam de um.

21 — *O voto democrático* — Quando olhamos de relance para o voto democrático, sempre temos a nítida sensação de que ele é a melhor maneira de se eleger políticos para a condução de um país, e não nego que o seja na maioria das vezes; porém, se o povo mesmo não sabe votar, então este sistema de seleção torna-se inadequado, e não nego que o seja em certos pontos. Uma das dificuldades é a quantidade de dinheiro que é injetada em certos candidatos e que com isso aparecem-nos exaustivamente na TV, no rádio, em folhetos, etc. Outra dificuldade que se apresenta é que, embora não percebam, grande parte das pessoas escolhem seus candidatos instintivamente e não conscientemente como pretende o sistema democrático, isto é, elas votam naqueles candidatos que se mais parecem com elas próprias, etc., e para isso, inclusive, justificam-se inventando motivos ilusórios, devaneando sobre a

condição do país e dos candidatos, etc. Aí vai um exemplo: apresentam-se dois candidatos para a disputa da presidência da república e, enquanto um candidato tem um currículo invejável, o outro tem um com imensos “empty spaces” que não lhe propiciaria, noutra ocasião, sequer a candidatura; quem “escolheu” o primeiro candidato justificar-se-á dizendo ser ele mais experiente, com maiores e mais trabalhos realizados pelo país; já quem “optou” pelo segundo justificar-se-á dizendo que currículo não vale coisa alguma, que o seu candidato é mais novo e por isso mesmo mais intrépido, que o país precisa de novas cabeças e não de múmias. O problema é que nem o primeiro “escolheu” conscientemente tampouco o segundo “optou” conscientemente. A melhor maneira de se escolher um candidato é promovendo uma análise dos currículos e das propostas de cada candidato, compará-las e discutí-las para posteriormente se decidir em quem votar; entretanto, se o eleitor tem um contato pessoal ou visual com os candidatos então a análise vai ser regida ou alterada por causas inconscientes. Dessa maneira, acredito que para se votar bem é preciso abster-se de qualquer contato visual ou pessoal com os políticos e limitar-se tão-somente à análise das suas propostas e dos seus currículos, desde que essas propostas e esses currículos estejam escritos em algum lugar não possuam sequer uma foto do candidato, aliás, nem o nome deveria constar (pois o nome pode influir também). Vemos assim que, ao longo da história da democracia, o voto nunca foi livre verdadeiramente — embora conte-se esta mentira — e que com o advento de alguns meios de comunicação esse mesmo voto tornou-se ainda mais coagido.

22 — *Escolha justa?* — Assisti o último episódio de um desses “show da realidade” em que o dono de uma grande empresa deveria escolher entre dois participantes — os finalistas — qual deveria ser contratado pela empresa. A final era ao vivo e a disputa estava equilibradíssima. Enquanto o tal dono entrevistava os dois candidatos pela última vez, ele deixou escapar qual seria a sua escolha: “Você se parece muito comigo!”, disse a um dos candidatos. Agora eu pergunto: trata-se de uma escolha justa?

23 — *Formadores de opinião* — As discussões aumentam sobre a legalidade das pesquisas em células-tronco. De um lado temos os

cientistas e os deficientes que defendem as pesquisas, uns pela ciência e outros em benefício próprio mesmo; do outro lado temos a velha, a mui velha igreja, que não perde uma oportunidade sequer de atravancar o “desenvolvimento” da espécie, e já faz isso a centenas de anos — será que ela nunca se cansa? —, alegando não ter o homem o direito de destruir uma vida, de aniquilar uma criação divina. Não sabia o que pensar desse tumulto até o dia em que entrei num supermercado e lá, de relance, avistei um veneno para ratos: imediatamente depois já tinha uma opinião formada. O veneno para ratos foi-me, então, um formador de opinião!

24 — *Os jovens e sua necessidade de afirmação* — Existe um fanatismo que é peculiar nos jovens: é aquele fanatismo por uma outra pessoa, um príncipe, um ator, um cantor de rock. Como todos sabem, trata-se da necessidade de afirmação do jovem, que muitas vezes, tateando, vai procurando uma identidade para si no mundo. Os jovens mais solitários são sempre mais propensos a esse fanatismo, pois, perto de si, em geral, nunca encontram um exemplo para ser seguido; ao contrário, aqueles jovens cujos pais fazem-se presentes positivamente em suas vidas são mais pés-no-chão, não almejando serem isto ou aquilo outro, aliás, não almejando serem apenas aquilo outro, pois sempre tomam como ídolo alguém distante de si. Os pais, neste caso, têm uma importância primordial, haja vista que os jovens manifestam um fanatismo sempre por alguém mais velho, nunca por alguém da mesma idade ou mais novo, pois eles desejam “vir a ser” e não simplesmente “ser”. Muitos jovens vestem-se como seus ídolos, usam o mesmo corte de cabelo e podem chegar ao extremo mesmo: li certa vez que houve um número elevado de suicídios nos EUA quando foi noticiado o suicídio de Kurt Cobain, vocalista do Nirvana; se a informação procede ou não, eu não sei, mas nunca duvidei de que isso é perfeitamente possível de acontecer. Alguns, mesmo depois de crescidos, não abandonam os velhos costumes e, sem vacilação alguma, vestem-se tranquilamente de Elvis Presley, mostrando assim que nunca conseguiram afirmar-se verdadeiramente — excetuando-se uns raros casos que fizeram do seu antigo fanatismo uma profissão. Nas discussões entre os jovens, a questão da afirmação também deixa sua marca: cada um tenta a todo custo impor o seu pensamento aos demais,

pois aqui entre os jovens “afirmar-se” também significa “ser aceito”; já nas pessoas “maduras” não vemos tal calorosidade nas conversas, porquanto inexiste neles a necessidade de se afirmarem no meio. É por isso que dificilmente sai alguma coisa boa das conversas entre os jovens: ninguém respeita ninguém mesmo. Ademais, como os jovens querem sempre emitir e nunca receber, se você é jovem e for conversar com jovens, vá se acostumando aos atropelos.

25 — *Um sofisma* — É hora matutina, agradável; o discípulo vão ao lar do mestre deleitar-se com a primeira lição do dia; quando lá chega, depois dos cumprimentos, o discípulo inquieta-se e não deixa nem o mestre iniciar a lição: emenda, logo após os cumprimentos, a pergunta:

Discípulo: “Mestre, tenho observado e não é de hoje, que algumas pessoas proferem todo tipo de calúnia contra a vida, maldizendo-a e fazendo-a passar por um lixo, um mal irremediável que todos nós temos que nos submeter. Não obstante, já encontrei pessoas sonhando acordados, manifestando opiniões fantasiosas sobre a vida, assegurando ser ela a melhor de todas as coisas do universo. Eu, por meu lado, não acho que vivemos em um inferno maldito, tampouco acredito estarmos num paraíso. Na verdade, mestre, gostaria de saber o porquê de uma discrepância tão grande nas opiniões das pessoas?”

Mestre: “Muito bem, discípulo. Em primeiro lugar, chamamos de pessimistas as primeiras pessoas de que me falaste e de otimistas as segundas; quem não toma um ou outro partido é comumente chamado de realista. Em segundo lugar, já deveis saber, caro discípulo, pois este ensinamento eu já lhe passei, que temos daquilo que amamos uma opinião muito avantajada, e daquilo que odiamos, ao contrário, temos uma opinião muito aquém do que realmente seria justo; ou seja, só podemos formar uma opinião adequada sobre algo se não sentirmos nem amor nem ódio por esse algo. Donde concluimos que, na verdade, os pessimistas odeiam a vida, os otimistas a amam e os realistas não sentem nem ódio nem amor por ela. É por causa do ódio e do amor, portanto, discípulo, que existe uma discrepância tão grande nas opiniões!”

26 — *Processo de adaptação, parte I* — Uma das grandes diferenças da espécie humana para as demais é a sua inigualável capacidade de

adaptação, que fez com que o homem sobrevivesse aos obstáculos e possivelmente, graças a ela, continuará sobrevivendo por um longo tempo. Para uma determinada espécie poder beneficiar-se de um grande poder de adaptação, faz-se necessário que seus indivíduos venham ao mundo sabendo pouco, porquanto um processo de adaptação é, antes de tudo, um processo de aprendizagem: é justamente isso que ocorre com a espécie humana, pois enquanto outros indivíduos de espécies diversas já nascem sabendo comunicar-se, andar, etc., o homem nasce com pouquíssimos saberes, apenas os essenciais, o resto são saberes que ele deve adquirir ou aprender ao longo da vida. Quando o homem nasce, em certa medida, ele já sabe comunicar-se com a mãe e traz consigo alguns outros instintos que lhe auxiliará a sobreviver neste momento de chegada ao novo mundo; o choro, por exemplo, o tão terrível destruidor de uma boa noite de sono, é um ato instintivo da criança que objetiva avisar aos adultos que algo lhe está faltando ou simplesmente que ela quer carinho (esse instinto, inclusive, acompanha-nos ao longo de toda a nossa vida: o choro do adulto é, acima de tudo, o pedido de ajuda ou de carinho, excetuando-se, talvez, o choro que emana da alegria). A criança é um ser que está em constante estado de aprendizagem e, por isso mesmo, sabe pouco: aqui entendemos o comportamento tão sem rédea das crianças, que só de longe se assemelha ao dos adultos; é por isso também que elas imitam tanto os adultos, pois a natureza supõe que os adultos “sabem” viver adequadamente no mundo. O processo de adaptação é muito intenso na infância e perdura fortemente até possivelmente o final da adolescência, quando a partir daí só conseguimos rastrear vestígios dele: assim entendemos o porquê de ser tão difícil mudar o nosso comportamento depois de adultos, porquanto há uma nova suposição da natureza: a de que já estamos adaptados e portanto não precisamos mais aprender ou mudar o nosso comportamento.

27 — *Processo de adaptação, parte 2* — A socialização é um modo restrito de vermos o processo de adaptação, pois enquanto este último engloba a adaptação do homem no mundo como um todo, o primeiro trata apenas de sua adequação no meio social. O processo de socialização, não obstante, é gigantesco e atinge-nos em todo o nosso ser, mostrando de forma clara e concisa o quão somos seres sociais e, de

uma forma ainda mais direta e sucinta, mostra-nos que não devemos viver sozinhos. A importância que damos à opinião dos outros, às convenções sociais, etc., mostra-nos que a natureza preparou-nos deliberadamente para a vivência social e que todo aquele que procura o isolamento é, no fundo, um animal doente e infeliz. A moral é oriunda das convenções sociais que foram sendo feitas ao longo da história, entretanto não foi conscientemente que as pessoas as fizeram, pois trata-se de uma imposição da natureza: é preciso que existam certos tipos de comportamentos que facilitem a vida das pessoas e que os mesmos sejam adquiridos pela nova geração; o homem é, portanto, um animal cuja tendência moralista está sempre presente e todo aquele que critica veementemente a moral ou sofreu muito por causa dela ou não adaptou-se a ela — o que em alguns casos vem a dar no mesmo. Por outro lado, o homem que não segue os costumes de uma determinada sociedade é tido como imoral, mas nem por isso deixa de ter sua moral. Portanto, a moral é parte inerente do engenhoso processo de adaptação.

28 — *Processo de adaptação, parte 3* — Sem retirar os olhos das convenções sociais, podemos perceber alguns exageros cometidos pela sociedade que criou, a partir de algo necessário, um tumulto de coisas supérfluas: um exemplo disso é a etiqueta social, que (já que não sou “entiquetado”) não passa de um conjunto de idiotices e besteiras organizadas por pessoas que não têm o que fazer da vida!

29 — *Solidão e tristeza, parte 1* — A solidão é uma espécie de tristeza que não necessariamente é gerada pelo “estar só” ou “estar sem companhia”; ela caracteriza-se essencialmente pelo “sentir-se só”, “sentir-se desamparado ou abandonado”. Para “sentir-se só” não é necessário “estar só” e, inversamente, para “estar só” não faz-se necessário “sentir-se só”. Obviamente, fazendo as devidas distinções e considerações, é preferível sempre “estar só” do que “sentir-se só”. A solidão, esse vazio angustiante, é inerente ao homem justamente por ser uma tristeza e não um estado externo, um “estar só”; também assim vemos que ela está presente em muitas outras espécies animais (no olhar de muitos cães é possível vê-la).

30 — *Solidão e tristeza, parte 2* — Quando perdemos um amigo, uma namorada, enfim, algo que nos era importante, sentimos uma espécie de tristeza que, de certa forma, conhecemos a origem e por isso mesmo temos dela alguma percepção, uma imagem distorcida pelo menos; a solidão, por outro lado, é uma espécie de tristeza que sentimo-la mas não sabemos ao certo de onde vem, ela é uma tristeza vazia, ela expressa nitidamente que temos um “empty space” dentro de nossos corações. Quem tem depressão, mesmo estando rodeado por pessoas que pessoas que manifestamente o amam, sente solidão. Em alguns casos não é possível atinar com a sua origem, aliás, diga-se melhor: na maioria dos depressivos a solidão não tem causa aparente (quero dizer: desprezo dos pais, etc.), a tristeza do deprimido não tem sua origem direta em acontecimentos: ela é fruto principalmente de um distúrbio químico e portanto ele a sente como algo desconhecido, como algo sem origem, que não tem razão de ser — como a solidão é uma espécie de tristeza idêntica, ou mesmo igual, todo depressivo a sente, e fortemente.

31 — *Solidão e tristeza, parte 3* — É claro que existe aquela outra possibilidade, a saber: a solidão é causada por algo ocorrido na infância, alguma espécie de privação de algo bom por que passamos; então, devido a uma sensibilidade “apurada”, sentimo-nos, vez por outra, excluídos de algo, abandonados, desamparados — isso explicaria de forma até satisfatória por que as pessoas se sentem mais sozinhas em épocas festivas como Natal e ano novo. Contudo, essa forma de ver as coisas perde um pouco o sentido no caso dos depressivos, pois todos eles expressam sentirem-se sozinhos, e neste caso a solidão aparenta ser mais um efeito de um estado do que propriamente um efeito de acontecimentos; isto é, seria preciso admitir, para coerência e firmeza da explicação, que determinados acontecimentos, que geram a solidão, gerariam também a depressão — mas o problema reside aqui: existem pessoas, como eu por exemplo, que a depressão está no sangue: ela é genética... Previamente, antes de virmos a vida, já nos sentíamos sozinhos...

32 — *Solidão e tristeza, parte 4* — Causas complexas, muitas variáveis envolvidas, problemáticas profundas: a discussão está em aberto.

33 — *Capitalismo* — O capitalismo, este “engenhoso” sistema que tanto permite quanto instiga a exploração e a desigualdade, ainda conserva em bom estado os seus alicerces em muitas nações, mas isso puro e simplesmente porque permite a mobilidade social: “Hoje tu és explorado, amanhã podereis ser explorador”, essa tênue esperança está enraizada bem no fundo da alma das pessoas que carregam o sistema nas costas, e qualquer sistema que não permite a exploração e a mobilidade entra, mais cedo ou mais tarde, em colapso, pois um dos desejos mais ocultos na maior parte dos homens é o de estar no poder, é o de ser literalmente um explorador (para aquelas pessoas menos utópicas e mais perspicazes esse fato também demonstra o porquê do socialismo nunca ter dado certo); também se um sistema permite a exploração mas não a mobilidade, então, como os explorados são sempre a imensa maioria, haverá um grande insurgimento por parte dos trabalhadores, cedo ou tarde eles revoltar-se-ão contra o sistema, pois ser explorado e poder ser um explorador é uma coisa, ser explorado e só poder ser explorado é uma outra bem distinta. Contudo, a mobilidade social favorece não menos o explorador do que o explorado, porquanto, em certo grau e em um certo aspecto, funciona como um resignador da grande massa, não permitindo uma revolta geral — a própria TV colabora com isso mostrando casos de pessoas miseráveis que conseguiram “êxito” em suas vidas, criando uma falsa ilusão na mente das pessoas pois todos nós sabemos o quão é difícil mover-se na hierarquia social e, demais, para cada pessoa dessa que “vence” na vida existem dezenas de milhares que, muitas vezes, não só não conseguiram “vencer” como, pelo contrário, vivem ainda mais miseravelmente que antes; enfim, o que instiga a esperança e os sonhos é sempre muito forte e as pessoas preferem acreditar num milagre do que encararem a verdade.

34 — *Diferentes religiões* — As naturezas das pessoas divergem de tal maneira que para satisfazer a todas faz-se necessário a existência de diferentes religiões. Crie-se uma nação gigantesca e despoje todas as pessoas que a constituem de suas crenças concernentes à religião, depois institua de uma só vez, em toda a nação, uma única religião; o que ocorrerá é que uma parte da nação vai aderir com muito bom gosto a religião vigente, outra parte apenas por influência vai aderi-la

parcialmente, uma outra vai negá-la e, por fim, haverá aqueles que simplesmente a ignorarão; passado algum tempo, boa parte da primeira parte da qual falamos permanecerá na religião, a segunda parcela largará a religião e se dirigirá a outras que já foram criadas pela terceira e... bom, os que desprezaram inicialmente continuarão sendo “ateus” mesmo. Se duas pessoas diferem muito de caráter, ideologia, etc., e ambas possuem uma propensão para serem religiosas, a existência de duas religiões distintas é indispensável para atender a ambas e elas poderão ser plenamente felizes em suas respectivas religiões. Essa identificação que uma pessoa tem com a sua religião constitui-se o aspecto verdadeiro dessa religião: nesse aspecto todas as religiões são verdadeiras e os seus seguidores podem encontrar a “felicidade espiritual” independentemente de suas religiões, o que torna ridícula a tentativa de alguns religiosos de “converterem” para a sua religião outros religiosos de outras religiões. Em contrapartida, porém, existe um outro aspecto nas religiões: é caracterizado pela tentativa das religiões de darem soluções às questões mais enigmáticas da existência; olhando por esse prisma, como é necessário que existam diferentes religiões e como também elas diferem nas suas explicações para tentar elucidar o grande enigma da existência, então fica claro que todas as religiões são falsas nesse aspecto.

35 — *Dias chuvosos, parte 1* — Os dias chuvosos sempre se me apresentaram como dias mais tristes — talvez porque a minha região seja visceralmente tropical, então a mudança para um clima mais incomum me arrebatava do meu estado mais natural e a melancolia apresenta-se; talvez seja apenas uma questão de temperatura, porquanto quando nós fazemos exercício físico e o corpo se aquece, ficamos menos emotivos e menos sensíveis, e com os dias chuvosos, como acontece do tempo esfriar, então poderia ocorrer o contrário. De qualquer forma, eu não sei, embora conviva com isso desde há muito tempo, não sei realmente explicar o porquê.

36 — *Dias chuvosos, parte 2* — Se eu fosse um músico ou um poeta, mudar-me-ia para uma região mais chuvosa, pois a tristeza me traz inspiração — “Para que vieste/ Na minha janela/ Meter o nariz?/ Se foi por um verso/ Não sou mais poeta/ Ando tão feliz!”. Bravo poeta!

37 — *O lado bom do lado ruim da tecnologia, parte 1* — Existem grupos em todo o mundo que criticam a tecnologia: segundo eles, a tecnologia transformou o mundo em um lugar menos humano; “As pessoas”, dizem eles, “ao invés de conversarem umas com as outras num belo domingo, ficam assistindo TV ou desperdiçando o seu tempo no computador; como efeito, temos as pessoas cada vez mais solitárias e frias, pois se perdeu o calor humano, a conversa, o apoio que só um ser humano de carne e osso pode dar a outra pessoa”. As críticas não param por aí: falam também da degradação sofrida pelo meio-ambiente em nome do progresso, etc. Por meu lado, tenho um caso a contar: quando na infância, viajava com meus pais para visitar nossos familiares; nessa época, ainda não existia energia elétrica na região, e quando chegava a noite, as pessoas saíam de suas casas e iam se encontrar numa determinada casa, que era menos exígua que as demais, para conversarem; ia gente nova, gente velha, gente bonita, gente feia... Todos sentavam em círculos e havia conversas sobre variados temas e entre todas as pessoas; eu, por exemplo, poderia mirar qualquer garota, fosse quem fosse, e depois me aproximar dela para conversar que ela acolheria a atitude mui calorosa e simpaticamente (muito diferente das garotas da “cidade”, essas “mulheres” que na verdade são crianças sem fraudas). Atualmente, neste mesmo lugar, já existe energia elétrica; na mesma hora que antes as pessoas saíam para encontrarem-se, nos dias de hoje elas metem-se em casa para assistirem suas novelas, e quem, nessa hora, aventurar-se saindo de sua casa para dar um passeio pelo local, terá como única companhia sua própria sombra, projetada na rua escura pelas luzes solitárias dos postes.

38 — *O lado bom do lado ruim da tecnologia, parte 2* — Quando iniciei este aforismo, minha ideia era a de mostrar como a tecnologia poderia, por exemplo, atenuar a solidão de um deprimido, e com efeito este seria o lado bom do lado ruim da tecnologia; entretanto, pensei melhor, até porque a tecnologia atenua a solidão com mais solidão, e solidão por solidão, elas são sempre tristes mesmo. Então não encontrei nenhum grande ponto positivo no lado ruim da tecnologia... Mas, de qualquer forma, para preservar o título, lá vai um ponto positivo: a

tecnologia permite-nos aprender a dar mais valor ao calor humano, pois, afinal, a gente sempre costuma dar mais valor àquilo que perdemos.

39 — *Processo de adaptação, parte 4* — Quando saímos à tarde para correr, ou logo cedo pela manhã para caminhar, ou quando vamos à academia lá pela noite, enfim, não importa o tipo de atividade, o que é valioso é a prática regular de alguma atividade física, então fisicamente nós ficamos mais saudáveis e fortes. Ao praticarmos a musculação, os nossos músculos deslizam uns sobre os outros, como consequência do atrito existente, ocorre um desgaste nas fibras musculares que, ulteriormente, se regeneram; acontece que o organismo não cria fibras iguais às perdidas para uma simples reposição, ele cria novas fibras mais resistentes e em maior quantidade: esta é a explicação que é proferida pelos educadores físicos para responderes ao porquê do robustamento físico quando se malha ou quando se pratica alguma atividade na qual o esforço físico faz-se necessário — se inquirirem-me a respeito da veracidade de tal explicação, prefiro abster-me da tentativa de qualquer resposta, o que quero é apegar-me tão-só ao fato em si para dar uma outra resposta à questão. Precedentemente discorri sobre o processo de adaptação do homem no mundo, falei, porém, dos processos mais gerais, aqueles que moldam diretamente o homem para viver no mundo; existe, todavia, processos de adaptação mais específicos e que acompanham o homem durante um longo tempo senão pela vida inteira. O robustamento físico devido a práticas esportivas trata-se de um processo adaptativo; ora, quando fazemos longamente uma determinada atividade física e conseqüentemente adquirimos um melhor preparo físico é porque a natureza nos fez de modo que pudéssemos nos adaptar ao estilo de vida que porventura levarmos; neste nosso caso especificamente, a natureza “supôs” que se o homem realiza constantes e suplicantes esforços físicos durante algum tempo é porque ele precisa realizar este esforço para sobreviver, desta forma ela preparou-nos ao longo dos tempos para que adquiríssemos um melhor condicionamento físico através da atividade física, e isto ela fez intencionando adaptar o homem ao seu modo de vida; para tanto ela espera que o homem “diga” do que precisa para depois ela poder satisfazê-lo, pois, afinal, para que eu preciso de uma grande força física se só realizo tão-somente atividades intelectuais? Pelo mesmo

raciocínio, mostra-se porque o nosso intelecto é sempre melhor preparado quando o exercitamos continuamente. A natureza é, portanto, muito esperta: ela vê X caçar constantemente utilizando-se de pedras, de lanças e arpões e ainda da força física; do outro lado da floresta, ela observa Y arquitetando uma nova arapuca para capturar suas presas, pois Y, ao invés de sair para a caçada como o faz X, arma suas arapucas e espera que o alimento venha cair na armadilha; a natureza, então, depois de dirigir um olhar um tanto quanto furtivo para ambos, mostra sua benevolência — ou será malevolência? — e sem vacilo algum os presenteia: a X dá um físico melhor para que ele possa tornar-se cada vez mais um exímio caçador; a Y ela dá um intelecto mais bem treinado e fortalecido para que ele possa se tornar cada vez mais um grande arquiteto.

40 — *Que é que ela quer?* — A natureza desenvolveu em alguns animais notáveis características que propiciaram-lhes serem grandes caçadores; noutros animais, entretanto, ela desenvolveu características que propiciaram-lhes fugirem dos caçadores; em outros termos: ela deu a alguns animais um instinto e mecanismos para caçar, e deu a outros — as presas — um instinto e mecanismos para escaparem dos caçadores. Que é que ela quer, afinal? Será que ela fez isso porque gosta de trabalhar? Ou será porque ela gosta de uma aventura de vez em quando? Acho que ela adoraria assistir *Alien* ou *O Predador*.

41 — *Aparentes contradições* — Quando volteamos a terra com o nosso olhar, enleva-nos a quantidade de vida que nos cerca e a própria vontade de vida que demonstra a natureza; encantamo-nos com o menear dos coqueiros e com os “jardins adornados com delicados lilases”, com o canto dos pássaros que voam livremente pelo crepúsculo numa bela tarde de um dia cujo céu se nos apresenta com toda a sua imensidão e limpidez; aplaudimos internamente o balé dos golfinhos que ornamentam os mares sempre tão reluzentes que banham nosso planeta; deleitamo-nos com as amizades, com as paixões, com a vida! Sim, disse com a vida mesmo! E às vezes, até o mais triste dos tristes, o mais melancólico dos melancólicos, o mais solitário dos solitários, às vezes até eles mesmos ascendem acima do humano e transportam-se para um lugar onde não há tristeza, melancolia ou solidão: eles sentem-

se eternos, pois neste momento retornam e se unem novamente ao todo. Mas... bom, deixemos de devanear por um instante. Quando olhamos para a Terra e posteriormente corremos o olhar ou o pensamento pelos outros globos do universo, ficamos com a impressão de que existe uma contradição na natureza: aqui onde vivemos existem tantas formas de vida, o nosso planeta se nos apresenta com uma força vital tão essencial e poderosamente intensa que fica até difícil imaginar que outros planetas, que são regidos pelas mesmas leis que o nosso, não apresentem vida também, mas é justamente isso que diz as investigações realizadas pela ciência — ao menos no que diz respeito aos nossos “vizinhos”. O quê? Como? Não acredito?! Uma natureza que foi tão generosa conosco trata os outros planetas assim com tanto desdém? Uma natureza que agiu meticulosamente em todo o nosso planeta sequer olhou de soslaio para os demais? Onde está o seu obséquio? Foi por isso que os antigos disseram que a Terra era o centro do universo. Ah, é verdade, tinha esquecido, eles nem sabiam que não existiam grandes formas de vida nos planetas vizinhos; na verdade, eu acho que eles nem sabiam que existiam outros planetas. Bom, a despeito de tudo, não existe contradição alguma: além do nosso tempo ser diferente do tempo da natureza, nós somos um pequeno grão de areia no universo e, mesmo que esse argumento falhe, em última instância, posso ainda dizer que existe vida em todo o universo.

42 — *Presunção?* — As pessoas acreditam — ou tentam acreditar — que têm o poder de controlar o futuro, de alterá-lo ou de desenvolvê-lo à sua maneira. Aproxime-se de alguém e pergunte: “Sabias que não tens poder sobre tuas ações, que as coisas acontecem como devem acontecer e que o universo é o que é e não poderia ser de outra forma?”. Ela provavelmente repudiará a primeira e a segunda partes da pergunta — a terceira ela nem compreenderá — e dirigirá para você um olhar não menos ofendido do que desgostoso. Pergunte a qualquer pessoa se a Terra pode escolher entre girar em torno do Sol ou de Júpiter, pergunte se os planetas foram quem escolheu girar elipticamente em torno do Sol ao invés de circularmente, pergunte se uma maçã controla a velocidade de sua queda, pergunte se um cachorro pode fazer seu próprio futuro; a resposta para todas essas perguntas será uma só: não. Agora, depois dessa bateria de perguntas, faça uma última: pergunte se os homens têm

poder sobre seus atos; a resposta a essa última pergunta será sim. Feito isso, você percebe que não é que elas não compreendam a questão, é que elas não querem compreender, pois, aqui entre nós, afirmar que uma mesma lei vale para todo o universo, porém não para o homem, é o mesmo que dizer que o homem não está ou não faz parte do universo, isto é, é o mesmo que vociferar um absurdo inaudito.

43 — *Diferentes pontos de vista* — A vida é uma competição, e sendo ela uma competição, o maior bem que alguém pode possuir é a capacidade de destruir os outros: portanto, a maior virtude é a força — eis um ponto de vista. A natureza não colocou os homens para competirem uns com os outros para massacrarem-se, mas para que cada um se esforçasse para evoluir em relação aos outros e, por conseguinte, em relação a si mesmos, promovendo, a partir da evolução individual, a evolução da espécie: portanto, a maior virtude não é outra coisa senão o esforço com que se sente superar a si mesmo — eis um outro ponto de vista.

44 — *Contra os professores* — Em muitos professores a satisfação de ensinar vem justamente da sensação de “saber mais” que os outros, de estar “por cima” dos seus alunos... É também por isso que muitos professores nunca admitem que estão errados.

45 — *Contra os educadores* — Diz-se que um dos objetivos primordiais da educação é o desenvolvimento do cidadão, daquele que deve ter participação ativa na sociedade, sempre apresentando uma disposição altruísta para com outrem: ouvimos isso com frequência, em um coro manifestamente portador de uma unissonância cansativa e monótona, que os educadores não se cansam de nos propiciar. Nas escolas, porém, os alunos são instigados ininterruptamente a sempre competirem uns com os outros, seja nas atividades seja nas posturas assumidas pelos professores. Os alunos então mantêm contato e convivem com uma grave contradição: os educadores afirmam algo, mas por diversas vezes parecem não convencerem-se a si próprios e fazem justamente o contrário do que dizem: é aqui onde é colocada a maior parte das dinamites que fazem desmoronar os alicerces da educação, pois uma ação vale mais do que dez mil palavras. E a questão

ainda piora pelo seguinte: o comportamento dos educadores não destoa unicamente dos objetivos da educação, mas de suas próprias palavras; com isso, os estudantes não só não deixam de perceber o comportamento inadequado dos educadores como também suas mentiras, o que afeta de uma forma duplamente “negativa” os estudantes, principalmente os de idade mais tenra.

46 — *A voz do povo é a voz de deus?* — Como?! E deus tem voz?

47 — *Tolerância e auto-aceitação* — As pessoas que não conseguem se aceitar, que imaginam estarem grandemente afastadas dos seus semelhantes, por isso mesmo imaginarão que as outras pessoas não as aceitarão: inicia-se aqui enormes conflitos internos nas referidas pessoas, às quais, daí em diante, não sem muita frequência, tentarão convencer-se de todas as maneiras de que a discrepância entre as pessoas é normal e até essencial. O intelecto funcionará como uma importante e imprescindível arma para que o indivíduo possa contornar ou mitigar os seus conflitos: a natureza do indivíduo vai forçar o intelecto a agir para que ele possa oferecer-lhe uma elucidação da questão, isto é, motivos e argumentos que auxiliem o indivíduo no ato de convencer-se da naturalidade das diferenças; se acaso não houver motivos ou argumentos plausíveis, como o intelecto é forçado a ajudar, então ele inventa-os. O indivíduo então lança-se num abismo de reflexões, e depois de um bom tempo imerso em ponderações, ele, ajudado por suas dúvidas e sofrimentos, tornar-se-á mais tolerante, e não apenas porque aprendeu a observar mais amplamente tudo a sua volta, mas sobretudo porque sabe o que é não ser aceito. Assim, antes dele desprezar uma outra pessoa, ele mesmo coloca-se no seu lugar e vê naquela pessoa o seu próprio eu, receoso e amedrontado, que anseia por uma atenção ou mesmo um simples olhar; a tristeza então penetra-lhe o coração, e ele, imediatamente depois, arrepende-se do que ia fazer e já passa a tratar a outra pessoa com mais amabilidade, com mais polidez, com uma delicadeza que só pessoas que sofreram muito possuem.

48 — *O ceticismo no mundo atual* — A globalização levou às pessoas um conjunto variado de informações concernentes ao passado e ao presente, que permitiram-nas e permitem-nas uma visualização ampla e

concisa de todo o universo de conhecimentos produzidos ao longo da história. Elas acompanharam o perecimento de diversificadas crenças e religiões que sucumbiram com o advento de outras novas; depois acompanharam a convalescença de outras e, finalmente, a descrença em todas. As mentes um pouco mais perspicazes olham para uma determinada época e, ao contemplarem suas crenças, ideologias, teorias científicas, verificam o quão absurdo era todo aquele tumulto de pensamentos elaborados pelos homens, que hoje não são mais do que piadas sem graça — perguntaram aos antigos que causam concorreram para a extinção dos dinossauros, eles então, senhores de si e sem o menor pudor ou hesitação, responderam: “Não houve causas, mas foi uma só: eles não couberam na arca de Noé” (vê-se, com isso, que algumas até têm graça). Diante desta situação, algumas pessoas param, põem-se a meditar, correm a vista pelos conhecimentos produzidos pela nossa época e que permeiam as ideias de toda a gente, depois perguntam-se: “Não seria todo este conhecimento um fruto que, não muito tarde, ficará podre? As pessoas outrora acreditavam ser a Terra o centro o universo e esta era uma verdade quase incontestável mesmo para as pessoas mais inteligentes: não será verdade também que estamos a cometer o mesmo erro? Acreditava-se na demonstração de algumas verdades que, na verdade, não eram verdades, e no entanto, atualmente, a ciência tenta demonstrar outras verdades para o mundo sempre se apoiando no famoso desenvolvimento dos métodos e coisas afins; não seria um erro acreditar em tais demonstrações, assim como o foi a crença nas demonstrações de outrora?”. A dúvida então instala-se na mente de muitas pessoas, produzindo nelas algumas marcas que moldarão muitas de suas ideias — isto, claro, só ocorre em pessoas mais, por assim dizer, inteligentes: a semente do ceticismo precisa de uma mente astuta e fértil para germinar. A verdade de algumas afirmações só é advogada por muitos enquanto não forem contra as suas “convicções”, pois, em caso afirmativo, haverá uma grande negação e pouquíssimos defenderão uma afirmação que é contrária ou invalida a sua, e tudo isto poderão justificar facilmente, aliás, dizendo melhor, justificar-se-ão facilmente. O ceticismo serve como trunfo para muita gente que pretende advogar suas próprias crenças: elas já não estão mais interessadas em descobrirem ou viverem na verdade, mas querem viver sua própria verdade — o que não é condenável —; e para defenderem-

se evocam as verdades que sucumbiram e caíram em trevas ao longo da história, para finalmente jogarem na cara de alguém que tenta-lhes mostrar o absurdo de suas crenças a seguinte pergunta já tão usada por muitos: “ Por que dizes que minhas crenças não são verdadeiras, se a verdade sequer existe?”. É dessa maneira que cada um faz do ceticismo um instrumento poderoso para defenderem suas próprias opiniões, colaborando para que o misticismo rasteiro e a superstição triunfem mesmo nos meios mais eruditos. Por outro lado, existem pessoas que, por tendência, são céticas, que já nascem céticas e que nutrem o ceticismo ao longo de toda a sua vida, e mesmo assim partem em busca de terrenos mais firmes para pisarem, mas não na tola esperança de encontrá-los, mas sim devido ao prazer da busca, da análise, da perscrutação e do clarear do que é misterioso e enigmático: é nesse grupo que nos encaixamos.

49 — *Um erro de percepção* — Muitos depressivos imaginam que sua tristeza vem de fora, justamente porque a tristeza e a imagem dos supostos problemas e situações que, segundo pensam, entristecem-no, aparecem-lhes quase que concomitantemente. Quando a tristeza faz-se presente, ela começa a governar o intelecto fazendo-o seu escravo; o intelecto então começa a imaginar ou lembrar situações tristes, ou mesmo reminiscências lancinantes vem à tona: é como se o intelecto quisesse justificar de alguma forma a tristeza sentida, assim como ele sempre procura motivos para justificar nossos gostos: da mesma forma que aqui os motivos não causam os gostos, ali também as lembranças tristes e as imagens dos supostos problemas não causam a tristeza: o gosto e a tristeza sempre aparecem primeiro, depois é que o intelecto vem justificando tudo — se acaso não acreditares, peça a um depressivo que se encontra em crise para que ele imagine coisas boas que porventura aconteceram ou acontecem em sua vida; depois se aproxime de um que não esteja passando por uma crise e peça-lhe que imagine as mesmas coisas tristes que permeiam sua mente quando do estado de tristeza; finalmente, observe se houve alguma mudança significativa em ambos. A força do sentimento é tão grande que haverá um esquecimento de muitas coisas boas e de muitas coisas ruins, respectivamente, no primeiro e no segundo caso. Quando a tristeza chega a um depressivo, o intelecto logo reage e o deprimido então só

percebe diretamente a tristeza através dele: é aqui, em geral, que ocorre um erro de percepção: como eles só entram em contato direto com a tristeza através do intelecto, eles culpam o que está no intelecto pela tristeza, e isso ocorre porque tudo ocorre senão ao mesmo tempo, mas quase ao mesmo tempo. Concluimos daí que um depressivo, independentemente de sua vida, sempre vai colocar a culpa pela sua tristeza em algo: se for um jovem dirá que a falta de uma namorada e a solidão é que são culpados; se já for casado dirá que é a esposa; se for pobre dirá que é a pobreza; se for rico dirá que é a riqueza; enfim, culparão algo que, no máximo, será causa parcialmente direta de suas infelicidades (veja-se que posso inverter ou falar em inversão, mas inversão parcial); ou seja, de grosso modo, ninguém é triste porque tem problemas, assim como ninguém é triste porque não tem fé, mas, em ambos os casos, temos o inverso: imaginamos que temos problemas e não temos fé porque somos tristes.

50 — *Pena de si mesmo* — A pena de si mesmo, vista em muitos que sofre, é um sintoma da sensação de injustiça experimentada por quem a sente, isto é, primeiramente faz-se necessário um grande sofrimento para que, em uma fase ulterior, muitos se sintam injustiçados: a comiseração para consigo próprio, então, aparece. Essa sensação de injustiça, ou seja, a de que são os outros os culpados pelas nossas dores e infelicidade, é uma expressão da fragilidade do indivíduo diante de sua condição: a natureza do indivíduo faz com que ele culpe os outros ou o mundo ou até mesmo deus pelas suas desgraças, porque sabe que o indivíduo não suportaria saber que, na verdade, é ele o responsável pela sua própria situação, ou seja, a natureza esforça-se para proteger o indivíduo fazendo com que ele culpe o universo por seus problemas, pois, a bem dizer, em certas situações, pelo menos por um instante, é melhor que seja mesmo assim, porquanto o indivíduo não suportaria reconhecer ser ele a causa, mesmo que talvez indireta, de todos os seus suplícios; na verdade, em um estado assim, ele se encontra em desequilíbrio e com suas forças desorganizadas, sem condição alguma de luta: é também por isso que a natureza sequer permite que o ser tenha uma entrevisão da sua real situação. Existem muitas pessoas que afirmam ser a comiseração para consigo próprio um grande entrave para uma vida feliz, todavia eis que temos um erro aqui: a pena de si mesmo

não é causa, e sim efeito; o correto seria afirmar que a pena de si mesmo indica antes um grande sofrimento, e não que ela cause e mantenha o sofrimento. A pena de si mesmo também nos diz que o indivíduo se encontra em um estado de maturação aquém do necessário para uma possível resolução ou pelo menos enfrentamento dos seus problemas: se você culpa os outros pelos seus sofrimentos (sofrimentos cujas causas se encontram em você mesmo), você estará negando ser você a causa deles, isto é, você estará negando as suas verdadeiras causas; ora, como você vai lutar contra um adversário que você sequer admite a existência? Na verdade, retornando alguns passos, creio que as pessoas quando dizem ser a pena de si mesmo um entrave para a felicidade, creio que elas não têm outra coisa senão isso em mente, ou seja, se você tem pena de si mesmo, é porque existe em você uma negação das causas das suas dores, portanto você não poderá lutar contra elas, permanecendo imerso na sua infelicidade; mas, de um ou de outro jeito, o que tais pessoas dizem é incorreto, elas estão confundindo a propriedade de uma coisa com a própria coisa, enfim, elas não sabem o que dizem. A pena de si mesmo também pode indicar pessimismo: o indivíduo tenta incutir todas as espécies de defeitos no mundo, esbravejando injúrias desconcertantes contra o mesmo, objetivando destruir e negar completamente o “causador” de suas lágrimas; em outras palavras, todos aqueles que criticam ferozmente o universo, despejando nele todo o seu descontentamento, possivelmente não deixam de experimentar uma profunda compaixão por si mesmos: o que é de se lamentar, pois fazendo isso eles sempre incorrem na tolice de abrigarem em suas almas ainda mais lágrimas: tais pessoas não estão condenadas à infelicidade, elas são infelizes!

51 — *O ilógico critica o ilógico* — Eu estava numa aula quando, repentinamente, irrompeu uma discussão intempestiva entre professor e aluno; era sobre o velho embate entre Criacionismo e Evolucionismo. O professor defendia o Evolucionismo e a aluna, o Criacionismo. Tempos depois, esta mesma aluna, que na ocasião precedentemente descrita mostrava-se tão senhora de si, tão altiva, esta mesma aluna encontrei-a um outro dia na aula, e, como que demonstrando um profundo desgosto para com os outros, ela levou as mãos às têmporas e afirmou: “Meu deus! Como existem pessoas ilógicas no mundo!”.

52 — *Sejamos sinceros* — Todo governo é uma hierarquia que se inicia e finda com o povo. Portanto, onde existem políticos corruptos existe um povo corrupto, e vice-versa. Aqui no Brasil, costuma-se culpar os políticos pelo não desenvolvimento econômico e social do país: estão sempre no foco de injúrias oriundas de todos os lados, enquanto que fala-se polidamente do povão — encontra-se aqui uma falsidade, pois, que os políticos ou boa parte deles são corruptos, isto ninguém o nega, todavia, negar uma identidade entre o povo e os políticos é ou ser ignorante ou hipócrita. A corrupção no Brasil é generalizada, manifestando-se em todas as camadas sociais e em todos os ramos de negócios e atividades, desde a feira até a presidência da república, desde os presídios até as igrejas, desde as rádios até as mais importantes empresas televisivas. A corrupção no nosso país é um problema cultural e está arraigada até as entranhas em toda (ou quase toda) a espécie de gente. Não obstante, tenta-se dissimular: a imprensa propaga ideias elogiosas acerca do povo, o povo oculta a sua podridão e todos convergem suas críticas para a classe política, que, na verdade, aqui ao menos, em grosso modo, não passa de um produto do meio: a corrupção não vem de cima para baixo, mas de baixo para cima — aliás, neste caso, não existe “embaixo” e “em cima”. Como a nossa corrupção é um problema ou uma característica cultural, então não podemos ter uma boa perspectiva para um futuro próximo: assim como outros aspectos da cultura, a corrupção é inegavelmente um legado que uma geração herda da sua precedente. Portanto, quando assistimos esses tais “shows da realidade” (nossa! Que programas ridículos!) e vemos alguns participantes combinando-se para que, ilicitamente, possam eliminar um outro, não podemos jamais esperar que os seus filhos se comportem muito diferentemente quando postos na mesma situação.

53 — *Diálogo entre ateu, religioso e filósofo* — Indignado, o ateu diz ao religioso:

ATEU: “A religiosidade é sempre sinônimo de falta de inteligência!”

RELIGIOSO: Meu jovem, embora a vossa pessoa digne-se de uma tal ou qual inteligência, é à vossa pessoa que ela furtou-se, pois crer que tudo o que existe não é uma criação de um ser supremo e infinitamente

perfeito é crer que algo possa existir sem origem, ou seja, é acreditar em um absurdo”.

ATEU: “Mas o senhor também diz que deus não tem origem...”.

FILÓSOFO: “Abrandem-se, meus amigos; nem a religiosidade é sinônimo de uma insatisfatória inteligência tampouco o ateísmo o é. As pessoas querem a todo custo dar legitimidade às suas crenças, mas não deve ser deste modo: as crenças são injustificáveis. Os homens supõem-se animais racionais, mas, no entanto, nem de longe o são...”.

Depois de pensar assim (pois o filósofo sabia que não adiantaria dizer nada), o filósofo, já saindo, olhou de soslaio os outros dois que, naquele momento, já estavam quase a se estapear, mostrando desta maneira as suas “inteligências”.

54 — *A ciência está indo longe demais?* — Elisa saiu do aconchego de sua casa e foi à catedral localizada no seu bairro; chegando lá, apresentou-se ao padre e perguntou: “Padre, eu sinto um grande vazio dentro de mim, sinto-me só, sem um grande desejo de viver, eu não tenho fé alguma e se vim aqui hoje é porque estou a sofrer muito. Gostaria de saber qual a sua opinião sobre isto?”. O padre então, tomando a palavra, falou-lhe: “Minha filha, o que você sente é a falta de Deus, a falta de fé: todo o seu desespero emana daí”. Elisa inquietou-se, olhou ao seu redor, viu o quão era linda a catedral, lembrou-se dos inúmeros momentos em que quis conversar com o padre mas que a igreja encontrava-se fechada, teve um acesso de raiva e dirigiu-se novamente ao padre: “Mas, padre, quer dizer então que ‘depressão’ é o nome científico para a falta de fé?”. O padre então já não mais respondeu: desculpou-se e disse apressadamente que tinha que sair para “ajudar” aos necessitados.

55 — *Profundas lamentações* — Era já noite. O dia daquela noite transcorreu maravilhosamente: era tudo alvo, imaculado, límpido, cintilante; instava-se ao deprimido para alegrar-se, ao armado para desarmar-se, ao introvertido para extroverter-se; as pessoas apresentavam um cândido e honesto sorriso uma às outras, um comportamento sem máculas, um olhar doce e cheio de encanto; o sol reluzia simpaticamente, a condescendência era visível, todas as diferenças e todos os pólos consubstanciaram-se. Enfim saí. Dirigi-me

ao parque. Todavia, assim que pus os pés para fora de casa, escutei um canto, um canto de criança, aliás, de várias crianças. Aproximei-me para vê-las cantar: estavam em círculo, todas meigamente vestidas de branco e cantando “Parabéns”; havia alguém no centro, as crianças meneavam o corpo e as mãos em cadência, a música era cantada compassadamente, era tudo muito estranho e singular, mas havia alegria, sim, muita alegria. “...a música é para homens tristes...”, lembrei-me de “Eternamente Jovem” e, pelo menos ali, naquele instante, não pareceu-me expressar-se bem. Segui meu caminho e cheguei ao parque, pois ficava ali pertinho de casa. No parque, tudo era alegria e deleite, os jovens e os velhos, os casais, as crianças, todos regozijavam-se e divertiam-se de maneiras diversas, apresentavam um largo sorriso, todos estavam acompanhados... Todos, menos eu. Senti repentinamente que eu não pertencia àquele lugar, àquelas pessoas, àquela cidade, àquele mundo. Vire-me e fui embora. Quando u já chegava perto de casa, escutei “Feliz Natal (A guerra acabou)”, e nunca, nunca uma canção me tocou tão profundamente. Lembrei-me novamente de “Eternamente Jovem” e não pude deixar de dar-lhe razão, desta vez.

56 — *Beatificações* — A Bíblia nos narra muitos prodígios de outrora, mostrando-nos o quão eram milagrosos os tempos passados e o quão eram iluminados os seus principais representantes, aos quais, excetuando-se Jesus e talvez algum outro, deram-lhes o nome de “santos”. Mas a época mudou, a ciência avançou, a História se apresentou com mais força, e os cristãos já não vêem desde séculos homens cujo poder se sobrepujasse aos dos demais, homens que poder-se-ia denominar, literalmente, de divinos. A Igreja Católica então vê-se em dificuldades e pergunta-se a si mesma: “Como, como é possível não haver mais milagres como em outros tempos?”, e aqueles de menos fé: “Será mesmo que tais prodígios aconteceram realmente? Será que nos enganaram ao longo de todo esse tempo? Será que uma mentira pode perdurar assim por tanto tempo?”; posteriormente, toda a Igreja se reúne: aqueles que têm fé e aqueles de pouca fé, e também aqueles que não têm fé alguma (pois estes também fazem parte da Igreja), eles se reúnem para decidir o que é melhor: beatificar-se a tudo e a todos ou apenas aqueles homens comprovadamente santos. Eles ficam, é claro,

propensos à primeira opção, pois, em primeiro lugar, não existem estes homens comprovadamente santos (não todos, mas muitos o sabem) e, em segundo lugar, sair beatificando reanima as suas crenças e, o que é o mais importante, não deixa com que os cristãos percam as suas.

57 — *Afirmção sábia* — “Vocês só vão à igreja e só ajudam aos outros porque a Bíblia ordena e promete castigos para quem não cumprir as ordens!”, exclamou um ateu dirigindo-se a um bispo. Este último, tomando a vez, calmamente disse: “Não sigo os ensinamentos bíblicos porque ela ordena, mas sim e sobretudo porque estou convicto de que eles são verdadeiros!”.

58 — *Conhecimento intuitivo* — Um dia eu estava assistindo TV, era um programa esportivo, eu era ainda uma criança, e um alpinista estava sendo entrevistado ao ar livre, em um lugar montanhoso e deveras bonito. O repórter então perguntou: “Você acredita em deus?”. O alpinista mexeu um pouco os olhos, pensou, virou-se e passou a olhar toda a imensidão daquele lugar, toda a imensidão que seus olhos permitiam-lhe enxergar. Um instante depois, sem fincar o olhar no repórter e mantendo-os na natureza, abriu os braços e disse-lhe: “Eu acredito na natureza, na sua força, na sua sabedoria”. Naquela época eu era ingênuo (ainda sou), nunca tinha escutado absolutamente nada sobre o panteísmo ou monismo e tinha uma visão completamente dualista das coisas. Todavia, coisa estranha!, aquela resposta jamais deixou de me acompanhar. Na época em que escutei-a, embora não tivesse compreendido, eu como que suspendi o meu julgamento — era como se eu tivesse pressentido uma verdade ali, uma verdade que até então tinha passado despercebida por mim, ou, o que é mais certo, uma verdade da qual tinha sido privado. Ainda hoje lembro-me com satisfação do alpinista e de sua resposta.

59 — *O louco* — Então ele saiu arrebatadamente de casa e com um ímpeto alucinante começou a bradar: “Irmãos meus, sim, meus queridos e amáveis irmãos, nós vivemos no melhor de todos os mundos possíveis!”. As poucas pessoas que estavam na rua entreolharam-se com um sorriso sarcástico, reuniram-se e perguntaram-lhe: “Por que dizes que vivemos em um mundo que é o melhor possível?”. Ele, sem

vacilação, respondeu: “Ora, tudo que deus criou não poderia ter sido criado de uma outra forma, e, além disso, como deus é um ser absolutamente sábio e cheio de amor e bondade, segue-se, pois, que este mundo não poderia ser...”, um grande e estrondoso barulho o interrompeu abruptamente, as pessoas viraram-se assustadas, o barulho que ecoou tinha paralisado a todos; um pequeno instante depois, questão de segundos mesmo, as pessoas voltaram-se novamente para o pregador, para o “louco”, como chamavam-no, e surpreenderam-se, pois ele estava caído: uma bala partiu-lhe o crânio.

60 — *O mundo como felicidade e imaginação* — Dois ingênuos saem a passeio: eram amigos e moravam na mesma rua — poder-se-ia até dizer que cresceram juntos e que partilhavam de uma, senão mesma, mas quase mesma visão de mundo. Saíram no então momento porque ouviram falar numa tal discussão que ia ou estava ocorrendo na praçinha da cidadezinha onde moravam. Iam conversando animadamente, cada um exibindo um sorriso doce e terno, até que um deles lembrou-se e evocou um ocorrido na sala de aula da escola em que ambos estudavam. Ele, que não entendera o caso, evocou-lhe para pedir ao amigo que o elucidasse, pondo uma luz definitiva sobre a questão. Assim começou ele: “Você não foi hoje à escola e houve nela um ocorrido que eu não consegui entender: ao ser questionado por um aluno acerca da importância da Matemática, o professor, dentre outras coisas, respondeu-lhe que a Matemática era importante para que ele, o aluno, não fosse enganado na feira das cidades grandes”, “Como é que é?! O que é que ele quis dizer com este ‘enganado’? Ele quis dizer que as pessoas se enganam umas às outras?”, disse o amigo; “Foi o que supus inicialmente”, continuou o outro, “Mas vi que isso era absurdo, pois o mundo é bom e as pessoas são boas. Pelo contexto da fala do professor, aparentou-nos que ele tinha a intenção de passar-nos isso mesmo, mas, depois, pensando melhor, cheguei a conclusão que não, que ele deve ter usado a palavra em um outro sentido e é por isso que eu te pedi socorro, entretanto já vi que você não poderá me socorrer. Agora, eu não entendi: por que razão você disse ‘ele quis dizer que as pessoas se enganam umas às outras?’”, eu quero dizer, por que é que você perguntou isso assim, logo de cara?”, ao passo que o amigo respondeu: “É que, um outro dia, como minha mão mandasse que eu

fosse para o quarto em castigo por eu ter manifestado o desejo de assistir TV e porque ela ia receber visitas, eu fiz que me retirei para o quarto mas resolvi ficar um pouquinho mais, esperando uma ordem final dela, pois no fundo não queria ir. Acontece que fiquei à espreita por detrás da cortina escutando a conversa dela com as visitas e esperando que ela dirigisse o seu olhar imperativo para mim: ela não me viu, porém, e pude escutar um pouco a conversa. Nela, em um determinado momento escutei balbucios de que havia pessoas que estavam se enganando lá não sei onde. Desse dia para cá fiquei a pensar e confesso-lhe que uma estranha tristeza apareceu em meu coração...”, “Não se preocupe, certamente não existe verdade aí e eu é que devo ter entendido mal o que o professor disse”, falou, por fim, o outro, no justo momento em que avistaram a praça para a qual se dirigiam. E para lá foram, sempre com a mesma felicidade que lhes eram característica.

61 — *O solitário* — Todo final de tarde ele sai para passear, pois é à tarde que nobres sentimentos mostram-se-lhe, é à tardinha que o seu vazio cresce, que a sua dor aparece, que o seu olhar entenece, que a sua esperança convalesce. Ele então sai, com passos firmes, para o passeio. Começa vagando sem rumo, como se estivesse a procurar algo, mas o quê? Nada de vivacidade ou ímpeto em sua procura, mas indolência: é como se já viesse procurando há muito, muito tempo, porém, como não encontrasse nunca, sem perder todas as esperanças, passou a procurar resignadamente. Mas o quê, o que ele tanto procura? Seria um preenchimento? Seria uma pessoa, um amigo ou uma amiga para conversar? Seria deus? Por que ele nunca encontra consolo nos outros? Será que é porque o criticaram? Será que é porque o abandonaram e ele já não confia em ninguém? Eu presumo que nem ele mesmo saiba as respostas para tantos porquês; ele sabe apenas o porquê dos porquês, contudo não sabe o porquê do porquê dos porquês.

SEGUNDA PARTE

1 — *Da origem da vida* — Oparin explicou, ou tentou explicar, como a vida, através de material inorgânico, surgiu na Terra. Segundo ele, a Terra, há milhões de anos, possuía uma atmosfera bem diferente da que se nos apresenta hoje; provavelmente era rica em vapor de água, metano, amônia e hidrogênio. Esses gases devem ter se combinado originando moléculas de aminoácidos; posteriormente, bom, posteriormente a vida foi seguindo o seu rumo até chegar ao que somos hoje. Lendo esta teoria, sem muito esmero mesmo, fiquei com a sensação de que tratava-se apenas de uma teoria alicerçada em um amontoado de classificações e concepções naturalmente humanas, o que, em certo grau, é completamente aceitável, pois não trata-se de uma perscrutação filosófica, mas tão-somente de uma tentativa de elucidar uma de tantas questões perenes que atormentavam a ciência que, igual a um cego, só consegue identificar ou conhecer algo através do barulho ou do tato, pois ela não possui visão, ela não passa de um objeto cuja única finalidade é servir-nos. Mas, voltando à teoria, se a olharmos com outros olhos, ficamos tentados a dizer que não é mais sensato imaginar que a vida em si mesma tenha se originado de matéria completamente inanimada do que imaginar que tudo surgiu do nada, que as leis da natureza podem ser quebradas a qualquer momento, que todo o universo pode desaparecer ou ser aniquilado em um centésimo de segundo. Ora, como o pensar e o sentir podem ter como primeira ou segunda causa (ou terceira ou quarta) uma mera combinação de gases? Será que estes pensamentos que estou transcrevendo aqui se originaram de uma combinação material, puramente material? É-nos evidente que não. Todavia, veja-se: não estou defendendo qualquer espécie de dualismo ou até mesmo de criacionismo, também não estou criticando a teoria de Oparin, pelo menos não diretamente. O que estou dizendo é que a vida em si mesma, isto é, a vida enquanto pertencente à essência do universo, ela não pode ter surgido de um simples acaso: na verdade, ela nem surgiu, pois, como acabei de dizer, ela pertence à essência do universo, e isto todos nós podemos perceber, basta olharmos para a teoria de Oparin e veremos que, mesmo que tudo aquilo seja verdade, o que ocorreu foi apenas uma transformação, não houve o surgimento de coisa alguma ali, trata-se apenas de uma modificação nas tabelas e classificações elaboradas pelos homens. O que é que é matéria orgânica? O que é que é matéria inorgânica? A natureza não diferencia

ambas e portanto tal pergunta não porta sentido para ela. O homem destrói a natureza? Faça essa pergunta às pessoas e todas balançarão a cabeça respondendo afirmativamente, esquecendo-se que o próprio homem faz parte da natureza e que por isso mesmo não pode destruí-la. Não há como negar que as massas humanas pensam superficialmente, e muitos cientistas também o fazem, ignorando a metafísica e mostrando desta maneira que não sabem o que estão fazendo. Do fato de existir um princípio vital inerente ao universo, decorre consequências impressionantes e inacreditáveis para tais pessoas: existe vida em tudo no universo, ou seja, todo corpo extenso possui também uma parte imaterial. Para entendermos melhor, vejamos o seguinte: podemos descrever uma pessoa dizendo ser ela alta, magra, cabelos compridos, etc.; mas podemos também descrevê-la de uma outra maneira, qual seja: dizendo que ela é meiga, alegre, inteligente, etc.; isto é, podemos descrevê-la material e imaterialmente. Todavia, não é só um ser humano que podemos descrever assim: tudo no universo pode ser descrito assim, isto é, em outras palavras e levando o raciocínio às últimas consequências: tudo no universo pensa e sente.

2 — *Quando vemos as coisas como objetos* — A muitos assusta todos os atos praticados pelos nazistas contra os judeus, todo aquele massacre covarde e cruel que levou muitos homens a entreolharem-se e perguntarem a si próprios se eles também possuíam dentro de si um algoz ou um demônio tão cruel como aquele apresentado por Hitler e sua turma. Realmente, quando pensamos em tudo o que os nazistas fizeram no Holocausto, nunca deixamos de nos assustar com tamanhas barbaridades e atos de violência pura contra a espécie humana: a própria natureza deve ter ficado assustada, pois ela, em geral, sem receio algum, coloca uma espécie contra a outra, mas é incomum ela colocar uma espécie contra si própria, conquanto muitas tenham indivíduos que pratiquem o canibalismo. Os assassinos em série também são responsáveis pela promoção de atos selvagens — nunca esqueci do casal que convidava as pessoas para um chá, se bem me lembro, para depois asfixiá-las com um pedaço de plástico; também não esqueci de um psicopata que acorrentava mulheres uma ao lado da outra, depois, com o passar dos dias, ia cortando os pedaços de uma para dar para a outra comer, até que finalmente todas morriam e tinham, por fim, suas

cabeças decepadas e guardadas em um barril (vi ambos os casos numa reportagem há muitos, muitos anos, por isso estou escrevendo apenas o que lembro e peço desculpas se acaso não lembrei com precisão). Ficamos assombrados com tais casos, mas só enquanto os olhamos com olhos humanos, só enquanto olhamos para os nazistas e para os psicopatas como se eles fossem objetos incumbidos de trazer-nos um mal, um grande mal, um mal desumano: sempre olhamos para eles como eles olham para suas vítimas. Por outro lado, se olharmos para Hitler e o encararmos como ele deve ser encarado, ou seja, como um ser humano, como um homem que sofreu muito, um homem muito infeliz e doente, então poderemos começar a compreender o seu comportamento e a sua conduta, e os seus atos não nos deixarão tão chocados. E se nós olharmos mais parcialmente, se deixarmos um pouco de lado os olhos humanos e formos para um lugar muito distante, um lugar onde veríamos a tudo e a todos de forma imparcial, então perceberíamos que não há nada de estranho nos atos dos psicopatas ou nos atos cometidos pelos nazistas: os escorpiões sempre comeram uns aos outros, e este fato nunca nos despertou comoção alguma; nós vamos ao supermercado e compramos venenos para insetos, ao chegarmos em casa o aplicamos na primeira barata que encontramos e sem ressentimento algum ficamos assistindo a pobrezinha morrer aos poucos numa agonia extrema: justamente aqui estamos agindo como os nazistas, porquanto estamos praticando um ato covarde e cruel contra um ser vivo que não nos fez nada, mas que é visto por nós como um mero objeto, um objeto que nos importuna, isto é, olhamos para ele da mesma forma que os nazistas olhavam para os judeus. Mas, apesar disso, ficamos aturdidos quando ouvimos falar nas câmaras de gás. Em suma, nunca existiu um demônio em Hitler e os seus atos nunca foram tão perniciosos e malignos como se pensa: nós mesmos praticamos atos semelhantes, o problema é que nunca percebemos, assim como Hitler não percebia os seus.

3 — *Da inconstância das mulheres* — Não é incomum encontrarmos em textos mais antigos referências a uma tal inconstância das mulheres — até mesmo nos dias de hoje escutamos eventualmente coisas parecidas, como aquela famosa afirmação que diz que mulher é algo muito bom, mas é bicho que ninguém compreende tampouco sabe-se o que ela quer. Uma certa inconstância é até natural e, mais ainda,

necessária em todos nós, todavia, quando falam, especificamente, da inconstância das mulheres, as pessoas estão insinuando que o seu comportamento é imprevisível e, variadas vezes, estranho. Entretanto, reportemo-nos para o passado e veremos que o comportamento da mulher de outrora não era tão imprevisível como alguns querem fazer crer. Antigamente, na maior parte das sociedades, o tratamento dispensado às mulheres era repressor e completamente discriminatório, existiam forças coercitivas que as obrigavam a manterem-se fixas e caladas, que faziam-nas aceitar as coisas como elas se apresentavam, despojando-as de qualquer direito de ação e reação e conseqüentemente de manifestação: os seus sentimentos eram reprimidos, muitas viviam solitariamente, e impedidas de falarem dos seus desejos e de suas dores, impedidas de desabafarem um pouco, de jogarem para longe todas as suas angústias, muitas explodiam em reações intempestivas, manifestando comportamentos “estranhos” para os homens, manifestando a sua “inconstância”. Não me resta dúvida de que a vida de um grande número de mulheres foi dura e sofrível e que muitas delas foram verdadeiras guerreiras ao suportarem tantos ultrajes e atos maldosos e perniciosos vindos do meio externo. Saindo agora do passado, falemos um pouquinho do presente. A emancipação feminina ocorreu apenas parcialmente, a mulher ainda não conseguiu obter todos os seus merecidos direitos e muitas delas ainda se encontram em um estado de grande dependência. As leis, aos poucos, vão sendo mudadas em favor das mulheres, mas a cultura e os atos discriminatórios mudam muito lentamente em favor delas, e isso quando mudam. A grande mídia, muitas vezes, tenta nos passar a imagem da mulher como sendo um ser independente, que comanda a sua própria vida: eles até deram um nome a esse tipo de mulher — a mulher “moderna” —; mas as mulheres sabem que não é bem assim, elas sabem que a discriminação não cessou, aliás, todos nós sabemos e sabemos também que coisas muito piores acontecem com as mulheres às escondidas: quantas não estão sendo espancadas neste momento, mas por medo não denunciam; quantas não são obrigadas a se prostituírem em troca da permanência em um emprego... A inconstância das mulheres, tão falada em outras épocas e ainda presente na nossa, é, no fundo, a expressão de um sofrimento, um sofrimento silencioso.

4 — *Uma produtora de frustrações* — Grande parte da insatisfação das pessoas com as suas vidas e consigo próprias é oriunda de uma acentuada padronização do que se deve ser, na qual, sem cessar, um paradigma de ser humano, o ser humano “ideal”, é proposto às pessoas e divulgado através das grandes mídias: é proposto implicitamente e divulgado explicitamente. Um dos recursos da televisão para conseguir audiência é elaborar programas tomando como parâmetro os sonhos das pessoas, sonhos estes que, muitas vezes, são criados artificialmente pela própria mídia e empurrados, sem piedade alguma, nas pessoas. Mas o que realmente ela faz, e faz bem, é mexer com os sonhos mais comuns das pessoas e que normalmente estão presentes nas grandes massas. É assim que, por exemplo, nas novelas, as pessoas quase sempre moram em grandes casarões, possuem *status* social (nossa! Que coisa ridícula!) e vivem uma vida agitada, cheia de aventuras e emoções de todos os tipos imagináveis e inimagináveis. Como se não bastasse, as pessoas que vão aos programas de TV são sempre modelos, atores e atrizes cujo padrão de vida é completamente inacessível à grande população (inacessível é o padrão, não a qualidade), e os seus corpinhos bonitinhos, sempre tão cheios de maquiagem e de remendos, geram sempre uma grande insatisfação em muitos, e isto não antes de uma bela frustração. Algumas pessoas então passam a orientar suas vidas através daquele mundo imaginário, que faz delas um nada, frustra-as, causa-lhes sofrimentos, e que mesmo assim elas o tomam para si, para servir-lhes como uma espécie de consolo, um consolo para um sofrimento que aquele mesmo consolo causou. Todavia, nem tudo são pesares: a falta de inteligência dos apresentadores e daquelas pessoas que fazem aquele mundinho sempre nos consola, pelo menos a nós, os que pensamos, pois se tem algo que não se compra e não se vende, se tem algo que não se pode aparentar ter (aparentar falando), esse algo é a inteligência. Mas, poderão replicar-me: “Dizes tudo isso porque sois feio, pobre, não sois possuidor de fama alguma, padeces na escuridão, etc.”, ao passo que eu, como resposta, nada digo: estou seguro do que disse.

5 — *O sistema educativo castrador* — As nossas universidades, assim como o fazem todas as instituições educativas, utilizam-se de metodologias e regras que, segundo dizem, servem para promover a

maturação intelectual do aluno. Em nada me surpreenderia se esses educadores manifestassem, em público, a opinião de que sem tais metodologias ou regras a maioria dos alunos, mas a maioria mesmo, não conseguiria se desenvolver como alunos ou pesquisadores, e sem constrangimento algum admitissem que o sistema educativo está correto e que, na verdade, quando um aluno fracassa, o aluno mesmo fracassou. “Grandes intelectuais e grandes pesquisadores foram formados neste sistema!”, afirmam eles. Todavia, os alunos não fracassam por culpa própria, e os que conseguem êxito não o conseguem graças ao sistema, embora eu não negue a contribuição deste na formação daqueles e tampouco uma certa culpa dos primeiros. Se formos perscrutarmos mais ao fundo, se transpormos essa visão superficial, veremos que, em verdade, não há fracassados ou exitosos: o que realmente existe são adequações, isto é, exitosos são aqueles que melhor se adaptam ao sistema educativo e os que melhor absorvem ou processam as suas propostas e objetivos, e são fracassados os que não se adaptam a isso, ou seja, aqueles que, de alguma forma, não se submetem às regras, que se recusam a estudar sob forças coercitivas: os ditos fracassados de hoje poderiam muito bem conseguir êxito em um outro sistema ou numa outra época; igualmente, os que conseguem sucesso talvez não o conseguissem em outra época ou em outro sistema. Disso tudo, chegamos a conclusão de que não existem fracassados ou exitosos em si mesmos, porém tudo depende de uma extensa e larga estrutura que, infelizmente, não pode atender a todos, ou, o que vem a dar no mesmo, não existe uma estrutura ideal que possibilitasse a adequação de todos — a organização do mundo não permite isso, e a natureza parece não permitir outra organização. Mas o nosso sistema educativo pode ser melhorado, os seus braços podem alongar-se para abraçar um número maior de pessoas: diminuem-se as regras e a coerção que as melhorias virão. Não defendo as ideias de Rogers nem muito menos as de Skinner: se as primeiras fossem aplicadas, teríamos um verdadeiro e grandioso caos na educação; quanto às segundas, sempre olhei-as com repúdio e náuseas, e sua aplicação seria desastrosa e inviável. Defendo, como muitos, um meio-termo e estou mais disposto a aceitar as ideias de Rogers do que as de Skinner. Entretanto, nas nossas universidades, vejo uma presença maior das ideias comportamentalistas: só como exemplo, existem trabalhos nos quais são exigidos umas tais de

“palavras-chave” (que ridículo!), que antes despojam os alunos de sua criatividade do que a auxiliam; o chamado Trabalho Acadêmico Orientado também é regido por fortes regras (mentalidade medíocre: exigir que no TAO existam citações — eu não quero citar, eu não gosto de citar), e essa sua última palavrinha desperta em mim um certo desagrado. Não obstante, não estou defendendo que tais regras sejam abolidas (isso seria absurdo), mas defendo uma maior flexibilidade das mesmas, ou antes, defendo que não sejam necessariamente regras, porquanto acredito que os alunos deveriam escolher se querem ou não uma orientação, assim como também se querem ou não colocar as tais palavras-chave; defendo uma diversidade de regras concernentes a uma mesma questão, para que aos alunos se apresentassem mais de um caminho para eles percorrerem, para que os alunos pudessem observar quais se adequariam melhor às suas necessidades e capacidades; enfim, defendo um sistema educativo menos exclusivo e mais flexivo, para que os atuais excluídos e os Einteins da vida pudessem se integrar a ele.

6 — *Os discursos educativos* — Presenciamos no país, já faz algum tempo, um discurso educativo, promovido de cima para baixo, não pouco interessante e satisfatório para muitos: não refiro-me às mentiras contadas pelo governo, mas ao outro discurso, àquele que se apoderou das nossas universidades, que é ponderado e aceito por sociólogos, matemáticos, os mestres e doutores que “formam” os licenciados que darão aula no nosso desprezado e sucateado sistema educativo. O discurso a muitos encanta e causa um triste regozijo, nutrindo em muitos a sensação de que, finalmente, estamos no caminho certo. Ele prega uma igualdade entre os alunos, isto é, alega que todos os alunos têm capacidades para aprender; ele renega qualquer tipo de discriminação e ressalta o papel do professor como agente incentivador e criador de um sistema de ensino renovado, atraente, que possa formar cidadãos criativos e capazes de resolver problemas, participando efetivamente da sociedade e dando-a a sua contribuição; o discurso também destaca a necessidade de se formar mentes que aprendem a aprender, e critica com veemência as antigas concepções do que seria a aprendizagem (inatismo, empirismo, etc.) e faz elogiosas referências ao interacionismo (como se este não fosse ter também o seu dia). Tudo é muito bom e bonito e praticamente todos aceitam essa falácia (discursos

teóricos + longe da prática = inutilidades) como se ela fosse a expressão mais genuína da verdade. Parece-me que os universitários, pelo menos a grande maioria, não têm um bom poder de julgamento e aceitam tudo assim como os computadores aceitam as nossas ordens, ou seja, de forma impensada e sem qualquer tipo de análise crítica acerca daquilo que lhes estão sendo passados. Não critico os discursos em si mesmos e não tenho a pretensão de instigar os universitários contra os discursos — quero tão-só que eles se afastem um pouco para terem uma visão mais ampla de toda a situação. Reportemos esses universitários, coloquemos-os numa outra época, numa época em que os discursos seriam outros, numa época em que os trabalhos repetitivos em uma indústria seriam o destino da maior parte da população: neste contexto, evidentemente, os discursos seriam bem outros — eles pretenderiam mostrar a relevância do trabalho empírico, da disciplina; a concepção da aprendizagem como transmissão de conhecimentos iria ser aceita; enfim, teríamos uma outra concepção a respeito do que seria uma educação ideal. Os nossos universitários, então, estes mesmos que defendem com unhas, dentes, braços e pernas o interacionismo, eles aceitariam ingenuamente os discursos, acreditando serem eles verdadeiros e anunciadores de um novo tempo, acreditando, outrossim, que eles trazem consigo ideias humanistas e verdadeiramente preocupadas com a situação das pessoas. Os homens e mulheres que, hoje, engolem os discursos sem esboçar qualquer tipo de reação crítica, engoliriam qualquer outro discurso de uma outra época — facilmente são persuadidos, porquanto, especificamente neste caso, não percebem que os discursos educativos vêm de cima para baixo, não percebem que as ideias de alguns sociólogos ligados à educação só são aceitas porque não destoam das ideias de um interesse maior: o interesse dos empresários, das indústrias, das grandes empresas, das grandes potências, do capitalismo. Atualmente, deve-se ensinar aos alunos a “aprender a aprender”, mas... para quê? Para eles aprenderem a resolver os seus próprios problemas ou para satisfazerem as necessidades do sistema capitalista? Ou melhor, a pergunta é assim: qual o verdadeiro motor que impulsiona a divulgação dessa ideia segundo a qual deve-se ensinar aos alunos...

7 — *Decepção dos sociólogos* — Fernando Henrique Cardoso, tão aclamado pelos sociólogos, tão elogiado por eles como sendo um homem culto, erudito, conhecedor dos verdadeiros problemas do país, Fernando Henrique foi-lhes a sua decepção: apoiado pelos sociólogos, ganhou as eleições e assumiu a presidência da república; mas lá chegando, “esquecera” de suas ideias e de suas propostas e fez tudo às avessas.

8 — *O voto* — Frequentemente se nos desenha, sempre perto das eleições, ao menos para a maioria de nós, uma mesma questão: votar ou não votar? Deves conhecer, leitor, alguém do teu meio que sempre vai às urnas para votar em branco ou anular o voto, e isso é muito comum não apenas no Brasil mas em muitos outros países, até mesmo nos ditos países desenvolvidos. A incredulidade parece pairar por entre as pessoas na época da política: é como se um fantasma fosse liberto das profundezas de sua prisão para vir perambular entre nós; entretanto, não nos assustamos quando o vemos, pois ele é portador não do medo, porém de uma espécie de tristeza, uma descrença no homem, em nós mesmos, nas pessoas. Vamos aos comícios assistir aos discursos dos candidatos e não conseguimos acreditar, por mais que nos esforcemos, naquelas palavras sempre tão despidas de sentido e despojadas da verdade, bem como tão ornadas com a mais pura e pérfida malícia; acompanhamos os debates entre os candidatos para justamente presenciarmos as mais desleais e injuriosas mentiras, para ouvirmos os mesmos ataques repetitivos que já se fazem presentes em nossa política há muitos anos, para sentirmos o quão é frágil o vidro do qual são feitos os telhados dos nossos mui ilustres políticos quando vemos as suas esquivas e as suas respostas evasivas. Por outro lado, existe em nós o desejo de vivermos em um país melhor, e esse desejo, de acordo com a estrutura mundial, deve ser nutrido através do voto, ou melhor, o voto popular é imprescindível para o desenvolvimento de um melhor país, pelo menos aparentemente — digo aparentemente porque o desenvolvimento de um país depende menos de seus políticos do que do seu povo, isto é, o voto em si mesmo praticamente não tem influência alguma sobre um país: só o voto como expressão da participação popular é relevante. Por conseguinte, não é difícil concluir que votar ou

não votar são a mesma coisa, desde que não haja uma verdadeira participação popular para a resolução dos nossos problemas.

9 — *Doces ilusões* — “No fim, tudo dá certo; se ainda não deu certo é porque ainda não chegou no fim”.

10 — *Pessoas chatas* — Não é menos difícil encontrarmos por aí pessoas que sustentam uma falsa opulência de conhecimentos do que pessoas que realmente trazem conhecimentos: tudo bem que estas últimas, ao contrário das primeiras, não tentam, em geral, ostentar conhecimentos, mas, de um modo ou de outro, a afirmação procede. Tais pessoas, ao tentarem esbanjar conhecimentos que não possuem, tornam-se chatas e impertinentes, estorvando-nos com o seu desejo incontrolado de admirarem-se ou elogiarem-se a si próprias: por que será que fazem isso? Será que é porque se sentem carentes? Será um problema de auto-estima? Ou melhor: serão ambos?

11 — *Um olhar diferente* — Duas amigas conversam: “Eu não acredito?! Ele foi assim tão grosso contigo e tu não fizeste nada — nem um insulto nem um tapa, tu ficaste assim tranquila e engoliste tudo?”. “Na verdade, não engoli nada: ele era um homem infeliz e antes mesmo de me insultar já havia pagado por isso”.

12 — *Os empreendedores* — O comportamento errante de algumas pessoas, sempre tão impetuosas ao engendramos novos empreendimentos (não refiro-me a negócios), mostra-nos que existe, nessas pessoas, algo de incompleto, um local que não foi preenchido ou do qual emanam suplícios para essas pessoas: é como um cão faminto que sai desesperadamente para procurar, em todos os lugares, comida para pelo menos atenuar a sua fome — mas ele já tinha procurado antes em todos os lugares, e sem sucesso, mesmo assim, suas esperanças, por algum motivo, convalesceram posteriormente a tal ponto que ele passou a acreditar novamente: ele então parte para uma nova busca, ele passa a acreditar em um outro destino, um destino bem diferente daquele que se lhe apresentou até então. Essas pessoas, sentindo-se vazias e infelizes em certos aspectos de suas vidas, tentam de alguma forma compensar esse vazio e essa infelicidade, elas passam a procurar algo, deixam-se

convencer muito facilmente e passam a acreditar que a felicidade pode estar muito perto delas, que elas só precisam participar de uma instituição, de uma igreja, de um grupo, de movimentos sociais. São, muitas delas, fáceis de serem persuadidas, bastando para isso incitar suas esperanças: já estão tão esgotadas de procurar e encontram-se num desespero tal que começam a acreditar em muitos absurdos, começam até em acreditar numa fórmula para a felicidade, uma fórmula que, por alguma razão, até então passara despercebida por seus olhos. Em geral, pessoas desse tipo percorrem muitos caminhos, vivem a procurar algo que, talvez, nem exista, e sempre numa nova empreendida, o ímpeto e o desejo ardente de encontrarem o que procuram nunca deixam de se fazerem presentes: ambos expressam, inegavelmente, um desespero, um desespero oriundo do desejo de serem felizes e de encontrarem paz para os seus corações aflitos.

13 — *Criadores e imitadores, parte 1* — Basicamente, em certo aspecto, existem dois tipos de pessoas: aquelas que criam e aquelas que imitam. Às primeiras, devemos a gratidão pela montagem, pelo criar, pelo fazer-se novo: são os roteiristas; às segundas, devemos ser gratos pelo fazer funcionar, pela execução, pelo desenvolvimento: são os atores. Praticamente todos podem ser encaixados nestas duas categorias, e aquelas que escapam, se realmente escapam, são coisas raras, não muito fáceis de serem encontradas. Os criadores têm sempre um imenso desejo de fazerem algo novo, eles querem inovar e produzir; relanceiam, muitas vezes, o olhar por sobre a multidão e um singelo desejo de não fazerem parte daquela massa de operários aparece-lhes sorrateiramente, caminhando com visível e oculto esmero, pois este desejo sabe que o coração que ele está invadindo possui um dono que lá, bem lá no fundo de sua consciência, sabe que os operários lhe são necessários, malgrado muitas vezes ele até fazer um esforço para negar e destruir tal necessidade, seja por orgulho ou mesmo para se justificar — mas de tempos em tempos, quando menos se espera, no seu dia-a-dia, a consciência da necessidade de todos ganha força e sai das profundezas de sua mente para atingir, em pouco tempo, a sua superfície, e isso justamente porque ele sabe observar, ele é um criador, ele tem uma visão desanuviada pela sua sensibilidade e por isso consegue perceber sutis coisas que outros poderiam não perceber ou

mesmo ocultar, porquanto tais coisas trazem dor, ferem o seu orgulho e seu desejo de sobrelevar-se, de ascenderem acima da multidão: é como um roteirista que, muitas vezes, conquanto os atores não percebam, sabe que sua peça ou novela não está tão boa, sabe que não atingiu o cume e que falta algo, seja um detalhe ou uma fala, mas algo o perturba deixando-o cismado.

14 — *Criadores e imitadores, parte 2* — Do outro lado da moeda, mas, para muitos, estranhamente não se opondo ao primeiro lado, encontramos os imitadores, aqueles que executam a obra não deixando que um local de construção transforme-se em um lugar ermo, próprio para os taciturnos chorarem as suas dores — sim! Como seria triste o mundo sem os operários! Como poderíamos nos alegrar passeando por uma cidade vazia? Como poderíamos encontrar paz e conforto frequentando praças, parques e igrejas onde encontraríamos tudo exceto pessoas normais, os operários, para quem poderíamos dirigir o olhar e nos deliciarmos com o seu comportamento e com quem poderíamos trocar uma palavra amiga ou mesmo um simples cumprimento? Sentimos isso assim, dessa forma, porém, não obstante, os remadores parecem não perceber a importância da bússola ou de um outro guia: muitas deles negam completamente a sua importância e parecem estar bem convencidos de que são os protagonistas, os que fazem, os que realizam, os que criam. A razão disso, já podemos entrever: eles são os que executam, e como tais são destituídos de uma sensibilidade ou percepção mais apurados, pois se possuíssem-nas não seriam executores e sim projetistas; e assim o é verdadeiramente: o que desenvolve o projeto, em si, é algo imaterial, é a mente criativa, o ser humano sensível; o que o executa são peças físicas, as engrenagens, aquelas pessoas que não gostam de refletir, pois refletir é um trabalho imaterial e criador, e as peças não pensam...

15 — *Criadores e imitadores, parte 3* — Os imitadores são sempre a grande maioria, ao passo que os criadores aparecem em menor número (é preciso poucos para projetarem um prédio e muitos para construí-lo): é que as transformações no nosso mundo e em todo o universo ocorrem ininterruptamente e o universo de agora já não será o mesmo de daqui a um bilionésimo de segundo; mas as transformações grandiosas que

ocorrem no nosso mundo são lentas e gradativamente desenvolvidas, isto é, faz-se necessários mais executores do que criadores haja vista que a criação verdadeira é prescindível se acaso não tivermos transformações abruptas, donde se segue que se houver uma razão tangível pela qual podemos explicar a diferença quantitativa entre criadores e imitadores, então essa razão só pode ser a que mencionamos. Dentre a grande imensidão de imitadores, podemos encontrar numerosos tipos, e aqueles que imaginam que não os encontramos entre músicos e escritores se enganam: muitos músicos apenas imitam e executam, eles não criam, não possuem essa capacidade — ou necessidade — (passem os olhos pelas orquestras), e muitos escritores e até filósofos fazem o mesmo (passem os olhos pelos professores universitários). Da mesma forma, mesmo que raramente, podemos encontrar criadores entre os operários.

16 — *Criadores e imitadores, parte 4* — Com um pouco de observação, podemos perceber que algumas pessoas são portadoras de características de ambas, ou seja, projetam e executam ao mesmo tempo (olhem para Beethoven e Kant). Todavia, parece-me que estas são bem raras, e embora possamos encaixá-las na classe dos criadores, se os considerássemos uma terceira classe, veríamos que ela apresentaria um número bem menor de constituintes do que as outras duas. Mas, chegando aqui, talvez muitos repliquem dizendo que os criadores não são minoria, porém o que ocorre é que já foram criadas e estudadas tantas e tantas coisas que já não há mais caminhos novos para se seguir; e outras replicar-me-ão ainda dizendo que os imitadores são menos importantes do que os criadores, ou vice-versa. À primeira réplica respondo dizendo que séculos atrás muitos pensavam dessa mesma forma, ou seja, achavam-se os possuidores do conhecimento e da verdade, acreditavam que, mesmo passado o seu tempo, as gerações vindouras seriam devedoras de sua época de uma grande gratidão pelo desenvolvimento propiciado; em outros termos, quem acredita que quase tudo já foi estudado ou criado se engana ingenuamente: muitos dos conhecimentos mais bem alicerçados e mais sólidos que hoje existem serão derrubados posteriormente, mais cedo ou mais tarde, e portanto a réplica não procede, pois toma como argumento uma ilusão, uma falsa impressão (deixa de considerar as transformações e a

infinidade de coisas que existem). Quanto à segunda réplica, digo que os imitadores e os criadores formam duas faces de uma mesma moeda, duas faces que não se contrapõem — um necessita do outro, assim como o bem necessita do mal para existir, isto é, existe uma relação de necessidade mútua entre ambos, e tanto um como o outro são indispensáveis para a estrutura da natureza (a introversão e a extroversão são coisas naturais e necessárias, e o homem pensador não é um animal depravado como o queria Rousseau; além disso, estou quase convencido de que a depressão e outras “doenças” que levam a uma melancolia reflexiva são recursos utilizados pela natureza para promover a chamada “evolução” da espécie). Portanto, concluindo, se existe uma relação existencial de dependência entre os que criam e os que imitam, ou seja, se um põe a existência do outro e vice-versa, então um não pode ser mais importante do que o outro.

17 — *Vendedores* — Algumas pessoas assemelham-se a vendedores: falam doce e polidamente, tentam fazer-se agradáveis dizendo-nos coisas que nitidamente percebemos serem falsas e cujo único objetivo, aparentemente, é nos agradar — mas será mesmo que elas se comportam assim para nos agradar? Acredito que não. Elas agem assim pela simples satisfação que sentem ao tentarem nos cativar, fazem isso sem muita percepção, e ao prometerem algo, mesmo que nunca cumpram as suas promessas, aparentemente acreditam nas suas próprias falsas promessas, pelo menos no momento em que prometem. Portanto, não nos aborrecemos com tais pessoas, tentemos compreendê-las.

18 — *A vida sem sentido, primeiro ponto de vista* — A vida em si mesma é destituída de qualquer sentido: olhamos para os bosques, para os pássaros e pessoas, e não conseguimos sequer entrever algum recôndito encanto, que estivesse a se esconder por detrás das nuvens, um encanto que talvez nos alegrasse em algum sentido, que mostrasse-nos que não é em vão a nossa passagem por este mundo, um mundo no qual o sofrimento geral é a grande regra e em que todos, incansavelmente, como que empurrados ou forçados, sofrem inúmeros e incontáveis suplícios a todo momento, vivendo sempre instantes dolorosos e pesadelos lancinantes e ainda por cima trabalhando desgastantemente, numa vida que mais se assemelha a uma labuta

infernado do que a qualquer outra coisa positiva, para não morrerem de fome. Passamos os olhos pela natureza e só encontramos guerra: os animais matam-se uns aos outros por tudo e para tudo, existe uma grande competição entre os da mesma espécie para ver quem fica com o melhor alimento, com o melhor território ou com a melhor fêmea, e enquanto um sai vitorioso para desfrutar de tais “vantagens”, inúmeros outros saem cabisbaixos e feridos e melancolicamente dirigem-se para uma nova empreitada, onde serão humilhados e derrotados novamente. Pelo nosso lado, o comportamento das pessoas pouco difere do descrito acima: elas vivem a competir umas com as outras, a derrotarem-se mutuamente em um laborioso teatro em que todos disfarçam suas dores e angústias para parecerem fortes uns aos outros, mas que quando ficam sozinhos, choram inserimoniosamente e colocam para fora todo o seu desespero, não raro pensando assim: “Como eu odeio tudo isso!”. Quem está por cima nas sociedades até consegue viver uma vida sem tantas lágrimas, pois possui poder e tudo o mais que as riquezas compram; mas engana-se quem imagina que sua felicidade origina-se diretamente de tais coisas: o seu verdadeiro contentamento vem do fato de que, enquanto ele tem tantas coisas, milhares de outros não têm nada e não são conscientes senão de sua fome atual — a de ontem foi tão forte que eles se esforçam para esquecer, e no dia de amanhã eles nem pensam, pois sabem que, até lá, poderão morrer de fome ou de outra miséria qualquer. Para um dito vencedor, temos centenas de milhares de derrotados: a estes últimos só resta um consolo: inventar religiões. Sim, a fé de uma pessoa é também a medida de sua dor, e onde existe muita fé existe muita dor, não sendo por acaso que as religiões que mais prosperaram, desde tempos longínquos, foram aquelas que pregavam a igualdade entre os homens — só possuem tantos adeptos porque estes sentem-se por baixo, sentem-se derrotados e inferiorizados. Mas a religião também tem um outro papel, o de justamente mascarar com uma máscara colorida uma realidade fria e sem cor: praticamente todos, mesmo aqueles que não têm religião, fazem isso: a vida não tem sentido e isso é algo que eles o sentem, e a partir disso inventam mil e uma mentiras para tentarem convencer a si mesmos e aos outros de que não estamos aqui à-toa, de que isto a que se chama felicidade existe, bastando procurá-la. Portanto, a grande procura por religiões no nosso mundo só nos confirma o que a experiência e o sentir já haviam nos

expressado claramente: a vida não tem sentido algum e é miserável, definitivamente ela não vale a pena ser vivida, é realmente sem significado quando vista exteriormente e melancólica e obscura quando sentida interiormente, e aqueles que acreditam na felicidade, procuram-na ininterruptamente durante toda a vida e ainda com esperanças partem para o leito derradeiro — procuraram um espectro.

19 — *Um presente divino, segundo ponto de vista* — É fora de dúvida que a vida é algo sagrado. Para onde olhamos sentimos, sem pouca razão, que uma infinita e bondosa inteligência preparou cuidadosamente todas as imensas e diversificadas coisas que constituem e são partes inerentes desse grandioso e magnífico universo. Olhem, vamos, olham para o balançar das águas nos açudes e no mar; dirijam-se para o litoral e lá, descalços, caminhem pela areia da praia à tardinha sob um esplendoroso pôr-do-sol; olhem para o menear das folhas das árvores: são portadoras de uma mensagem, uma mensagem de vida. Olhem para a alegria inocente das crianças, a sua simples existência já nos é motivo de alegria; lembrem-se dos momentos em que estavam apaixonados: mesmo os lugares mais sombrios e vazios dos vossos corações encheram-se de alegria. Façam isso e me digam se a vida não vale a pena ser vivida. Não obstante, alguns se referem a este mundo como sendo um mundo da miséria e da dor, um mundo em que vemos muitos deslizes da natureza e que na mesma não existe uma ordenação absoluta, aliás, dizem que não há sequer uma ordenação, que o que ocorreu, na verdade, aquilo que originou tudo, foi um acaso. Porém, com esmero, analisemos tais questões. Primeiramente, não há como negar a existência da dor e da miséria no nosso mundo; mas, pergunto eu: quando estais feliz, como sabeis que estais feliz? Respondo: por comparação — sabeis que estais feliz pela observação e interação com terceiros e, acima de tudo, porque sabeis o que é estar triste e infeliz, ou, em outras palavras, referindo-me apenas ao último ponto, uma pessoa sabe que está feliz porque já experimentou a infelicidade; disso concluímos que a dor e a miséria são necessários, pois eles estão intrinsecamente ligados ao prazer e à felicidade, uns não existiriam sem os outros e imaginar um mundo sem tristeza equivale a despojá-lo de sua alegria. Quanto a não haver uma ordenação na natureza, não é difícil vermos que tal ordenação existe: a estrutura dos seres vivos em

geral não deixa sequer um vestígio de sombra de dúvida a respeito da existência de tal ordenação, pois não é nada plausível supor que uma ordenação inexistente na natureza quando ela é a responsável pelo desenvolvimento de seres tão complexos e magnificamente perfeitos: os computadores, por exemplo, cuja complexidade e perfeição são insignificantes quando comparadas as das formigas, são produzidos por empresas super organizadas e ordenadas, e se para a produção de computadores é necessário uma grande ordem, planejamento e inteligência, como não pensar o mesmo de uma empresa cujo produto encanta-nos cada vez mais, dia após dia? Quanto a outras críticas que se possa fazer contra a natureza, com um pouco de reflexão podemos encontrar um significado para tais “falhas” — mas mesmo que não encontremos, podemos conjecturar ainda que uma ordem maior, uma ordem que transcende a nossa percepção imediata, existe, e que, na verdade, nós só podemos perceber superficialmente a sua estrutura. Enfim, de um jeito ou de outro, pergunto àqueles que maldizem a vida: teria alguma graça viver em um mundo sem dificuldades e sem enigmas, onde tudo já estivesse pronto e acabado? As dificuldades fazem-se necessárias, a vida tem sentido, a maior parte das pessoas são felizes em grande parte de suas vidas (a própria vontade de viver das pessoas, o eterno cair e levantar, indica-nos isso) e quem não está feliz agora pode ficar seguro de que daqui a alguns instantes a felicidade baterá na sua porta e entrará, mesmo sem pedir licença, pois existe uma essência única, verdadeira e infinitamente boa e perfeita que abrange todas as coisas e que perpassa essa realidade, por vezes, aparentemente contraditória que nós percebemos.

20 — *O mundo como nós o sentimos, terceiro ponto de vista* — Um de nós põe-se a caminhar e, repentinamente, pára, olha com seus olhos contemplativos para o crepúsculo e pensa: “Mas... O que... Por que... Como neste mundo existe sofrimento! Até suas paisagens nunca abstêm-se de nos causar tristeza!”; algum outro, sempre com os dentes à mostra, chegando para ver algum lugar belo, pára, e com os seus olhos não contemplativos pensa: “Que dia bonito! Como é bom e feliz este mundo!”. Ambos os pensamentos são e não são verdadeiros. O mundo em si mesmo não é bom, nunca foi bom e jamais será bom; porém ele não é, não foi e jamais será mau; de modo parecido, a alegria e a tristeza

não fazem parte da sua natureza, mas da nossa. Àquele contemplativo digo que seu pensamento foi verdadeiro à medida que expressou a sua forma de sentir a vida e o mundo, porém não foi verdadeiro à medida em que dirigiu-se ao mundo em si mesmo; o mesmo posso dizer ao não contemplativo. Todos aqueles que tentaram ou que ainda tentam descrever a vida dirigindo-se a ela mesma, cometeram e cometem sempre o mesmo erro, porquanto sempre descrevem a vida como ela é para si mesmos, ou ainda, descrevem a vida de acordo com o sentir, o qual, por sua vez, subjuga o intelecto: o que nos habilita a pensar que os motivos e justificativas sempre aparecem depois, isto é, o intelecto pode ser comparado a um escravo inteligente que, devido ao seu senhor ter se metido em alguma confusão, diz-lhe: “Vais à justiça e dizes o que estiver na posse do teu desejo; eu, por meu lado, justificar-te-ei dizendo coisas e dando motivos que darão plausibilidade a tuas palavras”. Daqui concluímos que nenhuma descrição da vida (lembramos que a vida não é algo tangível) é destituída de um lado falso, enganoso, justamente porque se falou genericamente de algo conceitualmente relativo, justamente porque faltou um “eu acho que” antes do início da descrição de tão afamada, ultrajada e glorificada vida. Pergunte-se a dez pessoas, ou melhor, a cem pessoas o que é a vida; depois, peque-se as dez melhores respostas e ver-se-á que existe distinção entre todas elas, pois elas não descreveram a vida, mas tão-somente a forma como cada uma a sente, e cada uma a sente distintamente — não descreveram a vida, mas a si mesmas. Olhando por esse prisma, é tão absurdo dizer que a vida vale a pena ser vivida quanto dizer que ela não vale.

21 — *Uma análise dos motivos, quarto ponto de vista* — Uma análise não muito pormenorizada do sentir já mostra-nos que ele é uma das bases de sustentação da mente filosófica: o sentir incumbe o intelecto de encontrar as respostas para as perguntas que estão no seu âmago. Semelhantemente, o sentir legisla o intelecto fazendo-o ter, em relação a algo, uma opinião além ou aquém da aparentemente mais justa: só um intelecto muito forte e “rebelde” pode manifestar algum tipo de relutância contra a imposição do sentir, e mesmo nestes casos dificilmente ele se sustenta em pé por um longo tempo. Quando uma pessoa tem uma opinião negativa a respeito de algo, observe-se o seu sentir em toda a sua amplitude no que diz respeito a esse algo, que

encontra-se facilmente a resposta para tal opinião; com o caso contrário, isto é, quando uma opinião vantajosa emerge de alguém, faça-se o mesmo e encontra-se, também sem dificuldades, a resposta justificativa de tal opinião. Todavia, existe um caso em que o intelecto aparentemente adquire uma certa liberdade em relação ao sentir, e isso ocorre precisamente quando o sentir emite ordens divergentes, que se opõem entre si, para o intelecto. Como exemplo, veja-se o caso de um alguém que ama um outro: por causa desse amor, ele não terá uma opinião plausível a respeito do seu amado, e se porventura colocássemos o ódio e retirássemos o amor, ocorreria o mesmo; mas se ele amou, depois odiou, e agora esses sentimentos adquiriram um equilíbrio entre si, então o intelecto pôde ver um mesmo algo de diferentes ângulos e portanto poderá fazer uma análise mais precisa desse algo — porém, não nos animemos em demasia: esta liberdade do intelecto é apenas aparente, pois, como nos outros casos, o sentir é que determina.

22 — *Diferentes modos* — Usemos todo o nosso poder de argumentação, evoquemos a lógica, os dados mais aceitáveis e até a ciência que possui bases mais fortes e rígidas para tentarmos convencer as pessoas de que deus não existe: poderemos convencer “todas” elas, excetuando-se duas: a que necessita da fé e que diz sentir a presença de deus. Deixo a primeira de lado, e quanto à segunda, bom, a nossa argumentação não vai ser ouvida, a lógica será desacreditada e a ciência e quaisquer outros recursos de que nos utilizarmos serão destruídos sem o menor pudor e com a maior das sinceridades — isso, entretanto, nem sempre ocorre assim: Kant, por exemplo, desenvolveu um gigantesco sistema de pensamento para tentar mostrar que todos têm razão e que deus existe.

23 — *Do talento* — A diversidade das estruturas e nas estruturas do nosso atual mundo permite-nos identificar inumeráveis e infindáveis tipos de talentos presentes na multidão, embora o sistema competitivo proposto e imposto pelo capitalismo ofusque, por vezes, tão bela diversidade. Por onde andamos podemos encontrar pessoas que visivelmente transpiram talentos nas diversas atividades humanas; contudo, lamentavelmente, muitas delas desconhecem as suas próprias

capacidades, porquanto são induzidas, de uma certa forma, a raciocinar e a formar os seus conceitos por falsos paradigmas e por pessoas imaginárias — reavaliemos os nossos conceitos e esforcemo-nos para observar melhor: eis o meu conselho. Muitos não admitem por orgulho, outros, por inveja, mas possivelmente todas as pessoas têm talentos, mesmo aquelas que se nos parecem, em todas as situações e em todos os momentos, imprestáveis, devem ter algum talento, mesmo que este não se encaixe no nosso mundo: um talentoso negociante dos nossos dias, se for colocado numa época ou em um lugar onde é presente a inexistência de negócios, ele simplesmente não terá o seu talento reconhecido, e é até prescindível dizer que talvez ele mesmo se considere um inútil ou um “sem talento” numa tal situação.

24 — *Sócrates moderno* — Sócrates está a vaguear pelas ruas quando avista, pelo canto do olho, dois colegas seus que estão a dialogar com um certo ímpeto; Sócrates, então, sem perder um segundo, dirige-se rapidamente para junto dos dois.

— ...Mas, Vlauco, não se pode negar...

— Como não pode, Transímato? Pode e eu o faço!

— Olhe — insistiu Transímato — Olhe para aquela escada pela qual aquele senhor vai subindo para consertar a afiação: ela lhe é útil pois ajuda-o na realização de uma tarefa que não lhe é dispensável; mas a tua Filosofia, Vlauco, nada traz para o homem, ela é, por assim dizer, absolutamente inútil!

— Você está distorcendo as coisas! — disse Vlauco com voz austera e já irritado — Darei-lhe um exemplo da utilidade da Filosofia.

— Dê-me, estou a escutar.

— Concordas que os filósofos ao longo dos tempos sempre se preocuparam com o coração do homem?

— Sim, concordo.

— E que ao longo dos séculos emergiram da Filosofia diversificados conhecimentos concernentes à natureza do homem? Concordas ou não?

— Sim, isto também é certo.

— Pois bem! Grande parte desses conhecimentos desaguaram na Psicologia que, indubitavelmente, é útil ao homem. Está de acordo?

— Já é forçoso e, se quiserdes concluir daí que a Filosofia é útil, teu raciocínio é pouco, muito pouco plausível.

— Por quê, Transímato?

— É forçoso porque tenho lá minhas dúvidas a respeito da utilidade disso que se chama Psicologia: Skinner, por exemplo, com sua psicologia, queria transformar a raça humana em um bando de bonecos obedientes, mas realmente sem ter a menor preocupação com suas felicidades.

— Mas, Transímato, e Rogers e Freud? Não se pode negar que suas teorias ajudaram as pessoas, pode-se?

— Não sou simpatizante dessa ideia, Vlauco. Acredito que a natureza é que realmente ajuda: o tratamento psicológico não passa de uma distração. Ademais, mesmo que a Psicologia fosse útil, as contribuições que ela recebeu da Filosofia foram poucas, não foi o suficiente para dizer com isso que a Filosofia é útil; ela pode até ter sido, mas já não é mais.

— Eu não acredito...

— E então, senhores, como estão a passar? — atalhou-os Sócrates.

— Oi Sócrates, como estais? — disse Transímato.

— Tudo bem! E você, Vlauco, que cara é essa?

— A de sempre, Sócrates.

— Nossa! Que voz áspera! Que sucedeu aqui?

— Nós estávamos discutindo, Sócrates, a respeito da utilidade da Filosofia; Vlauco diz que ela é útil, mas eu nego.

— Que achas disso, Sócrates? — disse Vlauco, melancolicamente.

— Filosofia não é algo que me desperta grandes interesses.

— Ah, vamos, dê-nos sua opinião — disse sarcasticamente Transímato, esperando que a opinião de Sócrates não destoasse da sua.

— Tudo bem — assentiu Sócrates.

— Tudo bem? Vamos, continue, diga-nos se a Filosofia é útil ou não.

— disse-lhe Transímato, ostentando uma estranha animação.

— O que você entende por utilidade, Transímato? Ou melhor, o que é algo útil para vocês?

— Algo é útil quando nos ajuda de alguma maneira — respondeu Vlauco, recobrando o ânimo depois que Sócrates não respondeu diretamente.

— Concordo com o que Vlauco disse — respondeu Transímato.

— Então aquela escada que está sendo utilizada para consertar os fios do poste é útil ao seu usuário porque lhe ajuda a atingir um objetivo, isto é, desenvolver perfeitamente o seu trabalho?

— Sim — responderam ambos.

— Mas para que se trabalha, Transímato?

— Para se ter como viver, Sócrates.

— Só para isso? — insistiu Sócrates.

— Esse é o objetivo maior, contudo não é o único: trabalhamos também para usufruirmos dos prazeres da vida.

— E esses prazeres são necessários?

— Claro que sim! Sem eles a vida não teria sentido.

— Concordas, Vlauco?

— Concordo, Sócrates.

— Agora — prosseguiu Sócrates — o que vocês dizem de algo que nos ajuda a conseguir uma coisa necessária, isto é, esse algo é ou não é útil?

— De acordo com o que dissemos, esse algo é útil — respondeu Vlauco apressadamente, com os olhos cintilantes: parece que uma alegria resplendorosa se lhe mostrou toda requintada; alguma coisa desanuviou-se bem na sua frente.

— Transímato, sois músico, certo?

— Certo.

— Olhe ao nosso redor: enxergas muitas pessoas?

— Ora! Sim, Sócrates: estamos bem no centro da cidade.

— E todas elas são músicos?

— Claro que não, Sócrates.

— Por quê?

— Porque elas possuem gostos diversificados, ou seja, nem todas encontram prazer na música e nem todas têm talento para a mesma.

— Então concordas comigo se eu disser que as pessoas são isso ou aquilo, ou fazem isso ou aquilo, salvo os casos em que a necessidade exige, porque encontram prazer e satisfação no ser ou no fazer?

— Concordo.

— Então, pelo mesmo raciocínio, posso afirmar que, em geral, um homem estuda Filosofia porque gosta, isto é, a Filosofia lhe dá prazer e alegria?

— Isso é certo — respondeu Vlauco, enquanto Transímato apenas balançava afirmativamente a cabeça.

— Mas, meus amigos, de acordo com que dissemos, se alguma coisa nos ajuda a conseguirmos algo necessário, então essa alguma coisa não pode ser considerada senão como algo útil, certo?

— Sim — anuíram ambos.

— E a alegria é algo necessário?

— É.

— E a Filosofia pode trazer alegria para um homem?

— Pode.

— De onde se segue que a Filosofia deve ser vista não como algo inútil, mas como algo útil, concordam?

— Concordamos, Sócrates!!! — explodiu de alegria Vlauco.

— Eu não concordo com o teu raciocínio, Sócrates — gritou-lhe Transímato, exasperado. Mas Sócrates disse-lhes que seu tempo expirou, pois já não dispunha de tanto tempo como em outrora, e partiu...

25 — *A antifilosofia* — Vejo, em certos momentos, vestígios de uma exaltação filosófica inútil, que tem a pretensão de salvaguardar a Filosofia e, outrossim, atacar todos aqueles ou toda e qualquer situação que mostrem-se ameaçador para a Filosofia. O nosso mundo é regido (ou quase regido) por isto que é chamado ciência e, como efeito, muitos alegam a superficialidade espiritual, cujo campo de visão não ultrapassa o material, e acusam o mundo de uma ineficaz e desesperançosa prática existencial, que incute no espírito máculas de difícil remoção e que, devagarzinho, passa a ofuscar o seu brilho até que sua luz expire completamente. Contudo, não vejo procedência em tais críticas: vida material e vida espiritual se confundem, não existe separação entre ambas, e toda vida material é também espiritual; demais, não devemos confundir necessidade com escolha, isto é, as pessoas não escolheram tapar os olhos e absterem-se da procura de respostas para as questões perenes, mas a própria natureza sempre quis assim (transfira-se as pessoas de uma época em que a “vida espiritual” estava em evidência para a nossa época, e elas comportar-se-ão não muito diferente de nós). Por outro lado, alguns avanços científicos despertaram um verdadeiro assombro nas pessoas, junte-se a isso o fracasso de muitos pensamentos filosóficos para termos como resultado essa descrença das pessoas numa tentativa racionalizada de pensar e uma forte confiança no

experimento — um simples comprimido diário pode dar mais ânimo do que centenas de reflexões: isso exerce uma influência poderosa nas pessoas. Por minha parte, não defenderia a Filosofia tampouco a ciência, pois não os vejo como instituições ou entidades, porém como duas espécies de saberes que, em muitos casos, entrelaçam-se. Escrutemos, escrevamos, reflitamos, mas sempre com suave esmero e despidos de preconceitos rasteiros: deixemos estes instalados nos outros, naqueles que nos criticam...

26 — *Os doentes* — Os conceitos de saúde e doença são determinados por padrões: muitos dizem, por exemplo, e erradamente, diga-se, que um sociopata é um ser doente, e isso justamente porque ele foge do padrão que é estabelecido para se identificar uma pessoa saudável. Mas os padrões não são estáveis ou perfeitamente visíveis, quero dizer, não existe um estado ideal de saúde, de onde inferimos que, olhando de um determinado ponto, todos nós somos saudáveis e, olhando de outro, todos somos doentes. Todavia, quero que se note o seguinte: da mesma maneira que um psicopata foge dos padrões e por isso chamam-no de doente, pessoas que ostentam um formidável altruísmo também fogem dos padrões: Madre Tereza de Calcutá e Buda devem sua fama a uma doença!

27 — *O universo em evolução?! —* Mas como? Então o universo está em evolução? Expandiram o pensamento de Darwin? O que isso significa, afinal? O espanto não foi destituído de motivos. Imagina-se que o universo como se nos apresenta tenha cerca de quatorze bilhões de anos, já a Terra deve ter, segundo pesquisas realizadas, aproximadamente 4,6 bilhões de anos; na posse desses dados, podemos perceber que a Terra não existiu como planeta por cerca de nove bilhões de anos, contados a partir da origem do universo como nós o conhecemos. A Terra, então, em um dado momento, passou a existir; todavia, suas condições primitivas, imagina-se, não eram em nada agradáveis: o clima era muito quente, a atividade vulcânica era incessante... Com o passar dos bilhões de anos, a Terra foi se transformando até chegar ao que é hoje; entremeio agora uma pergunta: é-nos possível concluir por meio dessas informações que o universo está em evolução? Evidentemente, o universo em si mesmo não existe a

apenas quatorze bilhões de anos: aqui, nada se perde e nada se cria... E evolução implica fim, o que destoava explicitamente da natureza de algo atemporal.

28 — *Duas espécies de amizade* — Observe-se as relações entre as pessoas e notar-se-á dois tipos distintos de amizade. O primeiro é singelo e os laços que unem as pessoas que nele estão englobadas não possuem máculas e são resistentes, muito resistentes, prontos para suportarem grandes tempestades e mudanças climáticas bruscas, bem com contrastantes situações diárias: a alegria mútua é o elo de ligação entre as pessoas que desfrutam desse tipo de amizade, elas estão juntas porque acrescentam-se umas às outras, é a chamada amizade desinteressada. O segundo tipo de amizade possui estruturas precárias, envelhecidas pela ação contínua do tempo que, antes mesmo das estruturas serem erguidas, já maltratava a sua matéria-prima, condenando-a também para outras construções: a necessidade mútua é o que une as pessoas nesse tipo de amizade, elas estão juntas porque satisfazem-se umas às outras, o laço que as une é frágil: tão logo a necessidade cesse, a amizade é imediatamente desfeita.

29 — *O que causa desgosto* — Em determinadas situações, simpatizamos com uma pessoa: o seu comportamento voluptuoso e afável alegra-nos o espírito; mas, de repente, percebemos que não era nada daquilo: aquele comportamento foi supernutrido ou mesmo criado pela situação — o seu verdadeiro comportamento para conosco não pode ser classificado senão como indiferente, frio e seco: por quê, por que tanto teatrinho? Por que tanta superficialidade? Por que tanto interesse e falsidade? Será a grande competição no nosso mundo que gera tais “habilidades” nas pessoas?

30 — *Suicídio e sentimento de culpa, parte 1* — Dúvida não pode haver de que o suicídio não leva uma semana ou um mês para se formar: um ato dessa linhagem necessita de um campo fértil e de condições climáticas favoráveis para a sua nutrição e ulterior desenvolvimento, e para tais condições fazerem-se presentes em um ser humano, é necessário, no mínimo, uns nove meses — vejam que não estou apenas a falar daquele suicídio causado por crises existenciais ou depressivas,

mas também dos outros tipos de suicídios, aqueles cujas causas estão circunscritas impositivamente por questões de honra e outras ainda; entretanto, detenhamo-nos no primeiro caso. A notícia de um suicídio sempre causa uma certa comoção nas pessoas, mesmo que aquele que se destruiu a si mesmo não passe de um desconhecido aos olhos gerais, pois as pessoas sabem, ou, se não sabem, sentem que aquele ato é um ato anormal, que vai de encontro e parte para um embate violento contra questões poderosíssimas que a nós são impostas pela natureza: praticamente tudo na nossa essência e no nosso ser implica vida: os sofisticados mecanismos de defesa corporal e psicológico, os batimentos contínuos do coração que empurram o sangue, fazendo-o circular por todo o corpo, a falsa percepção que temos quando nos percebemos como seres eternos (sim, foi isso mesmo que disse, por mais profundo que seja esse “sentir-se” eterno, ele não passa de um sentir falso, que manifesta-se conscientemente numa percepção equivocada e cuja função maior parece-me ser a de apoiar o ser humano emocionalmente). Contudo, a nossa natureza inteira não é direcionada para a vida, pois existe em nós algo destrutivo, que é direcionado para a morte e que, por apresentar-se, em geral, sempre tão timidamente e às ocultas, não é percebido pela maioria das pessoas, e é também dessa impercepção que advém o espanto delas em relação ao suicídio. Não sei precisar exatamente o porquê da existência dessa nossa parte que muitas vezes promove ataques devastadores contra nós mesmos e contra tudo aquilo que a nós se assemelha (não negarei a identidade: aquele ser imperioso e aniquilador presente em alguns sociopatas e aquele outro cujo comportamento furtivo torna-o praticamente imperceptível são, na verdade, um mesmo ser, isto é, trata-se da nossa essência auto-destrutiva), mas provavelmente a necessidade da morte, que inegavelmente faz parte da vida e é desejada pela natureza, tenha alguma participação nisso: talvez seja um grande contra-senso a existência de seres que, mesmo que a morte faça-se sempre presente nos seus destinos, possuíssem naturezas inteiramente direcionadas para a vida.

31 — *Suicídio e sentimento de culpa, parte 2* — Em muitos suicidas, malgrado o suicídio ser, muitas vezes, um pedido de socorro, isto é (que curioso!), o suicídio em muitos momentos nada mais é do que a

expressão do desejo de viver, porém em muitos suicidas podemos perceber um forte desejo de auto-aniquilamento, oriundo de sofrimentos e de um sentir cujas causas repousam em um desequilíbrio espiritual e corporal; o problema é que tal desejo, nele, sofreu uma hipertrofia, ele apresenta-se alterado em relação ao normal, e isso devido a uma constituição alterada em relação à normal.

32 — *Suicídio e sentimento de culpa, parte 3* — Não é difícil encontrarmos relatos que nos permitem concluir que a maioria dos suicidas (talvez todos) experimentavam um forte sentimento de culpa antes de darem adeus à vida, mas seria um grave erro atribuir a esse sentimento uma participação direta no suicídio: assim como outros sentimentos ditos negativos, ele é apenas uma expressão exteriorizada de uma infelicidade muito profunda e interiorizada — ocorre algo parecido quando, em muitas pessoas, depois de satisfações sexuais diversas, aparecem sentimentos como de arrependimento ou de culpa, e isso se dá porque, muitas vezes, depois da satisfação sexual, como ela vem a ocorrer rápido e intensamente, dá-se um certo desequilíbrio corporal e espiritual: uma certa tristeza então aparece representando um desequilíbrio suscitado por um estado muito intenso e curto de, digamos, “alegria”; o mesmo ocorre em muitos alcoólatras ou usuários de outras drogas que, devido a um estado de intensa “alegria” e “satisfação” provocado pelas drogas, mergulham seguintemente em estados depressivos. Dessa forma, quando essa tristeza aparece, ela traz consigo sentimentos negativos, como os supracitados, mas que não são a causa da tristeza, antes é preferível vê-los como a própria tristeza ou como expressão da tristeza sentida pelo espírito. Fazendo uma analogia, sentimentos de culpa e afins que ostentam aqueles propensos ao suicídio não são outra coisa senão uma consequência das suas tristezas, ou ainda, são a própria tristeza, e não a sua causa.

33 — *A colheita* — “Pai, por que a colheita só nos trouxe frutos azedos e sem sabor neste ano?”; o pai lhe responde: “Culpa nossa, filho: nossas sementes não eram boas e colhemos o que plantamos”. O filho, insatisfeito, retorquiu: “Mas como é nossa culpa, se não tínhamos dinheiro para escolher e comprar as sementes e se as que plantamos nos

foram dadas pelo governo, sem a menor possibilidade de nossa deliberação?”.

34 — *O que nos faz sorrir* — Um dos alicerces do comportamentalismo era a crença de que, se tudo estiver bem, então todos estarão bem. Antes do behaviorismo, o positivismo de Comte já havia esbanjado uma crença semelhante (o cientificismo, a crença de que tudo pode ser resolvido, ordenado, e de que todos podem ganhar com isso, etc.). Contudo, um homem altruísta, que propicia a alegria dos outros, muitas vezes pode ser um homem extremamente infeliz consigo próprio. A alegria de um homem não pode ser fruto de um desprezível e insípido adestramento nem tampouco um efeito de causas externas.

35 — *Devaneios: o papel de cada um* — O gênio louco tem a função de contribuir intelectualmente com a espécie; as pessoas felizes e intelectualmente pobres devem apenas trabalhar para o sistema e procriar; mas e aqueles que nascem sem forma, sem saúde e sem mente, qual o papel deles? Talvez seja fazer com que os outros se sintam superiores.

36 — *Do preconceito, parte 1* — O (pre)conceito é mais natural e comum do que se imagina, e na verdade ele já acompanha o ser humano a partir do momento em que este começa a formar os seus primeiros conceitos e ideias — o uso do termo “preconceito” para designar sempre discriminação, exclusão, estupidez e afins provocou um desfalecimento completo em todos os seus aspectos positivos (saber que não sabe, necessidade de progredir no conhecimento) e fez com que o termo, aos ouvidos de quase todos, passasse a ser sinônimo de algo podre, um daqueles lixos sociais onde todos são causas com as suas contribuições, mas que derramam o suor para protegerem-se da acusação. O preconceito é um conceito formado antes de se ter bases firmes para tal, e sua necessidade existencial é natural e necessária: os conceitos são formados automaticamente e é sempre inútil tentarmos impedir a sua vinda. Sendo a falta de conhecimento um dos requisitos para a instalação dos preconceitos, é-nos evidente a manifestação dos mesmos em todos nós. Mas nisso tudo existe um grande problema: não existe sequer uma idealização de um estado em que os conhecimentos

possuídos por um homem sejam ideais para a formação deste ou daquele conceito, ou ainda, o preconceito existirá ou deixará de existir, em qualquer situação e com quaisquer pessoas, dependendo do ponto de vista adotado; de onde se segue que qualquer tentativa de vulgarizar a questão afirmando, por exemplo, que o preconceito diz respeito antes àquelas pessoas que ostentam visivelmente rupturas intelectuais graves e intensas, tais tentativas caem por terra e morrem antes de nascerem (são preconceituosos os que assim agem!). A despeito de tais coisas, é quase sempre acertado um outro uso que se faz do termo “preconceito”: naqueles casos em que é utilizado para revogar uma superstição ou uma mera crença absurda e ridícula, tão presentes no nosso mui culto povo; porém, mesmo nesse caso, podemos ainda suspeitar e duvidar de sua validade, tendo, em muitos momentos, que reconhecer a relatividade oriunda e justificada pelos diferentes pontos de vista (duas pessoas que sustentam crenças absurdas, uma para outra não será preconceituosa, conquanto para nós o seja). O uso mais acertado do termo e que permite menos objeções são naqueles casos em que o utilizamos quando fazemos referências a pessoas que manifestamente expressam ódio por uma determinada religião, raça ou país: neste caso, o preconceito nada mais é do que o corpo do sentimento, ou seja, a sua parte visível, ou melhor, a exteriorização de um sentimento, e como tal a sua invalidação não é possível, porquanto concerne a algo primitivo.

37 — *Do preconceito, parte 2* — É indubitável que na pessoa e nos atos de Hitler vemos uma das manifestações mais preconceituosas de que se tem notícia ao longo da história da humanidade. O seu preconceito, que era o próprio ódio, e embora ele não tenha percebido, pois certamente o seu sentimento era tão titânico e tirânico que subjugou toda e qualquer percepção racional, empurrando-a e forçando-a a imergir nos mais profundos abismos de sua consciência fragilizada e atônita, perpassou completamente as fronteiras do salutar, do racional e do coerente, transformando-se em uma espécie de loucura insensata. Não é difícil compreendermos como pode um ser humano agir de uma forma tão fria e cruel para com os seus semelhantes, pois, como já foi tratado, basta apenas que ele veja os outros humanos como objetos ou como criaturas completa ou parcialmente distintas dele, assim como nós fazemos com um rato ou com uma barata; contudo, não é fácil chegarmos à

compreensão do porquê de algumas pessoas olharem dessa maneira para os seus iguais. Já procurei, escrutei, perscrutei, revirei e nunca encontrei um argumento firme com o qual pudesse sustentar a afirmação de que é impossível o nascimento de uma pessoa que trouxesse consigo, de forma inata, alguma espécie de sociopatismo, e não estou a falar de uma constituição favorável para o desenvolvimento do mesmo, porém falo do sociopatismo não como um desvio mas como uma característica natural de um homem qualquer. Por outro lado, devo considerar que, se tais casos existem, eles são raros, o que nos conduz ao caminho no qual pensamos que o meio e a constituição orgânica das pessoas são os fatores determinantes para o surgimento de seres tais como Hitler, um autêntico criador e pregador de preconceitos. Pessoas da linhagem de Hitler não são tão raras como comumente se pensa: encontramos-las na política, nos exércitos, na polícia, na igreja; a grande diferença entre estas e aquele nazista é esta: Hitler teve o poder nas mãos — ele foi apenas um representante famoso da categoria, que com sua retórica envolvente conseguiu persuadir uma multidão de imbecis (a fraqueza dos alemães fez deles imbecis) (lembre-se que Hitler não fez nada sozinho). Um olhar não muito demorado, mesmo que por uma velha fechadura, para todo aquele preconceito sofrido pelos judeus, mostra-nos que o que ali existia era tão-só uma situação ou um conjunto de situações favoráveis para o desenvolvimento, em pessoas propensas, de um ódio contra a humanidade (sede de poder em demasia é sinônimo de ódio contra o mundo), um ódio que extravasou-se desumanamente e do qual um outro ódio nunca deixou de ser conjugado: o ódio do algoz contra o algoz, o ódio dirigido para o interior, o ódio de si mesmo...

38 — *Do preconceito, parte 3* — O preconceito racial assenta nas diferenças entre os outros e o ser preconceituoso, ou melhor, é fundado em atritos de identidades grupais ou individuais que supostamente existem de fato, mas que para darem origem a preconceitos só precisam ser imaginados ou percebidos como coisas reais. Diante de um ser muito diferente de nós, um cavalo por exemplo, nós seres humanos poderemos até ponderar sobre a vida, sobre os seres vivos, sobre o cavalo, e por conseguinte manifestarmos um comportamento um pouco diferente do que o normal em relação a um cavalo; contudo, eis que geralmente não é isto que sucede: devido ao adestramento, as pessoas já

estão tão imbuídas das enormes diferenças existentes entre um homem e um cavalo que se forem solicitadas para descreverem algumas delas terão uma imensa dificuldade para apresentarem uma visão aceitável da questão, com os seus conceitos e argumentos sendo passivos de ataques simples e energicamente fracos e, porém, muito poderosos e violentos. Como consequência, tais pessoas não tratam um cavalo ou outros animais como um ser idêntico a elas, isto é, não terão a menor compaixão pelos mesmos e tratá-los-á como meros objetos do qual devem fazer uso para benefício próprio. Algo parecido ocorre na formação dos preconceitos raciais: o contato entre raças ou culturas muito diferentes umas das outras expõe os seus membros ao contato com pessoas razoavelmente distintas, propiciando em alguns a ideia ou a sensação de que o outro é menos ser humano do que ele próprio, justamente porque ele forma suas concepções de não-humano a partir de si mesmo e do que os outros vêem nele; como efeito, temos a aparição do preconceito, que neste caso não é outra coisa senão a ideia, consciente ou não, de que uma outra pessoa não deve ser tratada como tal, pois como tal ela não é vista. Existe uma outra forma de vermos isto: quanto mais empatia sentirmos por alguém, mais o trataremos dignamente e nos esforçaremos para agradar-lhe, porquanto à imagem daquele alguém veremos o nosso próprio eu, e os interesses do eu sempre estão dirigidos para o eu; inversamente, quanto mais uma pessoa for diferente de nós, mais nos comportaremos desdenhosamente em relação a ela, salvando-se apenas os casos em que ela pode-nos ser útil de alguma forma. Entretanto, o preconceito daí apenas não é originado: a nossa incrível e pouco inócua capacidade de rechaçar tudo aquilo que é suspeito ou diferente aos olhos sociais também tem o seu papel na formação do preconceito, e somos suscetíveis a essa coerção porque possuímos uma ânsia profunda e irrequieta, que incansavelmente pretende atender aos apelos da sociedade para que não sofremos isolamento — neste caso, o bem-estar que emana do não destoamento de opiniões e comportamentos é apenas um fruto da sensação de preenchimento e segurança advindos do “sentir-se” no grupo. O preconceito assim é duplamente alimentado e a sua negação é também uma negação parcial da sociedade: eis porque preconceitos deste tipo são tão difíceis de serem destruídos: a barreira que deve ser superada é formada pela própria sociedade.

39 — *Do preconceito, parte 4* — Infindável é o número de preconceitos existentes em todos os diversos setores sociais. Os portadores do H.I.V. sofrem uma série de privações e agressões morais provocadas, aqui sim, por uma falta de conhecimento inicial que, auxiliado pelo medo da morte e pelo egoísmo, propiciou um caminho não muito íngreme para que o preconceito pudesse desenvolver-se e tomar descomunais e amplas proporções. Todavia, penso eu, esse tipo específico de preconceito sofrerá ataques muito violentos em suas bases e o seu desfalecimento será quase inevitável; porém, um longo tempo será necessário para que ele realmente seja fortemente amenizado. As pessoas obesas outrossim são alvo de muitas discriminações, o mesmo sucedendo com aquelas portadoras de deficiências físicas ou mesmo deformações ou diferenciações inatas. Entretanto, motivados por uma generalização de termos ou mesmo preconceitos, muitos se enganam ao pensarem que os obesos sofrem com o preconceito: no caso deles, não existe preconceito (com raríssimas exceções), eles sofrem por serem vistos como pessoas diferentes e que não atendem a certos padrões sociais. Veja-se bem: um preconceito pode ser a expressão de um sentimento a partir do momento em que este impede a ação de um discernimento mais apurado dando origem àquele; ele também pode ser a nítida falta de conhecimento, como no caso dos aidéticos; e também pode ser originado pelas diferenças, como acontece nos preconceitos culturais; todavia, conquanto os deficientes físicos e possuidores de deformações sofram com o preconceito causado pelas diferenças, a agressão sofrida pelos obesos não é causada por nada disso, ou seja, não é originada de preconceitos, sejam os tratados aqui ou outros. Que estou a dizer? Todos os atos sarcásticos, agressivos ou discriminatórios dirigidos aos obesos devem sua origem a basicamente duas coisas: os padrões sociais e as práticas mercantilistas. Os padrões sociais são a causa de muitos incômodos insensatos, como os sofridos pelos baixinhos, e fixa os seus alicerces no desejo inerente aos seres humanos de estarem por cima uns dos outros, de serem mais bem vistos; isto é, os obesos sofrem porque as pessoas têm um desejo irreprimível de sentirem-se superiores, e a existência desse “sentir-se” por cima é condicionada por padrões sociais, como os padrões de beleza, por exemplo. Poder-se-ia indagar, não obstante, se tais padrões ou conceitos

não são também meros preconceitos, ao que responderia dizendo que, embora não negue a relatividade desses padrões e conceitos, não vejo como se poderia tornar possível uma admissão dessa espécie, pois os conceitos de beleza não são derivados de outros, ou seja, são primários, e os preconceitos tomam a sua forma de outros conceitos já existentes. As práticas mercantilistas também dão a sua contribuição para o sofrimento de muitos e intensificam a sensação de que a sociedade é preconceituosa. Assim, muitos pensam que, quando um negro é recusado em um emprego porque tinha um branco competindo com ele, ou quando um obeso ou aidético não conseguem prosperar profissionalmente por causa da doença ou da aparência, é porque eles sofreram preconceitos; nestes casos, porém, geralmente não existe preconceito algum: forças externas, por exemplo, clientes, é que impedem, por exemplo, um gerente de hotel de contratar um negro para ser balconista, pois neste caso ele poderia desagradar a muitos e até perder clientes (o capitalismo é desumano: o capital é o centro das atenções), ou seja, no máximo podemos sustentar que o gerente foi coagido por preconceitos, mas não que ele tenha agido preconceituosamente. No caso dos gordinhos, esta situação é um pouco diferente: quando eles não conseguem ser modelos ou atendentes, não é por causa de preconceitos, porém tão-só por causa de exigências da profissão, as quais, neste caso, como já deve ter ficado claro, na grande maioria das vezes, tiram suas origens de conceitos.

40 — *Do preconceito, parte 5* — A cultura ou o saber podem abrandar os preconceitos de uma sociedade, porém sua ação prática é extremamente restrita: o saber consciente dificilmente introduz-se nos abismos profundos dos quais o comportamento é fruto. Os preconceitos de uma sociedade culta, em relação a uma pouco erudita, são bem menores; todavia, se tomarmos isso como parâmetro, a distinção comportamental entre ambas praticamente inexistente: um homem pode olhar para uma mulher ou para um negro e pensar que eles são seres inferiores; ele pode discriminar ferozmente um homossexual, mas nem por isso ele deve ser considerado um homem preconceituoso: se ele ponderou bem sobre tais questões e é inteligente e possuidor de bons conhecimentos, no máximo podemos acusá-lo de ter desenvolvido conceitos equivocados e distorcidos...

41 — *Do preconceito, parte 6* — O pensamento consciente é apenas uma pequena parte de um grande todo e neste caso aparece apenas como um justificador, um caçador de motivos, não sendo, portanto, o verdadeiro causador de ações preconceituosas, sejam elas positivas (existem preconceitos positivos para a sociedade e para o próprio indivíduo) ou negativas. Os preconceitos se referem menos a saberes do que a instintos e paixões, e aqueles que quiserem realmente combatê-los terão que se ver com estes e não com aqueles.

42 — *Nossas diferenças* — Pergunte a qualquer um transeunte ou alguma pessoa do teu conhecimento qual a diferença entre os seres humanos e os demais animais; responder-te-ão, em um coro desarmônico, que o homem é um animal racional, e que tal racionalidade não se faz presente em todos os demais animais. No entanto, ao admitirem que os seres humanos são superiores aos outros seres vivos (eles o fazem) e que tal superioridade advém da racionalidade, precisamente isto nos faz pensar que o que diferencia um homem superior de um inferior é a racionalidade ou capacidade de refletir: os pensadores, portanto, estão por cima de todo o inepto rebanho restante, aqueles que outra coisa não fazem senão curvar-se e obedecer, tal como um escravo, todos os seus instintos tirânicos e poderosos (ganham poder ante sua fraqueza), aqueles que vivem embriagados nas festas e dançando aquelas músicas ridículas, aqueles que vivem para a prática esportiva, aquele professor humilde que tagarela repetidamente as mesmas coisas durante o ano inteiro, aqueles policiais ignóbeis que nunca deixam de estar imbuídos de serem melhores do que os outros, aquele vil juiz que pensa ser o detentor de poderes naturais quando na verdade todo o seu poder emana de meras convenções sociais... Porém, será isso mesmo verdade? E se estivermos sendo enganados por algum orgulho infantil? E se a nossa posição for a mais desprezível possível? E se os outros, aqueles cujo comportamento não muito é dessemelhante do dos outros animais, estiverem no cimo da espécie? Não, meus amigos, nada disso é assim: a diferença entre os homens e os animais não repousa no que foi dito.

43 — *Espíritos errantes* — Vejam só, vejam só: o seu corpo está ali mas... Cadê o seu espírito? Se perdeu do corpo? Não quis vir? Não quis mais ficar? O que aconteceu com ele? Por que ele resmunga tanto? Por que ele está tentando convencer a si mesmo de que pertence a este lugar? Ele realmente nasceu aqui? Ele é um erro? Existe solução para ele? Por que ele está tão só? Ele terá condições de encontrar novamente o seu espírito? Ou será que ele nunca o viu? Não estará sonhando de olhos abertos? Por que os seus pensamentos são tão desordenados? Não será culpa do espírito que está sempre a vagar?

44 — *Aos nossos sonhos* — então vós pensais que sois importantes e valiosos? Não! Basta que nos aproximemos de vós que logo tua opacidade começa a desfazer-se frente aos nossos olhos! Vós imaginais que sois o sentido e o significado da vida? Tolo engano: vossa imagem é mais frágil do que a do rio do deserto. Não, não, vós não sois nada disso: contrariando a crença que em vós está presente, não estais à nossa frente nem muito menos ao nosso lado, estais por detrás, sois o nosso humilde e servo escravo, estais sempre a nos servir: sem nós, vós não existiríeis, e tão logo usufruímos dos vossos préstimos, tão logo nos encontramos convosco, perdeis o teu valor, deprezamo-vos e ficamos até a lamentar por termos atribuído tanto valor a uma simples ilusão.

TERCEIRA PARTE

1 — *Do estado de natureza* — As alterações ocorridas na natureza, mesmo aquelas nas quais somos afetados de uma forma a acreditar em mudanças repentinas e criações assombrosas, não se dão tão rápidas como muitas vezes costumamos imaginar. Sempre que olhamos para um grande salseiro, parece que por vezes esquecemos da quantidade de horas, dias, meses ou mesmo anos e séculos que o causador de uma violenta torrente leva para se formar, e passamos a acreditar, muitas vezes despojados de qualquer espécie de pudor intelectual, em determinações aleatórias e mágicas, na criação racional, repentina e consciente de algo. As coisas na natureza nunca transcorrem dessa forma: revolteemos os nossos olhares e poderemos perceber que ao nosso redor ocorre uma infinidade de coisas em diferentes modos distintos e semelhantes, onde nossa percepção mostra-se impenetrável; todas essas pequeninas coisas fazem parte do todo e dependem do todo: não existe independência na natureza, mas tudo é determinado por tudo e tudo determina tudo. Mantenhamos essa ideia e pensemos por um instante no estado de natureza da raça humana proposto pelos contratualistas. Só uma doce, frágil e comandada ilusão pode levar-nos a acreditar em uma distinção ou separação entre o estado social e um tal estado de natureza. Jamais houve um consentimento entre homens para determinarem a criação de um estado político, assim também como a ação individual não logrou êxito na incumbência de se sair de um estado pretensamente natural, como se por algum motivo houvesse um estado de ser e estar que fugisse da natureza: tudo é natural, e conquanto muitos, com sua condescendência enganadora, tentam-nos exortar de que existem fatos estranhos ou ainda que não são naturais, mesmo assim, sem muita reflexão, não é difícil concluirmos que nada foge às leis da natureza, e mesmo os atos mais mesquinhos e estranhos estão nelas encaixados. As mudanças nas relações humanas que ocorreram ao longo dos tempos não foram senão imperceptíveis e naturais, mas muitos pensadores, ao tentarem analisá-las, olharam para o estado atual e para um outro imaginário, e além deste erro, esqueceram de considerar a continuidade temporal: fizeram como um pai que, devido a uma vida errante e impensada, largou a filha com a mãe numa idade tenra e passou anos andando pelo mundo sem sequer procurar notícias dela; quando então voltou para casa, anos depois, distinguiu completamente a filha que largara da filha que agora o

despreza, “esquecendo-se” das transformações lentas e graduais que ocorrem com um ser humano; por outro lado, o pai que acompanha a filha, o pai que está sempre junto a ela e vê diariamente o seu crescimento, esse pai não percebe distinções: muito raramente, ele, em um dia qualquer, é que pensa assim: “Meu deus! Aquela coisinha pequena e delicada já se transformou em uma mulher! Como o tempo passa!”. As relações humanas gerais e específicas, a ética, a moral, as leis, etc. desenvolveram-se natural e automaticamente, sem a percepção nítida dos seres humanos e sem suas deliberações racionais e conscientes a respeito dos rumos que deveria tomar suas vidas. Assim como não escolhemos se seremos moralistas ou não, se seremos filósofos ou não, se sentiremos amor ou ódio pela humanidade, igualmente os homens não escolheram se queriam ou como queriam a organização das sociedades das quais faziam parte, pelo menos não por um livre decreto geral ou individual, sendo sujeitos às necessidades e vantagens que afetavam suas vidas, desta forma guiados por impulsos e instintos que com toda razão são dignos de serem considerados os mandatários das organizações sociais que passaram a ser “estabelecidas” entre os homens nos diversos lugares e nas diversas épocas.

2 — *Receptividade para a dor, parte 1* — A natureza do ser humano dá-lhe a forma de um barco que precisa de ventos para percorrer os diversos caminhos que se lhe mostram, mesmo aqueles que ele tão-somente entreve por detrás dos nevoeiros e também aqueles que ele sequer conhece ou imaginou: tais ventos são constituídos, ou melhor, em sua maioria são a própria dor ou necessidade. O sofrimento é o combustível que nos faz andar, não propiciando-nos uma existência parada e fastidiosa: como seria triste termos que viver parados, sem necessidade, sem angústias e desejos portadores de grande força que arrebatam-nos da nossa humilde e enfraquecida serenidade natural. Vivamos a dor, pois assim como o pólo norte não existiria sem o pólo sul, assim também não teríamos alegria sem a dor. O sofrimento faz parte do esquema das coisas, e nós não temos a mínima capacidade para imaginar como seria viver sem derramar lágrimas por esse mundo: elas, as lágrimas, lavam nossos olhos, tirando-nos a neblina de nossa frente e fazendo com que o cintilar de todas as coisas afete-nos com mais

violência: a maior de todas as tristezas é experimentada por aqueles que não mais sabem chorar. Choremos, pois assim como o sorriso, o choro é também uma expressão de vida. O próprio ser humano sabe, senão pelo raciocínio, mas pela intuição, que a dor é sempre necessária e que dela nunca poderemos ser livres: dê-se tudo a um ser humano: não tardará para que ele comece a sofrer com o tédio; facilite-se as coisas para alguém desde cedo: tornar-se-á uma pessoa mimada que com o mais insignificante e medíocre obstáculo logo fica entristecida; e isso ocorre justamente porque se as condições externas não propiciam muito sofrimento ao homem, a própria natureza humana se encarrega de fazê-lo. Admitindo que isso pudesse, de alguma forma, ocorrer, que haveria de suceder à humanidade se se inventassem uma droga qualquer que tornasse as pessoas ininterruptamente contentes? Em um estado desses, que é completamente contrário às leis da natureza, pois todo ser sofre à sua maneira, os homens agiriam livres da coerção universal e em desacordo com as leis da autopreservação individual e do grupo do qual é parte inerente, ficando à mercê da desordem e sucumbindo em seus atos impensados: justamente isso haveria de suceder porquanto a ordem e o esquema geral das coisas possui o sofrimento geral e individual como uma de suas engrenagens principais: retirando-a, o caos se instala.

3 — *Receptividade para a dor, parte 2* — Mesmo na posse do saber que nos diz haver uma relação de dependência mútua entre a dor e a alegria, não seria pouco sensato ainda perguntarmos se a nossa natureza, a natureza humana, se sua receptividade para o prazer é maior do que sua receptividade para a dor. Um homem pode sofrer até chegar ao suicídio, isto é, o sofrimento pode atingir, num triste transcorrer paulatino, uma força descomunal até que se torne insuportável para o ser sofredor; o mesmo, no entanto, não ocorre com a alegria: quando somos afetados por um longo tempo pela alegria (e isso é raro), à não ocorrência de nenhum fato que nos venha a incutir infelicidades, então nos deparamos com o tédio, isto é, de forma natural, saímos sempre de um estado em que todas as nossas necessidades e desejos estão satisfeitos e vamos caminhando em direção da dor. Isso nos supõe que a receptividade para a dor é maior. Mas é possível ainda redarguirmos: o suicídio é uma espécie de remate repentino e prematuro com o qual um homem põe fim a um processo que ainda não chegou ao seu fim; qual

garantia temos que os suplícios cruéis não chegariam ao fim, caminhando neles mesmos, se o homem continuasse a existir no seu próprio ser? Será que depois de vistosos e pungentes suplícios gradativos o ser humano não encontra alegria e paz, se não vier a suicidar-se? O “refletir” muitas vezes é também uma expressão da dor: não será por isso que muitos, em suas reflexões racionalmente adormecidas, atribuem um valor tão elevado à dor? Não estaria acontecendo isto conosco, neste momento? O homem tem uma grande capacidade de adaptação, e este precisamente foi o fator determinante para quase todos os progressos (adote-se uma perspectiva) da espécie, pelo menos no que tange à sobrevivência; entretanto, ter que se adaptar implica perigo, e perigo implica alguma espécie de privação ou sofrimento: quando um homem vai à guerra e mata o seu semelhante pela primeira vez, uma manifestação súbita de remorso ou dor pode fazer-se presente, mas quando ele já tiver tirado a vida de nove ou doze, é provável que já não sinta mais nada: adaptou-se! Quando uma mulher sensível e com uma tênue autonomia perde o seu bem-amado, mesmo apesar do aparecimento de uma dor não muito fácil de ser rechaçada, ela pode muito bem, aos poucos e lentamente, retomar sua vida e, mesmo carregando em algum lugar recolhido do coração tristes lembranças por durante toda a sua existência, voltar a levar uma vida satisfatória: adaptou-se! Somos animais adaptados e em constante estado de adaptação, porém adaptação é também sofrimento, e, portanto, uma grande capacidade de se adaptar é igualmente uma grande capacidade para receber e lidar com os diversos sofrimentos dos quais somos vítimas. No caso do suicida, a sua desolação vai crescendo e sua receptividade para a dor é tão grande que ela não pára de aumentar, atingindo um ponto crítico onde o homem pratica um ato que volta-se contra grande número de instintos e paixões. Em verdade, nossa receptividade para a dor não é maior do que a receptividade para o prazer, mas é bem maior; e assim deve ser: no universo, o “uno” só pode e só se refere ao todo: o que verdadeiramente nos atinge é o “diverso”, a aparentemente contraditória multiplicidade existencial.

4 — *O silêncio* — O ser quando fica a sós consigo próprio e desvencilha-se do contato próximo e imediato com os seus entes, passando a sentir e observar toda a grandeza do macrocosmo, em

oposição à superfície nítida e enrugada que mediocrementemente invade e ocupa todo o ser do ser que não consegue se abstrair em pensamentos mais profundos e silenciosos, este ser faz do silêncio uma grande fonte de aprendizagem. Todos nós, mesmo nos mais vigorosos e altivos sentimentos, carregamos uma poética viril e sensível com a qual, conquanto muitos tentem escondê-la, contemplamos a natureza e a nós mesmos, fazendo-nos parte do todo e com o todo pintado numa pintura artística cuja beleza estética toca a essência do ser humano. Em momentos tais, de pura reflexão inconsciente, não difícil é termos o esclarecimento de dúvidas ou mesmo a emersão de ideias, como uma espécie de *insight* milagroso: mas o encanto aparece apenas por causa do desconhecimento, da falta de consciência que temos do mundo interno e de suas lutas e batalhas rumo a novos saberes. Enganam-se todos aqueles que imaginam ser o conhecimento um fruto de estudos ou de observações empíricas ou racionais: muito se aprende no sombrio silêncio do silêncio.

5 — *O tempo* — Muitos dos transtornos e sofrimentos que afligem as pessoas mantêm alguma relação com o tempo: é assim em praticamente todas as preocupações ou nos diversos tipos de ansiedades, onde o tempo martiriza as pessoas infligindo-lhes sentimentos irrequietos que transformam a existência presencial em um tormento temporal. Por outro lado, sempre que estamos felizes, quase não nos damos conta do tempo: é que a felicidade implica sintonia com o todo, e no todo o tempo não se faz presente.

6 — *Homossexualismo* — Em nosso belo tempo, onde cada vez mais presenciemos ultrajes contra preconceitos, não difícil é de percebermos que tais atitudes são superficiais, um jogo artístico e teatral com o qual se pretende angariar benefícios: os apresentadores de TV e os atores são doutores nessa mui bela “arte”. Andemos pelo mundo prestando sempre muita atenção às atitudes, gestos, olhares e falas das pessoas: uma vez mais, aqui, temos uma profundidade abissal entre o mundo dos contos de fada e o presumível mundo real: o preconceito ainda está radicado em muitas e muitas pessoas, pobres e ricos, homens e mulheres, ignorantes e intelectuais. Contra os homossexuais, existe uma manifestação de desdém ou ódio emanada de quase toda a sociedade: mesmo quando

alguém mais “esclarecido” diz que acha compreensivo e aceita a questão do homossexualismo, faz questão de completar: “Mas vejam só: eu não tenho nenhum homossexual na família, hein!”; dizem isso querendo mostrar que sua visão sem preconceito não se origina do fato de que alguém de sua estima é homossexual: porém traem-se a si e aos outros, que se deixam enganar porque também são preconceituosos. Mas, contra os homossexuais, o que se sustenta? Qual o pseudo motivo com o qual tenta-se mascarar e até encourçar uma mediocridade social na qual muitos figuram como opressores e causadores de frustrações e depressões diversas? Parece-me que o argumento mais eficaz contra o homossexualismo é este: o sexo foi criado por deus para a procriação; mulher com mulher ou homem com homem não procriam, logo: o homossexualismo é um distúrbio; também já ouvi falácias do tipo: pesquisas indicam que os homossexuais são mais dispostos a terem depressão. O segundo argumento, se é que podemos dar uma tal denominação a uma afirmação cuja integridade é sempre suspeitável e envolta por imensas dificuldades de aceitação, desfalece ao olharmos para todo o sistema complexo no qual vivemos: assim, pois, tal afirmação pode ser facilmente rebatida por aquela que diz que a propensão dos homossexuais para a depressão é oriunda do próprio sofrimento destes causado pela discriminação e pelo desprezo das pessoas, inclusive dos seus pais. O primeiro argumento constitui-se como um argumento firme, não tão fácil de ser rebatido. Sustenta-se no pressuposto de que o ato sexual é dirigido unicamente para a procriação: derrubando esse pressuposto, o argumento cai por terra. Então vejamos: é indubitável que a paixão e a atração sexual tenham como objetivo maior a procriação, mas é dubitável que este seja o único objetivo: as próprias pessoas nunca reconhecem que a paixão só serve para a procriação, e se se sustenta que o único objetivo do sexo é esse, então temos praticamente os mesmos motivos para acreditar que o da paixão também o é. A mais forte expressão da paixão é a alegria e o preenchimento (no caso de uma paixão positiva, claro), sentimentos que atingem o ser em toda completude arrebatando-o da temporalidade; o ato sexual é visto como algo mais isolado, provisório, e por isso mesmo é pensado como algo que se dirige para um fim, que tem uma finalidade específica: pergunte-se a algumas pessoas qual a finalidade da alegria e depois qual a finalidade do ato de almoçar: à primeira pergunta darão

uma resposta frouxa, diversificada, talvez sem sentido mesmo; à segunda darão uma resposta certa, exata. Se o único objetivo do ato sexual é a procriação (e agora faço a mais alta questão de seguir a forma de pensar equivocada e ilusória daqueles que sustentam isso, isto é, pressuponho um mundo completamente ordenado e daí tiro minhas conclusões) seria de se imaginar que em toda relação sexual ocorresse a concepção, o que não ocorre: dependendo do caso, na grande maioria delas não ocorre. Com os dados que dispomos, portanto, é impossível concluirmos por meio de argumentações que o sexo tem como único fim a procriação, assim como não podemos concluir que também tenha outros fins além deste. E para aqueles estudiosos do eu interno que dizem ser o homossexualismo um distúrbio sexual, digo que por mais que se queira, não existem padrões ideais e inexoráveis, e usando a mesma medida que eles, posso dizer que todos temos distúrbios sexuais: tal distúrbio, conseqüentemente, não pode ser visto necessariamente como uma doença ou um empecilho para a felicidade: estar feliz é estar em harmonia com o seu próprio ser, é interagir adequadamente com o eu e com o mundo, isto é, estar em paz consigo mesmo, e talvez só os preconceituosos é que impedem os homossexuais, aqueles que sofrem, de desfrutarem de um tal estado.

7 — *Esvaecendo* — Pessoas hipersensíveis, não deixeis que a sombra dos outros vos desfaleçam, pesem sobre vossas almas, retirem a vossa tranquilidade: olhem para as pessoas, sintam-nas, mas abandonéis tudo de negativo que vier delas: não devemos carregar a dor do mundo em nosso espírito!

8 — *O pacifista* — Era uma criança carente, solitária, sofria com o desdém dos familiares, corria na chuva sozinha, com medo, com medo do escuro, com medo da luz, com medo sorria e gritava. Parava sempre para ver o quadro, admirava a música, percebia a calma ou o furor da cidade, com os colegas não brincava, fugia, fugia da realidade ao ver o pai pronto para bater-lhe. Sentia-se injustiçada e sozinha. Quando cresceu, viu-se nos outros, quis ajudar-se, quis retornar no tempo para fazer carícias e companhia àquela criança tão triste: levantou a bandeira da paz e fez dela um símbolo de sua luta contra as injustiças do mundo.

9 — *Os discursos do poder* — Determinados conceitos surgem da dualidade e devem coexistir sempre para manterem seus significados: assim, por exemplo, não tem sentido falar em pessoa alta sem ter a ideia de uma pessoa baixa. Todavia, não temos fatos dependentes aqui — pode-se conceber, de acordo com o sistema universal, pessoas de aproximadamente a mesma altura —, mas apenas ideias ou conceitos formados a partir de relações. Uma pedra não sente dor como nós, mas também não sorri, ou seja: existe uma relação de dependência entre a alegria e a dor, e já aqui não temos apenas ideias ou conceitos dependentes, mas fatos dependentes também — a alegria em si mesma depende da dor, e não podemos conceber um mundo alegre no qual inexistente a dor. Aplicando este último raciocínio numa situação incabível, muitos concluem que a pobreza e a riqueza devem sempre existir de qualquer maneira, pois, devem pensar eles, existe uma relação de dependência necessária entre ambas e que não se limita apenas às ideias, porém se estende aos fatos, isto é, não se trata apenas de uma relação existencial ideal, mas factual também — não existe pobre sem rico e vice-versa. Todavia, a despeito de não ser possível conceber um mundo sem sofrimentos, é possível conceber um sem pobreza. Aqueles que nos dizem que a pobreza é natural e sempre existiu, que devemos aceitar as coisas como são, pois não podem ser diferentes, têm uma visão distorcida ou estão se insinuando para os poderosos — ou são eles próprios.

10 — *Perspectivismo* — Seria prudente acreditarmos na tese de que todo conhecimento é relativo e depende das necessidades irracionais ou puramente instintivas do ser que conhece? Quem sustenta tal tese, não está o fazendo com a razão, isto é, com uma faculdade humana completamente controlada? Ao afirmarmos que as ideias de um homem, suas opiniões e concepções mais profundas, enfim, o que existe de consciente em seu intelecto, nada são senão um mero efeito, um resultado inevitável de operações, o que nos daria sustento e corroboraria conosco? Pois, se o intelecto é completamente controlado, então não podemos dar ouvidos ao perspectivismo, já que, como todas as outras doutrinas e concepções — mesmo a do livre-arbítrio — ela não é fundada em bases firmes, não passa de um efeito. “A verdade não existe”, dizem alguns; mas e se isso for verdade? E se não for verdade?

Trata-se, portanto, de uma contradição gritante, imensamente povoada de dificuldades: de um determinado prisma, o perspectivismo nega-se a si próprio (o que é coerente segundo o seu ponto de vista: nenhum conhecimento expressa a verdade, logo a afirmação desta frase não é verdadeira, mas tal inverdade endossa e está acordando com que a frase nos diz, pois se ela fosse verdadeira, tornaria-se falsa). Entretanto, em que pese tudo isso, é sempre bom lembrar que a contradição também move o universo.

11 — *O que não se demonstra* — Na matemática, as demonstrações das proposições e dos teoremas exigem conhecimentos prévios e que não precisam de demonstração (axiomas), por serem, supõe-se, claramente evidentes e até, alguns, universalmente aceitos. Em qualquer outra ciência, ocorre o mesmo: é impossível retornarmos infinitamente no conhecimento — as deduções sucessivas são sempre limitadas —, e partindo-se de um único axioma falso, pode-se muito bem construir uma ciência completamente falsa.

12 — *A espera* — Qualquer estado conflitante interno, por ser conflitante, é também um estado de deliberações instintivas e de tomada de decisões, onde o indivíduo é arrastado para lá e para cá por forças que enfrentam-se entre si, num embate onde uma ou muitas delas começam a ser enfraquecidas pelas outras, até que enfim o equilíbrio começa a se restabelecer. Na consciência, em muitos casos, um estado desses manifesta-se como uma espécie de confusão: com inclinações múltiplas e divergentes, o indivíduo passa a não perceber o que realmente está querendo, ficando indeciso e pensativo; e isso tanto mais quanto mais intensa for a luta em seu coração. Em momentos assim, melhor é a espera do que o arrebatamento: enquanto este pode acarretar consequências em que há desastre, aquela, além de permitir um amadurecimento do sujeito, traz consigo a serenidade exigida para a tomada de grandes e sábias decisões.

13 — *Visão materialista, parte 1* — Os estados chamados “espirituais” são na verdade estados da matéria, alterações da mesma cuja derivação se deve tão-somente a coisas físicas de um universo em permanente transformação, e cujo efeito são as alterações da alma ou espírito.

Assim como não existem estados iguais de matéria, assim também não existem estados iguais de espírito: uma mesma ideia, por exemplo, a ideia do belo ou do amor, ou ainda outra mais simples, como a ideia de uma cor qualquer, não pode e não é igual nas pessoas: por mais semelhante que seja o expressar linguístico das pessoas, o sentido que elas colocam nas palavras possui dessemelhanças incríveis, e isso porque o estado material de cada uma possui consideráveis diferenças em relação às outras. Entendemos também, perfeitamente, a razão porque as grandes alterações do espírito ocorrem na idade mais tenra do ser humano: é nela, pois, que as alterações corporais se dão com maior intensidade. A própria adolescência caracteriza-se como uma época de conflitos internos e de busca de identidade: o corpo do adolescente passa por muitas e diversificadas alterações e está no seu estado final de transformação, isto é, depois da adolescência, o corpo humano atinge um certo equilíbrio; e então dizemos que ele atingiu a maturidade, ou seja, um estado de espírito equilibrado. Destrua-se o corpo de um homem, e o seu espírito não mais existirá. Só um sonhador, um daqueles cujo instinto domina e cuja falta de inteligência é sempre marcante, não consegue perceber a clareza dessa tese.

14 — *Visão espiritual, parte 2* — O corpo não tem poder algum sobre o espírito: qualquer espaço extenso, delimitado ou não, possui matéria aqui e ali e espaços vazios por onde os corpos se movimentam: mesmo o chumbo, por mais denso que seja, possui espaços vazios em seu interior, pois, ao admitirmos o contrário, não poderemos conceber qualquer alteração em sua forma, o que é um visível absurdo (até com uma unha podemos modificar sua forma). A imaterialidade, por outro lado, abrange todas as coisas e não é fragmentada: as leis da natureza — a da gravitação universal, por exemplo, que está totalmente diluída na imaterialidade universal — estão e agem em todas as coisas: basta observarmos o movimento dos corpos celestes ou darmos uma olhadela na fórmula da gravitação universal e teremos a nítida convicção de que a imaterialidade abrange tudo, pois por mais longínquo que seja um lugar, existem forças de atração neste lugar — mesmo que imperceptíveis —, isto é, o imaterial está presente. Sendo o material algo limitado e o imaterial algo infinito, concluimos então que a matéria é alterada pela imaterialidade, pois aquela primeira, por ser limitada,

não pode intervir no infinito, no ilimitado, naquilo que ultrapassa infinitamente a sua própria potência de agir. Portanto, à luz da razão, só podemos admitir que o espírito é que altera o corpo, e não este àquele. Podemos ver também que o espírito, além de comandar o corpo, não é destruído com este, porquanto o espírito do ser humano é uma das expressões da imaterialidade, que por sua vez é infinita, isto é, não pode ser destruída. Só um ser adoecido por uma triste falta de fé pode admitir alguma coisa de verossímil na visão materialista.

15 — *A vida que perde a vida* — A nossa força existencial é a alegria, e quantas vivências não podem trazê-la! Sentimentos belíssimos são despertados por um olhar, por um carinho, por um gesto de amizade. Mas um rosto cujo dono tem um coração com muitos motivos para reluzir com a alegria, pode apresentar-se com grande abatimento: bastando para isso que outros sentires expugnem a alegria de, por exemplo, um amor por uma mulher, transformando-o em uma irremediável e pungente dor. Entretanto, não devemos fazer confusão: a culpa não é do amor que se sente.

16 — *Uma grande tristeza* — Uma grande alegria só pode ser abatida por uma grande tristeza — mas o inverso não é válido.

17 — *O medo de ser feliz* — O que comumente se chama “medo de ser feliz” é na verdade um receio causado por frustrações e sofrimentos passados, que, por serem “pensados” como portadores de sofrimentos maiores do que uma presumível felicidade que viria de uma determinada coisa com a qual estão relacionados, tem-se o medo delas virem para sobrepujar a felicidade: medo de ser feliz é, portanto, medo de ser infeliz.

18 — *A ideia de ordem: progênie* — Nos primórdios do pensamento sistematizado, os seres humanos começaram a desenvolver o seu conceito de ordem a partir da própria observação, explícita ou implícita, da natureza, ou seja: eles não aplicaram a ideia de ordem à natureza, mas tiraram-na dela. Assim, ao verem a passagem do dia para a noite e depois da noite para o dia numa sucessão indefinida, mas percebendo intuitivamente que tais sucessões ocorriam aproximadamente ao mesmo

tempo, foi-lhes sugerido pelos instintos que ali havia alguma coisa de diferente em relação, por exemplo, à queda-d'água de uma cachoeira. Muito provavelmente, depois de muito tempo, quando já algumas ideias se encontravam em um estado de desenvolvimento mais avançado, os humanos expandiram aquele conceito simples de ordem e passaram a observar, já com uma certa consciência, outros fenômenos da natureza, principalmente aqueles ligados diretamente a sua sobrevivência: a cicatrização de uma ferida, por exemplo, devia ser vista como algo que possuía ordem, isto é, repetição de um fenômeno ocorrente sempre em determinadas condições. A ideia de fim, ou coisas concorrentes dirigidas para determinados fins, deve ter se desenvolvido juntamente com a ideia de ordem: a partir do instante em que se observava que alguns fenômenos tinham certas particularidades ou alguma coisa que sugerisse ordenamento, procurava-se entender o porquê disso, e assim os nossos antepassados começaram a desenvolver, com a ajuda dos efeitos causados pelos fenômenos, a ideia de fim ou efeito proposital. Tal ideia, no início, só era respeitante aos efeitos entrelaçados com a sobrevivência dos indivíduos, como no caso da cicatrização, da alimentação ou do sono — que servia para descansar. Um pouco mais na frente, os seres humanos começaram a passar os olhos ao seu redor e a fazer ligações de um alcance mais longo: viram as plantas — das quais também se alimentavam — crescendo em determinadas épocas do ano e começaram a indagar se elas não cresciam para eles comerem. Depois, observaram que era em épocas de chuvas que as plantas realmente cresciam e florescia, e então ligaram uma coisa à outra e a si mesmos: chovia para as plantas crescerem, e elas cresciam para serem comidas por eles, ou seja, começaram a imaginar que existia um grande sentido nos acontecimentos: a noite foi feita para descansarem, a chuva existe para dar os seus alimentos, etc. Como nem os mais sábios conseguem ver o quadro inteiro, muitos supuseram que todo o mundo era ordenado, até que os corações atormentados e as mentes mais perspicazes começaram a colocar tal suposição à prova.

19 — *A ciência e suas crenças* — Modernamente, a ciência não aceita a afirmação de que chove para que os alimentos cresçam para os animais se alimentarem, pois a chuva veio antes dos animais; no entanto, ao se tratar do corpo humano, ela admite um fim para quase tudo (ou tudo

mesmo): os pêlos do nariz servem para filtrar o ar, o suor equilibra a temperatura do corpo, os glóbulos vermelhos do sangue auxiliam no processo respiratório, etc., etc., etc. Existe mesmo uma coerência lógica nessas crenças? Não estará ela sonhando? Não esqueçamos que ela não passa de uma mera criação humana.

20 — *Antes que o sol nasça, parte 1* — Quando estiver na escuridão, na taciturnidade obscura e pouco insolente da noite silenciosa, mesmo em estado conflitante e com os olhos não muito desanuviados, olharei para o todo e para o ínfimo, perceberei o que há de ligação entre eles, quais suas relações comigo, porque eles também não deixam de me afligir e perturbar. O marejar de meus olhos e o arfar do meu coração darão um aspecto turvo às coisas em redor de mim, e elas se insinuarão para mim assombrosamente, como num imenso e interminável pesadelo; mas nem por isso meu olhar deixará de ser um olhar perscrutador e desafiador. À noite, os seres perdem a cor e o brilho, ou seja, aqueles mesmos que durante o dia ofuscam nosso olhar e enganam os nossos sentidos, impedindo-nos de senti-los com o coração e de caminharmos até próximo de suas essências. E quando o sol nascer, não esquecerei mais daquela escuridão e carregarei comigo todo o saber que pude adquirir daquele imenso céu escuro debaixo do qual todas as coisas estavam paradas — e eu as vi assim.

21 — *Antes que o sol nasça, parte 2* — Só podemos vê-lo no escuro: a falta de luz faz com que ele brilhe. Muitos já o tomaram e partiram, e não deram mais notícias, esqueceram-se daqui. O motivo configura-se como um enigma indecifrável para muitos, mas ele existe, sempre existiu, por mais estranho que transcorram as coisas. E quem se arrisca em dizer que é um erro tomá-lo? Por vezes, ele nos parece tão fascinante e atraente na escuridão! Temos que nos apressar se quisermos tomá-lo, pois ele só é visto na noite, e da noite depende, é dela que tira a sua existência: assim que o sol nascer, ele desaparece sem deixar centelha.

22 — *Depois que o sol nasce, parte 3* — Já na aurora, a nossa visão começa a ser afetada de uma maneira diversa pelos seres: enquanto na escuridão existia uma monotonia, uma insipidez exagerada e exalada

pelas coisas, no amanhecer do dia um nobre encanto enaltece a aparência de todos os seres, tornando-os vistosos e agradáveis aos olhos: surpreendemo-nos com tamanhas transformações e uma descrença nos olhos aparece para nos perturbar; mas só por um instante: logo esquecemos a noite e passamos a viver o dia.

23 — *Os outros* — Certo dia, quando estava escutando e me deliciando com Bach, disseram-me: “O que é isso? Como é que você escuta uma porcaria dessas?”. Pergunto: fui rechaçado de um meio? Fui excluído? Não: eles é que foram.

24 — *Os psiquiatras e seu ofício* — Uma mulher desesperada leva sua linda e sofredora filha para um psiquiatra e lhe diz: “O que faço, meu senhor? Ela tem medo de sair de casa porque acha que as nuvens vão cair em cima dela”. O psiquiatra, já acostumado e desconsiderando o desespero da mãe, tenta acalmá-la dizendo que sua filha irá se recuperar. Depois de passar dois ou três tipos de remédios para a moça, marca o dia da volta: neste dia, a moça retorna ao lado da mãe e vai para junto do psiquiatra que lhe pergunta: “E então, ainda com medo das nuvens?”, “Não senhor”, responde a moça, quase mecanicamente e aparentando não possuir mais espírito — de tão dopada. O psiquiatra então fica satisfeito consigo mesmo e com seu trabalho: “Receitando bons remédios e com uma boa conversa, ajudei mais uma a eliminar seus sofrimentos”, pensa ele; mas o certo seria pensar assim: “Paralisei mais uma com minhas drogas e transformei-a numa espécie de zumbi, que não sente dor e nem alegria também. Infelizmente, porém, os piores efeitos só serão sentidos mais tarde”.

25 — *Os problemas nossos de cada dia* — A imensa maioria das pessoas agem como se fosse possível uma aplicabilidade dos problemas, em condições iguais, para todas as pessoas: para elas, é como se os problemas existissem em si mesmos, isto é, expressassem em si alguma espécie de realidade, que seria imutável e inalterável quando com o contato com as pessoas. Um erro semelhante manifesta-se quando imaginamos, devido a uma necessidade do ser, que uma música que nos agrada vai agradar também aos outros — a experiência é que nos ensina que não —; ou quando bons sentimentos são despertos

por uma linda mulher, isto é, quando ela nos encanta, e creditamos a ela uma espécie de qualidade ou atributo imutável, a ponto de imaginarmos que o mesmo ocorrerá com os outros homens. No caso dos problemas, por eles só existirem nas mentes e nos corações das pessoas, isto é, por não possuírem realidade externa, não devemos jamais comparar os nossos problemas com os dos outros ou os deles com os nossos: por mais parecidos que sejam, cada um ganha uma impressão diferente em diferentes pessoas, e tanto mais diferente será tal impressão quanto mais diferentes forem as pessoas envolvidas. Os problemas ganham forma, gosto e textura com a nossa maneira singular de sentirmos a vida: o que é algo irrisório para você, pode ser um grande e doloroso problema para mim, e vice-versa.

26 — *Os acusadores* — Interessante é notar algumas cenas lamentáveis e jocosas: por exemplo, sentam-se para uma discussão uma psicóloga, dois homossexuais, um pastor que é contra o homossexualismo e a organizadora e coordenadora da discussão. O pastor, que mantém sempre o seu fixismo inabalável, é ridicularizado por todos, pois todos têm a mente “aberta”. Mas estes mesmos, que se supõem e vangloriam-se por serem “esclarecidos” (excetuando-se, especificamente neste caso, os homossexuais), nem imaginam que, na verdade, têm uma mente facilmente persuadível e cujas ideias foram inicialmente subjugadas e posteriormente substituídas por outras que foram trazidas e são sustentadas por uma execrável massa falsa e ridícula, que pela frente afirma, mas por trás nega e ainda cospe em cima. Numa época como a da Inquisição, em um lugar onde houvesse uma forte presença e domínio de uma de suas ideias, muitos desses que querem-nos parecer sem preconceito (como se isso fosse possível) seriam os primeiros a gritar e conclamar fogueira para os ciganos e feiticeiros.

27 — *Véspera de Natal* — Então chagamos a mais um final de ano. Época de festas e confraternizações, alegrias e abraços, reconciliações e pensamentos internos significativos sobre o significado de muitas e muitas coisas. Todavia, a paisagem não é tão bela quanto aparenta ser: para nós, pessoas solitárias, é sempre uma época de muitas tristezas e desesperanças. Ficamos tristes ou nos sentimos mais sozinhos porque a diferença entre nós e os outros torna-se maior e bem mais acentuada,

em virtude do pouco parentesco que temos com o “compartilhar alegrias”: na vida diária, não nos achamos tão diferentes ou isolados, pois existe uma calmaria maior, um “mover-se parado” das pessoas, que nos tranquiliza e faz suscitar em nós o pensamento de que ou outros não possuem uma grande dessemelhança em relação a nós. Ficamos tristes também porque falta-nos algo, um alguém talvez: mesmo quando estamos em meio a muitas pessoas, e suas alegrias tangenciam nossos corações, costumamos olhar para o lado e sentir aquilo que todo solitário sente: está faltando alguma coisa. Ficamos tristes porque gostaríamos de estarmos felizes naqueles momentos para também dar, receber e desfrutar de toda aquela alegria emanada pelas pessoas “normais”. Ficamos tristes e choramos, enfim e em suma, porque sentimo-nos sozinhos, como se fôssemos o único representante de uma espécie em meio às demais: sentimos que falta-nos um ser para interagirmos, um alguém para abraçarmos, para chorarmos e rirmos em seus ombros. Reminiscências antigas aparecem, Natais passados, tristezas, frustrações: aqueles com menos experiências podem ser excetuados, mas nós perdemos a fé em um futuro melhor, em confraternizações felizes: pensamos no Natal do ano que vem, tentamos nos alegrar, mas a imagem de todos os Natais tristes que tivemos acaba com qualquer expectativa positiva: a desesperança é nutrida. Mas então não terei praticamente nada de positivo para dizer? Não. Por mais estranhos ou diferentes que possamos nos sentir, por mais sozinhos que estejamos, talvez tudo isso não passe de ilusões, confusões e interpretações equivocadas oriundas de uma sucessão de imagens cambiantes, que produz um efeito indistinto: talvez tudo isso não seja nada senão um pequeno desajuste em nossa personalidade, em nosso ser, algo que não desenvolveu, mas que pode ser desenvolvido! Quem sabe no Natal seguinte? Temos que lutar: a vida não seria vida sem batalhas ou guerras internas e externas. A esperança não é um mal que pretende fazer com que o homem, mesmo sofrendo tanto, não renuncie à vida, isto é, ela não é uma alargadora de suplícios, e sim uma alegria, tímida ou não, cuja incumbência é dar-nos força para que, mesmo numa batalha quase perdida, peguemos nas armas para lutarmos, para vencermos a batalha ou morrermos honradamente. Mesmo tristes e com desespero no coração, tentemos acreditar. Agora, se quiserem, feliz Natal para todos.

28 — *Fantasia sobre Greensleave* — Greensleave é um lago em um lugar frio e recolhido do nosso mundo. Em chegando lá, as pessoas logo ficam surpresas com um grande mistério: Greensleave só pode ser visto à noite. O lugar é frio, porém na beira do lago, todas as pessoas sentem-se confortáveis e aquecidas, com o coração tranquilo e em paz, destituído de conflitos. Quando todos estão juntos e os desejos ficam em uníssono, tem início a grande fantasia: as águas do lago ficam imóveis, paralisadas, enquanto algo aparece com um movimento suave e ziguezagueante em cima das águas; imediatamente depois, aquilo que era um lago sombrio e vazio, transforma-se num sonho, numa fantasia: muitas pessoas surpreendem-se e sorriem, com os olhos cheios de alegria e esperança; outras não conseguem perceber senão vultos indistinguíveis, como se estivessem olhando as imagens de um calidoscópio; por fim, um pequeno número de pessoas enxerga imagens lindas e felizes, ajoelha-se e desesperadamente começa a chorar: nas primeiras podemos perceber a necessidade e um desejo, nas segundas são percebíveis a sua felicidade e ausência de sonhos, e nas terceiras podemos ver o arrependimento e o sentimento de fracasso. O lago de Greensleave é distinto para todos; na verdade, ele é o reflexo do coração das pessoas, daquela parte onde residem a esperança e os sonhos. Nele, muitos sorriem, muitos se desesperam, e muitos morrem; trata-se de um lago triste e feliz ao mesmo tempo, audacioso e suave, um sonho e um pesadelo: é preciso de coragem para se chegar nele.

29 — *Empatia* — A interação social propicia-nos o sentimento da inclusão, do grupo, de que não estamos realmente sozinhos na caminhada. Pessoas que sonham demasiado, que criam protótipos de seres humanos com os quais deveriam manter uma semelhança, pessoas assim, não esporadicamente, são mais sofredoras: olham para sua natureza e não raro sentem desprezo de si mesmos, impondo limites inalcançáveis para o seu próprio ser — faltam-lhes interações sociais bem vivenciadas e mais profundas. Onde existe pouco contato social ou onde esse contato dá-se de forma superficial, inexistente uma empatia expressiva, ocasionando a criação imaginária de um mundo cujos critérios de criação podem ser instintos ou paixões de conseqüências negativas ou positivas para o ser. Aquele, todavia, que caminha junto

com os outros percebe as necessidades deles e por isso mesmo vive em um mundo mais “real”, onde a diferença entre ele e os outros não mantém uma relação de grande distinção: isso é positivo, e por ser assim sempre procuramos estar próximo daqueles que possuem algum vínculo conosco, seja de afetividade ou de necessidade. O isolamento espiritual também pode trazer o sentimento de fracasso, pois ao não participarmos do processo de empatia, idealizamos um ser que deveríamos ser e que, por ser imaginário e ficcional, fruto de uma mente atormentada, não nos é palpável. Entretanto, tudo no seu lugar: o isolamento social quase sempre pode ser visto como um efeito, e a falta de empatia e de identificação juntamente com o sentimento de culpa ou fracasso, como um efeito do efeito.

30 — *No momento certo* — Acontecimentos monumentais precisam de campos cuidadosamente preparados para a sua efetivação, sendo a organização complexa e uma fantástica afluência de fatos aqui e ali, e do outro lado também, os seus alicerces e toda a sua força produtora. A beatlemania, por exemplo, consolidou-se como um grande fenômeno mundial em virtude de vários fatores, dentre eles, e possivelmente o mais relevante, encontra-se uma potente vontade de mudança de paradigmas, que já nos anos cinquenta, ou talvez antes mesmo, começou a exercer poder nas pessoas, tendo atingido o seu ápice nos anos sessenta. Com os padrões reinantes em nossos dias, Os Beatles não teriam emplacado tantos sucessos como em outrora e tampouco seriam o fenômeno que foram — embora ainda seja uma das bandas que mais vende discos no mundo. Sem querer desmerecer os Beatles e sem insinuar qualquer espécie de demérito, mas o tempo mudou, o clima é outro, e isso futuramente será mais bem entendido, permanecendo dos Beatles apenas as suas canções universais.

31 — *A falta do exemplo* — Filhos cujos pais não servem de exemplo profissional têm comumente desperto em seus corações um sentimento que pode ser expresso pela seguinte composição: sem-vocação. Os pais exercem uma influência poderosa e tirânica nos filhos, mesmo sem estes ou aqueles perceberem, e aqueles pais que não servem de espelho para os filhos deixam-nos perdidos: se a sorte ou qualquer outra coisa

que traga construção lhes alcançar, porém, toda esta situação pode ser revertida e até mesmo ter um papel positivo ao longo da história.

32 — *A descoberta* — Uma família sai para o trabalho todos os dias: pai, mãe, filhos, todos partem em busca da sobrevivência nos trabalhos forçados do campo; eles, logo cedo, com suas barrigas vazias, saem na aurora e trilham um pequeno caminho aberto há muito tempo por entre a grande e densa mata. Certo dia, porém, um dos filhos briga com seu irmão e foge, pois seus pais ameaçam-no. Passam-se vários dias, e quando a preocupação e desespero já começavam a tomar conta de toda a família, eis que o pequeno garoto aparece em casa e com grande entusiasmo diz: “Encontrei água doce e limpa para beber e terras boas para o cultivo: já não passaremos mais sede e não teremos que lidar mais com aquela terra tão infrutífera!”. Todos ficaram felizes, e surpreenderam-se quando souberam que o caminho que levava o filho para tais descobertas ficava bem próximo daquele que eles percorriam todos os dias: a mata era fechada e eles nunca quiseram mudar de direção.

33 — *Destruindo para construir* — Existem certos ciclos que precisam ser quebrados casualmente, propiciando a construção de outros que trazem mais saúde para o indivíduo e para a espécie: para tanto, muitas vezes, faz-se necessário a destruição — a natureza está em constante transformação, mas muitos ciclos funcionam como máquinas grandes e complexas, sendo constituídas por imensas engrenagens: a mudança ou retirada de uma peça pode causar a quebra da máquina inteira.

34 — *Tudo muito obscuro* — Uma grande valorização do próprio ser pode servir de arma para um indivíduo cujo ser lhe traz desgosto e cujo ser que ser mais: a grande desvalorização é combatida com a valorização que causa a desvalorização.

35 — *Preconceitos oriundos de preconceitos* — É sabido que uma sociedade despojada de qualquer preconceito não existe e nunca existirá: o agir de alguém pode ser um preconceito para mim, sem, contudo, ser para outra pessoa, isto é, trata-se apenas de pontos de vista. Entretanto, pontos de vista à parte, é tão curioso quanto ridículo o

comportamento de certos grupos sociais que, supõem-se, são discriminados: os bissexuais ou os homossexuais, por exemplo, partem para um embate contra preconceitos munidos de preconceitos: discriminam os discriminadores, e mesmo àqueles que baixaram as armas são dirigidos ataques baixos e vis. De tanto lutarem contra preconceitos usando-se preconceitos, o hábito se instala e muitos passam a agir preconceituosamente mesmo depois da batalha ter terminado. A supressão de um preconceito quase que inevitavelmente origina outro, e isto só as mentes alegres e pouco perspicazes não conseguem perceber.

36 — *A necessidade e a opinião* — Muitos ainda pretendem dificultar e dificultam as pesquisas científicas que podem dar um novo andar para pessoas deficientes: alegam que nenhum homem, não sendo o criador ou o detentor dos direitos sobre a vida, pode tirá-la a um ser; outros, os deficientes, os necessitados, aparecem sempre minando tal argumentação: dizem que o ser ainda não sente, não tem consciência, não tem uma vida realmente, e que portanto não se constitui crime natural ou social a eliminação de tais seres: se eles não fossem deficientes, se eles não fossem os possíveis beneficiados com tais pesquisas, será que teriam esta mesma opinião? No caso dos homossexuais, muitos vêem com absoluta naturalidade a sua condição e mesmo reformulam muitas ideias e conceitos que têm em relação a questões atinentes com a homossexualidade — dogmas religiosos, etc. —: teriam eles tão visão e fariam tal reformulação se não fossem homossexuais? Outros ainda criticam veementemente o aborto, justificando suas “convicções” com mil e um argumentos: se por ventura o aborto chegar-lhes à porta, manterão suas “convicções”? O mais interessante disso tudo é que estes mesmos vivem a falar do tal “livre-arbítrio”.

37 — *O nosso ser e o conselho* — Certa vez, uma moça em cujo coração habitava um grande vazio existencial chegou para uma senhora e pediu-lhe um conselho: “Vivo tão sem alegria, tão triste, sem vontade e sem objetivos, não sei o que acontece, não quero mais viver; ajude-me, por favor, dê-me um conselho”; “Minha filha”, começou a senhora, “procure ser mais útil às pessoas, ajude-as e esse vazio que está presente

em seu coração arrumará suas malas e partirá para bem longe, nunca mais voltando”; a moça então perguntou: “Como? Como hei de ajudar as pessoas?”; “Ora! Existem muitas maneiras: você tem mãe?”, a mocinha respondeu: “Sim, tenho mãe: ela é doméstica”; “Então por que você não faz uma surpresa para ela: ajude-a em casa”. Provavelmente, se não fosse uma senhora e sim um senhor, ele teria dito: “Ajude seu pai no serviço”.

38 — *Situação difícil* — Muitos alcoólatras já não encontram mais razão de viver, e por isso não param de beber: suas vidas estão destruídas, eles não têm objetivos. Para um combate forte ao vício é preciso, antes de tudo, que o viciado tenha um bom motivo para viver: mas se acaso ele não tem, é possível forjar um para, pelo menos, dar-lhe um pequeno ânimo. De qualquer forma, é sempre uma situação difícil.

39 — *Injustiça social?* — “Por que você rouba?”, perguntou uma repórter a um delinquente que havia pouco foi preso; “Eu roubo porque não tem emprego, porque a sociedade é injusta”. Olharam o histórico dele: largou a escola na quinta série, depois de três reprovações seguidas por falta; a partir de então nunca mais pisou em um estabelecimento de ensino, nunca fez um curso, mal sabe pegar em um lápis, não sabe fazer contas, não consegue ler direito. Pergunta-se: qual o emprego que ele quer? Existe muito comodismo e muitas desculpas em certos indivíduos.

40 — *O que nos prova nossos sentimentos* — Sentimo-nos eternos! Mas mesmo que isso fosse um sentimento comum e partilhado por todos os indivíduos — não estou negando —, ele provaria algo? Sentimos também que o sol está bem perto; sentimos, muitas vezes, que somos o ser mais importante do mundo; sentimos que vamos fracassar ou vencer, e isso não ocorre em muitos casos; sentimos que estamos sendo traídos, quando não estamos; muitos gregos de outros tempos sentiam que seus deuses existiam. O sentimento não se constitui como uma prova: a única coisa que ele nos prova é que sentimos — e mesmo disso ainda é possível duvidar.

41 — *Reformulações* — Ao imaginarmos que um determinado pensador desconhecia os pontos contraditórios e falhos de sua teoria, podemos estar cometendo um erro: muitos sabiam; porém, em virtude de sentimentos e observações e de uma multiplicidade de teorias que se entrelaçavam formando uma espécie de rede constituída por fios completamente dependentes, eles não quiseram desfazer a rede e atropelar os sentimentos e as experiências para corrigir uma tese ou um pensamento qualquer.

42 — *Os cientistas e seu materialismo* — Sempre foi corrente, desde que surgiram os homens da ciência, aqueles que supostamente baseiam seus conhecimentos em métodos experimentais, uma visão materialista de mundo: suas cabeças materiais são sempre um envoltório de uma mente superficial e inepta; a falta de espiritualismo e de uma visão menos superficial revelam-nos o quão pouco especial é a maioria das mentes dos cientistas. Por outro lado, os verdadeiros grandes cientistas sempre foram preocupados com as questões fundamentais — Newton, Einstein. Os cientistas materialistas de hoje são como crianças: fazem isso e aquilo, procuram aqui e ali, desejam tal e qual coisa, mas não têm consciência do seu estado — fazem, procuram e desejam, mas não sabem quais as razões: estão presos em um mundo no qual são escravos.

43 — *Os médicos e seu autoconhecimento* — Os médicos, por receberem todos os dias em seus consultórios pessoas leigas, no início de suas carreiras fazem assim: falam mansamente, como que aconselhando uma pessoa enraivecida, que precisa de conselhos e que os detesta; depois, ao se darem conta de que as pessoas tomam o que eles dizem como verdades, eles mesmos começam a se convencer disso — se já não o eram. Nenhuma outra raiz tem a arrogância dos médicos senão esta: um nível intelectual baixo de seus pacientes. Muitos médicos devem detestar as naturezas questionadoras, desdenhando-as ou tratando-as com pouca paciência: precisamente elas, duvidam dos médicos e atacam o seu posto de dono da verdade — para muitos, uma das grandes alegrias de se ser médico.

44 — *Os médicos e suas qualidades* — Então as pessoas não procuram a medicina por causa do prazer de se salvar vida? Não, claro que não: o dinheiro é o ímã; então os médicos não são pessoas especiais e altruístas, que sempre procuram o bem do próximo? Não: procuram a fama e sempre “estar por cima”. Mesmo as qualidades mais elogiáveis dos médicos podem se pulverizar frente a uma análise rígida e vigorosa.

45 — *Determinismo: um olhar para as bases, parte 1* — A crença no condicionamento completo dos fenômenos ajuda muitas pessoas a superar conflitos e sofrimentos dos mais diversos. Desta maneira, pode-se imaginar que o determinismo granjeou muita força com aqueles pensadores cujo coração se mostrava sempre em conflito: a culpa, por exemplo, é muito bem mitigada ao pensarmos que tudo ocorre por necessidade, e passamos a ostentar um olhar arrefecido e despojado de muitos males. É possível suspeitar, já dessa perspectiva, portanto, da integridade de uma tal teoria, e sem grande descontentamento dirigir-lhe um olhar desconfiado. Abandonando essa perspectiva, ponhamo-nos a ponderar sobre as coisas e sobre o nosso sentimento. O que vemos? Vemos que somos livres. Não teria sentido a existência do sentimento de culpa, do remorso, do mal-estar sentido após uma atitude que é reprovada pela consciência — numa linguagem psicanalítica, o superego não só poderia ser dispensado como deveria necessariamente sê-lo —, enfim, se não houvesse liberdade, é evidente que nada disso existiria em nosso mundo, porquanto tudo ocorreria por necessidade, não existiria liberdade, as coisas estão como deveriam estar e serão como deverão ser. Ora, sendo a liberdade uma ficção, os seres humanos não precisariam de mecanismos que lhes coagissem para agir dessa ou daquela maneira; de onde concluimos que, se num dado momento qualquer, uma mulher pára, olha para trás, medita e conclui que poderia ter agido melhor, então é porque a liberdade existia e existe. Não conheço absurdo maior do que essa ideia do fatalismo, e muitos homens “geniais”, ao admiti-la, se deixaram levar ou por uma empolgação infantil, surgida de um grande contentamento e fé em uma nova ideia ou numa maneira diferente de enxergar a vida — este foi o caso de Laplace —; ou por vivências externas conturbadas, que obrigaram o indivíduo a se resignar por causa de imensas impossibilidades de obtenção de coisas — temos Spinoza —; ou, enfim, por sentimentos de culpa e fracassos,

os quais são sempre aliviados pela ideia do determinismo — enxergo Schopenhauer e Nietzsche. O sentimento de liberdade é inato e assim que ganhamos consciência — isto é, capacidade de visualizar sem vislumbres o eu interno e o mundo externo —, tocamos na liberdade com o espírito: aqui, só mesmo as mentes atormentadas, doentias ou fanáticas podem ignorar tal sentimento.

46 — *Determinismo: um olhar para as bases, parte 2* — Embora os suplícios estejam sempre presentes na espécie humana e uma insatisfação geral se insinue, eventualmente, com uma força titânica, a vida da grande maioria das pessoas é sempre muito bem suportável: mesmo aqueles espíritos mais atormentados, os que constituem valiosa exceção em relação ao todo, têm satisfação a maior parte do tempo em estarem vivos. Sendo a alegria a atividade, a ação, o lugar onde não existe reflexão ou pensamento, então a maior parte das pessoas passará pela vida desconhecendo-a quase que completamente: nessas pessoas, a crença em quaisquer sentimentos que apareçam será imediata, pois onde não existe ponderação, existe o reino das paixões e instintos. Dessa forma, como poderemos supor que o determinismo seria aceito pelas pessoas se elas sequer pensam onde estão e para onde vão? A origem das coisas é ignorada e sequer pensada pelas massas. Elas acreditam em suas mais falsas percepções, como, por exemplo, a da livre escolha. Ademais, para as pessoas, muitas alegrias têm sua raiz na consideração do seu eu, isto é, na contemplação de si mesmas como agentes importantes e causadores de efeitos nos outros — ter uma auto-estima elevada é, na verdade, sentir-se a pessoa mais importante do mundo —; porém, essa alegria será consideravelmente reduzida pela ideia de que ninguém age por liberdade, pois, adotando essa perspectiva e usando-a como óculos, não perceberemos méritos em ninguém e, conseqüentemente, aquelas nossas atitudes que nos dão orgulho e alegria serão vistas como coisas necessárias e das quais não fomos causas diretas, ou seja, não teremos porque nos alegrar com elas. Há quem sustente que nós temos liberdade justamente porque temos consciência e percepção do mundo interno e externo; mas a consciência, olhando-a somente para onde ela mantém uma relação com nosso caso, não passa da capacidade de perceber, muito limitadamente, o que se sente: capacidade de perceber, não de mudar ou controlar o que se

sente. Além disso, sendo a consciência essa capacidade de percepção, é evidente que ela só irá perceber, isto é, terá percepções diferentes e variadas dependendo do que o indivíduo sente e não será jamais a causa desses sentimentos ou instintos: é como um espectador numa peça teatral: ele olha e percebe a história, porém não tem o poder para mudá-la. E os pensamentos? Os pensamentos não surgem de livres deliberações, eles simplesmente aparecem, emergem; imaginem o seguinte: você está com outra pessoa e pede para que ela levante o braço; ela pergunta o porquê do pedido e você diz que só depois irá dizer; ela então pensa: “O que será que ele quer? Vamos ver”; depois, como você pediu, ela levanta o braço: houve livre escolha aqui? Claro que não. Primeiro, o seu pedido produziu alterações no corpo dela e no seu espírito; segundo, ela não foi a causa dessas alterações — mesmo o pensamento “O que será que ele quer...” não foi tido por ela por um simples querer, ele apareceu, não foi porque ela quis, e coagiu sua atitude; e finalmente, em terceiro, ela não teria condições de mover o braço se não houvesse um complexo mecanismo que lhe permitisse isso, ou seja, em termos grossos, o braço não seria movido se não tivesse essa capacidade. A vontade humana só seria livre se fosse causa de si mesma, e mesmo aqueles que colocam a vontade como substância do universo, não estão se referindo à vontade humana.

47 — *A necessidade e as filosofias* — Tornou-se comum frases do tipo: “Não existe uma filosofia ou religião melhor do que a outra, mas cada pessoa deve procurar uma em que se encaixe”. Ou, interpretando corretamente: as necessidades de uma pessoa, suas paixões, medos, ansiedades, angústias, esperanças, etc. é que determinam o modo como uma pessoa pensa, suas crenças, ideologias, religiões e filosofias. Contudo, as pessoas escutam frases desse tipo, ficam satisfeitas — pois não é uma crítica às suas crenças —, porém não a interpretam corretamente: querem convencer a tudo e a todos a respeito da veracidade de suas crenças; ou seja, aqui também a necessidade se faz presente.

48 — *A ciência e uma capa* — Qualquer ser humano que interaja com pessoas diversas e que precise dessas pessoas, isto é, psicólogos, jornalistas, psiquiatras, dentistas, médicos particulares, vendedores,

comerciantes, etc., demonstram um grau de sabedoria mínima ao cerrarem a boca sobre assuntos tais como religião ou filosofia se a pessoa a quem ele fala não partilhar de crenças parecidas com as suas; ao contrário, ganha-se facilmente a simpatia de uma pessoa concordando com ela e ainda corroborando com seus pensamentos, mesmo não estando realmente de acordo com eles. Essa espécie de tática é muito usada principalmente pelos artistas, pois eles precisam ser simpáticos: ao serem perguntados sobre suas crenças em relação a deus, excetuando-se algumas exceções — em geral, aqueles de carreira consagrada — dizem pensativos: “ah, eu acredito em deus, em um deus universal”. Os políticos também se utilizam de tais expedientes, falando em deus o tempo todo, mas sendo ateus em seus âmagos. A ciência também deve tomar cuidado, principalmente devido à sua base materialista: os seus representantes devem falar o mínimo possível sobre questões metafísicas com a população: estas podem, se a necessidade apertar, revoltarem-se contra aquela facilmente, o que, diga-se, já acontece muito nos nossos dias — muitas pessoas, por exemplo, deixam de tomar remédios e procuram tratamentos alternativos dos mais diversos tipos e que, muitas vezes, possuem uma única ligação: uma base pouco científica. Neste caso, a ciência deve rever a sua postura pública e os cientistas devem omitir suas opiniões: ela precisa de uma capa.

49 — *O conhecimento dos outros* — Imagina-se que quando passamos a conhecer mais as pessoas, existe uma natural redução de seu encanto e os seus atos deixam de nos enlevar tão fortemente: identificamos, em muitos casos, os reais motivos que regem o seu comportamento e o nosso também — “Aquele que mais se conhece a si mesmo é o que menos se admira”. Todavia, esse desencanto não é realmente provocado apenas por uma visão “real” das coisas, pois, além dessa visão “real” não ser real mesmo — não existem pessimistas, otimistas e realistas, mas tão-somente os dois primeiros —, já existe um certo negativismo no nosso olhar quando imaginamos captar os motivos verdadeiros do comportamento das pessoas. Em outros termos, um olhar arrefecido dirigido para as pessoas, por ser arrefecido, já filtra os dados e passamos a distorcemos as coisas. Aquelas pessoas mais felizes geralmente sempre identificam motivos bons nas atitudes das pessoas;

outros, os menos felizes e negativistas, por outro lado, avistam motivos negativos nas ações: aqui, eles pensam estar acima dos outros, pois supõem estar vendo melhor; porém, se suas concepções de egoísmo, de atos dissimulados, etc. não estivessem associados a coisas, que para eles, são negativas, mas, ao contrário, se estas estivessem associadas a coisas positivas e os atos altruístas estivessem associados a coisas negativas, a maioria deles só perceberia atos altruístas nas pessoas, porquanto suas visões não estão postas de maneira tal que avistem os objetos tais como são, mas elas vêem o que querem, e neste caso, querem ver o que é negação, o que desencanta.

50 — *Perdendo o tempo* — Muitos religiosos, ou filósofos, nos nossos dias, tentam provar a eternidade da alma humana e sua distinção em relação ao corpo. Com o advento e dominação da ciência, no entanto, muitíssimas concepções mudaram, mas os fixistas permanecem nas mesmas: para conseguirem o seu intento, primeiro devem atacar o evolucionismo, pois, segundo suas convicções, só o ser humano tem isso de alma eterna, e portanto não pode ter uma raiz comum com os animais; depois, por motivos óbvios, devem destruir as diversas concepções materialistas; finalmente, têm que demonstrar de alguma forma que o ser humano tem liberdade, pois se não a tiver, então agimos por instinto e não nos diferenciamos dos outros animais. E toda essa perda de tempo — pois eles não vão conseguir o que querem — para quê? Para continuarem acreditando que deus criou tudo para eles e que eles têm vida eterna, uma vida que será melhor do que esta.

51 — *Sendo chato* — Às vezes, alguma pessoa nos diz o quão belo é o ser humano: “Estás a escutar? Vês que música bonita? Só um ser magnífico como nós, e nenhum outro, pode produzir algo assim”. Mas a música só é bonita aos nossos ouvidos, aos ouvidos humanos: criamos e achamos bonito, e não: criamos e é bonito.

52 — *Vendo mais adiante* — “Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças... Um papel altamente formador”. São belas essas palavras, educador: tu só dizes isso, porém, porque era carregado de raiva — é preciso levar isso em consideração na análise de certas ideias.

53 — *A previsão do tempo* — Quando a meteorologia erra a previsão do tempo, o que temos? Temos a lógica! E quando ela acerta? Temos uma coincidência!

54 — *Falando a sério* — Ao olharmos, de longe, para uma paisagem, com um pouco de reflexão percebemos que ali naquela paisagem está acontecendo uma infinidade de coisas em infinitos modos diferentes. Da mesma maneira, quando estamos numa sala conversando com alguém, existem infinitas coisas ocorrendo nesta sala — mesmo em um mero quadro, por exemplo, o mesmo acontece. Segue-se daí que a meteorologia nunca conseguirá prever o tempo com precisão matemática, pois ela teria que trabalhar com infinitas variáveis, o que é absurdo: quanto mais ela aumentar suas variáveis e aperfeiçoar seus métodos e instrumentos, porém, menos motivos nos dará para sorrirmos ou ficarmos chateados.

55 — *O adulto e o eu criança* — Pessoas que, por motivos diversos, não conseguiram viver plenamente a sua fase de criança, quando adultos, não pouco eventualmente, carregam uma criança em seus corações que costuma gritar com muita força. Isso nos insinua, conseqüentemente, que a infância é uma fase cuja vivência é imprescindível: a natureza impõe-se se por acaso alguém renunciar à infância; e ai desse alguém se ousa contrariar tal imposição: é preciso deixar a criança sair, para que viva o que não viveu, para que desfrute do que não desfrutou.

56 — *Adultos afáveis* — Adultos que gostam muito de crianças, que se regozijam à sua presença e não se chateiam com suas diabruras, em geral têm uma sintonia harmoniosa com elas: a sua criança interna é bastante presente, e elas ficam muito contentes por terem com quem brincar.

57 — *A falta de gratidão* — As crianças, por mais que façamos favores para elas, por mais que lhes presenteemos e sejamos amáveis, por si só não demonstram o menor sinal de gratidão: é a natureza em um estado puro. A gratidão não é um sentimento, ela é aprendida durante a vida, e

isso principalmente devido a convenções sociais ou interesses egoístas: do adestramento, na maioria dos casos, é do adestramento que vem a gratidão. Nem por isso, porém, o trato agradável que recebe uma criança deixa de ser recompensado por bons sentimentos: amizade e amor já existem nas crianças, são coisas inatas.

58 — *A psicologia e seu método “experimental”* — Um dos métodos mais utilizados e mais passivos de erros da psicologia são as pesquisas: poucos são os que sabem interpretar.

59 — *As regras da felicidade* — Existem livros que pretendem nos ensinar a sermos felizes: apresentam-nos maneiras ou regras para alcançarmos a tão sonhada e cantada felicidade. Porém, são construídos assim: faz-se uma pesquisa com pessoas supostamente felizes, recolhem características comuns delas e as apresentam como sendo o caminho para atingir a felicidade. Assim, por exemplo, a maioria das pessoas pesquisadas costuma vivenciar mais intensamente o presente e a apreciar as coisas simples: concluem daí que é preciso vivenciar mais o presente e apreciar mais as coisas simples para que se seja mais feliz. O erro é evidente: estão tomando efeitos como causas. Cada ser humano é único (muitos dizem isso, mas não compreendem), ou seja, cada um sente à sua maneira a vida e tem os seus gostos, amores, desamores, ódios, etc. de maneira inteiramente singular — não obstante, não estou dizendo que certas atitudes ou conhecimentos sejam completamente dispensáveis. Não existem regras ou fórmulas para a felicidade, porquanto regras e fórmulas exigem naturezas iguais, o que só pode existir em um mundo idealizado.

60 — *A solidão e o querer* — Talvez, e apenas talvez, existam casos em que a solidão física de um ser humano seja completamente forçada, pois entre um estilo de vida solitário e um “normal” existe uma discrepância considerável, que diz respeito menos a uma possível conciliação entre os dois estilos de vida do que a ambos sendo considerados como modos de vida que envolvem toda a natureza de uma pessoa; além disso, um estado tão amplo e que envolve imensamente a natureza de uma pessoa não poderia sofrer uma completa oposição por parte dessa pessoa: ela não teria condições de viver assim, não suportaria, pereceria em si

mesma e poria um termo na própria vida. A solidão é necessária e salutar para muitas pessoas, e não se imagine que, por ela não despertar contentamento na maioria das pessoas, ela deve ser repudiada por todos: todos formam um corpo, mas cada parte desse corpo é distinta, tem sua própria característica, virtude e necessidade.

61 — *Coisas imaginadas e coisas físicas* — Para as pessoas, é bem mais fácil descrever coisas tangíveis fisicamente do que coisas tangíveis apenas espiritualmente: quando nos perguntam o que é uma maçã, ou uma cadeira, logo mexemos a língua e começamos o badalo; quando nos perguntam, porém, o que é o amor, ou a simpatia, então a resposta é bem mais difícil: na primeira pergunta, malgrado muitas respostas serem expressadas aparentemente com as mesmas palavras, existe uma pequena diferença nas mesmas e no significado imposto pelas pessoas; na segunda, as respostas vão diferir muitíssimo, e isso tanto no que concerne às palavras quanto ao sentido ou significado que nelas são impressos.

62 — *Respostas inacessíveis?* — Para conhecermos algo é preciso vermos esse algo, seja com os olhos ou com o espírito. Estamos no universo física e espiritualmente, e por mais que nossa humilde imaginação insinue-se com toda a sua presunção, querendo parecer que ela pode nos dar uma visão ampla e afastada das coisas, sabemos bem que todos nós fazemos parte da natureza, e de suas regras e leis não estamos eximidos, ou seja: é realmente impossível podermos efetivamente ver a natureza. Portanto, será que merecem confiança respostas para perguntas do tipo: que é a vida? Que é o ser? Quem é deus? O que é o universo ou a natureza?

63 — *Sem desanimar* — Mesmo os muros sendo altos demais, mesmo os caminhos sendo árduos, devemos sempre prosseguir: apesar de provavelmente nunca conseguirmos tocar no arco-íris, são sempre bem-aventurados aqueles que nunca perdem a esperança e prosseguem.

64 — *O vazio existencial e a busca* — Desesperadamente e com grande arrebatamento, muitas pessoas levam suas vidas: parecem ter pressa em experimentar um número maior de coisas e com mais intensidade.

Ilusão! Trata-se de uma ilusão de quem enxerga de fora. Essas pessoas que vivem assim carregam consigo um grande vazio existencial: procuram, dessa forma, preencher tal vazio, buscando aventuras incessantes, praticando sexo em demasia, intoxicando-se com drogas. São sempre presentes nessas pessoas atos compulsivos e um desejo forte, e por vezes inconsciente, de serem preenchidas: vivem sempre buscando novas coisas, pois não estão contentes com suas vidas. Sejam em atos extremamente repetitivos (comer demais, por exemplo) ou em prazeres efêmeros da vida diária (pessoas que compram demais) ou ainda na procura ininterrupta de novas coisas ou crenças, quem comanda é o vazio existencial: suspeito, inclusive, que ele é o principal ingrediente na criação do fanático religioso, e ainda lança olhares de desconfiança para alpinistas, pára-quadristas e quaisquer outros praticantes de esportes perigosos. Por outro lado, o desejo e a procura são diminutos em pessoas preenchidas, que encontram grande satisfação com a existência: olhemos, por exemplo, para um homem nobre: Jesus. Na pessoa de Jesus, não temos abstenções: em geral, dizemos que alguém se abstém de algo quando, de certa forma, ele precisa desse algo; mas isso não ocorreu com Jesus: ele não precisava de riquezas, de amigos, de mulheres ou de reconhecimento: ele era um homem preenchido, e por isso mesmo pôde ser o que foi — se realmente ele existiu.

65 — *A alegria antes do suicídio* — Não é incomum a família e os amigos de um suicida afirmarem que ele, antes de ir embora, estava até contente: isso é bastante provável, e por duas razões: em primeiro lugar, ao saber que vai se livrar da vida, isto é, da suposta causa de todo o seu sofrimento e desespero, é natural que ele se alegre; em segundo lugar, às vezes lutamos tanto contra determinada coisa que, quando parece que estamos quase vencendo e ela reaparece com toda a sua temível e terrível força, então céus muito sombrios invadem nossa alma, trazendo-nos um desespero nunca sentido: neste caso, caímos e, porque estávamos alegres, a queda foi bem maior. Evidentemente, essas duas razões nunca estarão presentes num mesmo suicida, pois da segunda razão tiramos que ele deveria necessariamente estar possuído de alegria, mas não da alegria oriunda de se saber que vai morrer.

66 — *Contrariando a natureza* — As crianças caminham juntas e animadamente para a escola; suas naturezas são ativas, e suas energias grandiosas; porém, quando chegam na escola, são obrigadas a se sentarem caladas em lugares desconfortáveis, não podem desfrutar do prazer da conversa ou da brincadeira com seus semelhantes, e ainda por cima os conteúdos ministrados pelos professores são chatos. Qual o resultado disso? O ódio contra a escola sentido por quase todas as crianças!

67 — *Devaneios: o ciclo vital* — O dito milagre da vida repete-se: a criança nasce. Nos primeiros anos, não possui consciência: os instintos comandam e dirigem todo o seu comportamento — fato que, malgrado a falsa percepção de todos, perdura pelo resto da vida —, pois a consciência humana não é confiável: se o nosso comportamento dependesse dela, não estaríamos mais vivos. Na juventude, no ápice de sua saúde, os instintos sexuais tiranizam o seu ser: é chegado o momento da procriação, e é necessário estar saudável para tanto, pois a saúde do seu filho é que realmente importa: se estiver com problemas físicos, será repellido; se estiver com problemas espirituais, igualmente será repellido, e a espécie o abandonará. Na idade mais avançada, devido às dores que acumulou ao longo da vida, a alegria de viver vai diminuindo: a natureza prepara-o para a morte. Depois de sua morte, e de algumas lágrimas aqui e outras ali, outro ser nasce para cumprir o mesmo ciclo.

68 — *Tomada da consciência, parte 1* — Percebemos claramente a fragilidade da consciência quando contemplamos o apaixonado: a sua paixão domina sua consciência, e a ela é destinada a tarefa de fundamentar os “conceitos” da paixão: se a pessoa amada tem apenas qualidades muito fracas, elas tornam-se grandiosas aos olhos do apaixonado, e isso com o aval da consciência; se, no entanto, ela não possui qualidades visíveis, a consciência se encarrega de criá-las e justificá-las racionalmente; quanto aos defeitos, a paixão obriga a consciência a tapar os olhos para os tais. Quem ama enxerga muito mal o ser amado, mas este “mal” é bom: a paixão, quando não é desregrada, é sempre algo positivo e que dá novas cores à existência.

69 — *Tomada da consciência, parte 2* — Quando a paixão vai diminuindo, a cortina também gradativamente vai se levantando: os defeitos da pessoa amada passam a serem vistos. Porém, não sem muita recorrência, o apaixonado pensa que sua paixão enfraqueceu porque passou a enxergar melhor o objeto amado; quando na verdade ocorre o contrário: porque a paixão diminuiu, foi que sua vista limpou-se.

70 — *O equilíbrio universal, parte 1* — Temos duas pessoas em situações distintas. A primeira, sempre tem água a sua disposição para beber com ou sem vontade: acostumou-se a sempre tomar água, e a toma mesmo sem sede. A segunda, esta não tem em seu poder água abundante: só consegue tomar um copo d'água quando está com muita sede. Entre ambas, existe uma diferença notável: a primeira nunca sofrerá com a sede, por outro lado, ao contrário da segunda, nunca sentirá o prazer de se beber água quando se está com uma sede desconcertante — assim a natureza quer.

71 — *O equilíbrio universal, parte 2* — Os difamadores da moral moderna, aqueles que negam o atual, isto é, os religiosos ou os que são assombrados pelas questões morais e éticas, esses descontentes que comumente contradizem-se em seus palavreados desviados, desconexos e inseguros, estão tendo alguma influência sobre um tipo especial de pessoa: aquela que está descontente com a moral ou com os costumes éticos do nosso mundo atual. Todavia, a verdadeira causa desse descontentamento não são realmente as leis morais que regem as nações, mas algo mais profundo e menos perceptivo: é um equilíbrio. Trata-se de um descontentamento natural que está impresso em muitos, e que não mantém relações estreitas com as leis éticas. Algumas pessoas, tendo abandonado certos costumes ou normas de conduta (as atuais), voltam-se para o passado e com uma esperança quase infantil ficam procurando uma existência mais feliz, pois imaginam que o defeito está no mundo, e não nelas. Elas se portam como um cavalo livre que, devido a uma existência vazia, olham para os cavalos presos e passam a suspirar por uma rédea firme e forte, imaginando que ali, presos assim como os seus companheiros, encontra-se a alegria de viver que tanto buscam: os seus companheiros, porém, olham-nos e imaginam a mesma coisa. O homem de antigamente, aquele que vivia

carregado de culpa por causa da terrível e austera educação religiosa, deu lugar a um outro homem, este que vive em um mundo “menos” preconceituoso, onde a “igualdade” é mais notória e onde as paixões são “menos” reprimidas; todavia, um visionário que vivesse em épocas passadas, em épocas mais duras para com as pessoas e cujos costumes fossem radicais e estúpidos até ao extremo, e que sonhasse com costumes mais brandos e que permitisse mais liberdade para as pessoas, acreditando que elas seriam mais felizes assim, esse visionário se decepcionaria com a “felicidade” desfrutada pelas pessoas do mundo de hoje: eliminou-se uns problemas, imediatamente depois surgiram outros — assim a natureza quer.

72 — *O equilíbrio universal, parte 3* — A nossa época testemunha coisas interessantes: enquanto antigamente existiam muitos transtornos, sofrimentos e frustrações provocados pela grande reclusão do ato sexual, nos nossos dias existe uma procura, que por vezes chega a ser intensa, de acessórios ou de maneiras que possam tornar o ato sexual mais prazeroso, ou seja, interpretando o que os fatos nos dizem: existe uma decepção com o sexo e com a liberdade sexual vigente — assim a natureza quer.

73 — *O equilíbrio universal, parte 4* — Muitos de nossos pais sofreram implacáveis perseguições de seus pais, a tal ponto que eles se tornaram ríspidos e, talvez, um tanto carentes de afetividade. Hoje, com as rédeas soltas, conquanto não recebam uma educação tão dura e que não traz diretamente grandes mágoas, muitos dos filhos perderam o respeito pelos pais, entraram no mundo das drogas por causa desse desrespeito, desfizeram suas famílias, viraram criminosos e assassinos — o que praticamente não ocorria antigamente —: assim que a mágoa saiu por uma das portas, outros sofrimentos entraram pela outra — assim a natureza quer.

74 — *O equilíbrio universal, parte 5* — Todos nós temos os nossos momentos de indolência: vez ou outra, acordamos mal-humorados e impacientes com as coisas da vida. Uma progressão sequencial de ânimos positivos não tem vida longa, pois as coisas devem estar em equilíbrio: uma tristeza ou uma certa ira é sempre necessário, é o cultivo

do terreno, um lembrete, um chamariz para a alegria — assim quer a natureza.

75 — *O equilíbrio universal, parte 6* — Aqueles que usam drogas ou simplesmente são afeitos a uma bebida alcoólica, não raro, quando estão possuídos pela droga, experimentam um grande êxtase momentâneo; porém, como a “alegria” foi tão curta e intensa, além de repentina, um estado depressivo geralmente se segue em tais drogados — assim quis a natureza.

76 — *A inexistência do progresso, parte 7* — Em tudo existe equilíbrio e transformação, mas não progresso: o progresso só poderia existir se tivéssemos tido um começo no tempo e se estivéssemos nos dirigindo para algum lugar, o que verdadeiramente não ocorre. Aqueles que falam em progresso ou evolução estão olhando para perto demais.

77 — *Além do arco-íris* — Assim como toda satisfação duradoura leva ao tédio e ao sofrimento, assim também, provavelmente, todo grande suplício e terror devem levar a um lugar maravilhoso: é pena que no meio do caminho se cometa suicídio.

78 — *O lugar do desespero* — É um lugar sombrio, ermo; o seu céu é sempre turvo e esquisito, apresentando uma certa anormalidade no vento e uma brisa gelada: é o sopro da morte. Ouvem-se vozes, choros, gritos, prantos, desespero: é um lugar portador de terríveis dores e angústias. Em um passado, a morte e sua foice assombrou a gente daquele lugar, espalhando o terror pelos lares, fazendo com que mães matassem os filhos enforcados, maridos traíssem as esposas e depois matassem as amantes e a família, crianças se suicidassem pulando de grandes penhascos — sim: lá existia abismos profundos e assustadores, os quais sempre nos dizem que um lugar é demoníaco, que não serve para viver. Sempre que estamos lá, sentimo-nos tristes, como se todos aqueles que se foram ainda estivessem lá, espreitando-nos, sorrindo-nos maldosamente e prontos para incutir-nos o desespero, todo o desespero que causou a grande renúncia de outrora, a desilusão, a perda, os pesadelos... Não chore, minha querida, não chore: o que aconteceu? Os seus pais se foram? Onde eles estão? Ah, caíram no mar... Por favor,

enxugue essas lágrimas: mesmo que não consigamos perceber um sentido, mas existe algo maior... A sua dor passará, um dia ela lhe deixará em paz.

79 — *Racionalidade feminina* — Algumas mulheres preferem sempre um “bom” casamento, isto é, uma junção com um homem rico, do que se casarem por amor ou paixão; entretanto, não é que elas sejam mais racionais do que as demais: o que ocorre é que elas não menos impetuosas, não são tão facilmente arrebatadas por paixões. Como consequência da falta de encanto por um homem, provocada pela carência de amor, elas passam a considerar outros “dons” masculinos, os quais terão peso em suas escolhas.

QUARTA PARTE

1 — *Doutrina da vida universal* — Não existe uma diferença de essência entre os seres: a diferença é apenas de grau. Todos nós fazemos parte de uma mesma substância, que é única e diversa, sombria como um cemitério à meia noite, e resplandecente como a luz do sol à beira mar. Inexiste uma diferença essencial entre o ser humano e o animal: essencialmente, tudo que este tem, nós também temos, e tudo que nós temos, ele também tem — a diferença é sempre de grau. Imaginemos a imensidão do universo e o nosso tamanho em relação ao todo: tomando uma pedra como referência, o nosso planeta é enorme; em relação à Terra, entretanto, o Sol também é enorme; e a via Láctea, em relação a este, é imensa também; enfim, o universo é infinito no tempo e no espaço. Então, antes que nós nascêssemos, já haviam transcorrido uma infinidade de anos: voltemos um a um e paremos quando chegarmos aproximadamente a cinco bilhões de anos atrás. Nessa época, segundo as mais recentes pesquisas científicas, a Terra não existia, mas o movimento universal estava providenciando o seu surgimento; depois que a Terra surgiu, com o transcorrer de mais algumas centenas de milhões de anos, a vida como comumente se fala foi se tornando presente na superfície terrestre, até que estamos nós aqui. Todavia, voltemos mais no tempo: de ano em ano, paremos quando tivermos voltado quinze trilhões de anos: será que encontraremos um planeta como nosso por lá? Caso não encontremos, voltemos mais... Que tal uns quinhentos trilhões de anos? Bom, imaginemos que agora encontramos um planeta parecido com o nosso: ele certamente teve seu início e, como já se passaram tanto tempo, ele não deve existir mais (assim como ocorrerá conosco); nesses intervalos, pergunto, nesses imensos intervalos de milhões e milhões de anos sem um planeta dotado de vida como o nosso, neles não existia vida no universo? E se isso é assim, se não havia vida, como ela pôde surgir? Será que foi do nada? Não: o universo é vivo, o poder vital está em cada partícula da atmosfera, em cada parte ínfima de um “vácuo” (como se isso existisse), em cada átomo formador do nosso corpo. Como?! Como seria possível a passagem de trilhões de anos sem vida alguma no universo se quando olhamos para a natureza percebemos a existência de uma vontade intensa e laboriosa que deseja ardentemente a vida, que trabalha para ela, que monta sistemas profundamente complexos para que ela possa ser plena? Pode-se alegar, evidentemente, que a natureza

“interpreta” o tempo diferentemente, e para ela, um milhão de anos seria apenas como um segundo para nós; porém, apesar de tal alegação ter procedência — fui eu mesmo quem a usei —, ela só é usada com plena correção a partir de outro ponto de vista, porquanto não resolve o problema da infinidade de tempo sem vida e deixa sem solução aquele outro problema, a saber, como surgiu a vida em um lugar sem vida. O nosso mundo é único, isto é, ele abrange tudo e portanto não existem outros mundos: a partir disso, porém, podemos observar algumas curiosidades e mistérios que, em certo ponto, até contradiz a forma como colocamos algumas coisas: jamais podemos ter certeza se existe ou não um outro planeta parecido com o nosso (a não ser que avistemos um), pois por mais que andemos procurando, como o universo é infinito, nunca poderemos “olhar” tudo e por conseguinte a possibilidade de existir outras “Terras” estará sempre presente — ou seja, não tem sentido dizermos que durante uma infinidade de tempo não houve vida, como comumente é entendida, no universo; também não tem sentido votarmos no tempo atrás de outros planetas como o nosso, pois, por mais que pareça improvável, mesmo hoje não temos como ter certeza se existe ou não “vida em outros planetas” —; também o universo não tem centro, e aquele que, em épocas passadas, acreditasse na infinidade do universo, não poderia dar importância a teorias como a geocêntrica ou heliocêntrica. Em suma: algo que existe por si mesmo tem que ser infinito, e tudo o que pertence a esse infinito pode ser reduzido a uma essência única, comum a todos, que já carrega a força vital consigo: adotando esse ponto de vista, muitas das grandes questões difíceis que atormentam o homem são resolvidas.

2 — *A passagem do mar* — Àqueles que são portadores de crenças cristãs, digo que é possível, e muitos já penetraram por esse caminho faz muito tempo, aliar os milagres bíblicos a um universo regido por leis eternas e imutáveis, que não podem ser quebradas ou modificadas a qualquer instante e ao bel prazer de um deus criador — os cristãos mais perspicazes sustentam que tais leis não podem ser quebradas justamente porque são a “força” de deus, isto é, o seu próprio poder de produzir ou transformar isto ou aquilo; se forem mais longe, podem dizer ainda que a criação de leis imutáveis engrandecem a deus, pois só um ser dessa magnitude poderia criar leis e antever com absoluta abrangência os

resultados das mesmas, isto é, além da sabedoria da criação, deus teria o “conhecimento” de todas as forças que regem o universo e portanto poderia saber de todo o futuro; mais ainda: tudo isso provaria o quanto sábio é deus, pois um deus que criasse uma máquina e a todo momento tivesse que fazer milagres, isto é, tivesse que alterar a máquina, modificando-a incessantemente e tendo que corrigir os seus defeitos, este deus não poderia ser visto com bons olhos: ele, por assim dizer, não seria “sábio”... Então, infinitas transformações no universo, causadas por suas leis, ao longo dos tempos, convergiram para a abertura do mar, naquele momento, naquele instante em que Moisés necessitava de uma passagem: tudo estava para acontecer, já se sabia, e justamente o que carregava esse saber pôde mostrar sua grandiosidade, pois armou um esquema em um tempo imemorial e que propiciou o acontecimento de um “milagre” em um instante presente, ao invés de, de uma hora para outra, decidir-se pelo milagre.

3 — *O problema do ser* — A vida, se a olharmos com olhos desapaixonados, dista notavelmente de um grande jardim ornado com as mais belas flores e frequentado pelas mais polidas pessoas: em seu âmago encontramos muitos sofrimentos, os quais, muitas vezes, são cortinados por paixões impetuosas. Como uma considerável consequência disso, temos o fato de que, não apenas por isso, evidentemente, mas tal dissabor na vivência é uma das causas da “criação” de outros mundos, da idealização de uma existência que está por vir: este “olhar para frente”, ou melhor, falando seriamente, este olhar para o nada, ocasiona uma automática desvalorização da existência e do próprio ser. Um líder religioso oriental, cuja doença fez-lhe acreditar que a mesma é um processo de “purificação”, e cuja loucura e devaneio fez-lhe supor que estava tendo “revelações” divinas, em seus ensinamentos, proferiu palavras com este significado: “É compreensível que a angústia e o desespero dominem nossa sociedade: com o materialismo dominante, as pessoas perderam a fé e passaram a pensar que toda a existência se resume ao aqui e agora, ou seja, não mais acreditam numa vida futura”. Entretanto, possivelmente existe uma grande inversão neste ensinamento: ao retirarmos os olhos de nós mesmos e colocá-los noutra lugar, passamos a não mais ver a nossa condição, o nosso caminho, o lar, nossos corações, nossos amigos e

pais: um resultado disso é que, com o tempo, esquecemos de viver, ou melhor, esquecemos da própria vida, retiramos o seu valor, um valor que lhe é devido e que precisamos reconhecer e dar. A natureza então, com toda a sua austera intransigência, parte atrás de nós com seu chicote para nos punir, pois ela não quer que abandonemos a existência e o ser, ela não quer que nós neguemos nossa condição, nossa real condição: a angústia e o desespero do homem moderno não são oriundos da falta de fé em deuses, espíritos ou anjos voadores, mas de um longo processo de esquecimento e atrofiamento. Esta fé da qual falamos, a que serve para aliviar uma dor pungente e satisfazer alguns inconformados instintos, pode ser sempre útil no agora, em um momento de crise no qual precisamos de um apoio mais forte e eficaz, porém, a longo prazo temos que pagar juros muito altos, porquanto esquecemos o que é viver, tornamo-nos incapazes de lidar com os verdadeiros problemas que nos atormentam: fugimos, por assim dizer, sem lutar contra nossos adversários e os deixando livres e fortes para nos procurar: à lembrança deles, mesmo que muito vaga, não importa onde estejamos, ficamos assustados e receosos, e muitas vezes não tomamos consciência disso, isto é, ficamos angustiados. O verdadeiro causador do problema, no entanto, embora talvez não pareça, é a retirada dos olhos, e não a colocação dos mesmos noutra lugar, ou seja, não é apenas o desejo irreprimível de uma outra vida que faz com que se olhe para lugares longínquos, mas existem causas variadas, isto é, o problema não é a fé, mas um de seus efeitos: um ser humano com “pouca fé”, ou, para me expressar mais confusamente, um ateu, ele pode passar por um processo idêntico e esquecer-se que está vivo — é sempre uma linha tênue a que separa a fé popular de outras crenças ou convicções. Assim, mudando um pouco a perspectiva, pode-se dizer que o problema reside no fato de como estamos encarando as coisas (pois o esquecimento voluntário pode ser visto como uma forma de enxergar), e não no fato de o que estamos encarando. Durante um longo tempo, as pessoas nutriram crenças absurdas e com isso perderam a coerência no ato de viver, perdendo da lembrança o que necessitavam para viverem bem, pois elas não mais queriam viver, mas esperar; em um sombrio dia, porém, as suas crenças viraram pó e elas então, não sabendo nada sobre a vida, ficaram desesperadas e sem saber o que fazer ou para onde ir.

4 — *Condicionamento externo* — Não existe restos de dúvidas de que fatores externos, dos mais variados tipos, afetam nosso ser de maneiras diversas. Um relacionamento saudável com tais fatores é imprescindível para que possamos levar uma vida satisfatória, mas veja-se: os fatores em si não são determinantes. O que define se o nosso relacionamento com as coisas do mundo será ou não proveitoso é justamente o que temos dentro de nós, a nossa maneira de ser, de sentir, e não o que está fora: o indivíduo é o centro dele mesmo, ou seja, ele não deve procurar a felicidade fora dele, em coisas externas como dinheiro, mulheres, sucesso, posição social — os que fazem isso, os que buscam assim são, no fundo, infelizes. Não advogo uma rejeição pelas “coisas do mundo”, mas defendo a ideia de que tais coisas estão em segundo plano, não são determinantes: a felicidade não está condicionada a coisas externas, porém a coisas internas: primeiro temos que aprender a compartilhar a felicidade com nós mesmos, para só depois irmos em busca do mundo.

5 — *Devaneios: a alegria do brasileiro* — Qual a razão do brasileiro ser tão alegre, conquanto leve uma vida tão sofrida? A razão é a seguinte: sua “semi-inteligência”: a grande alegria e a grande inteligência são inimigos eternos!

6 — *Devaneios: depressão pós-parto* — Todo o escrutínio já realizado para identificar a causa da depressão pós-parto foi inútil: detiveram-se apenas nos efeitos, e tão-só nos efeitos; eis a verdadeira causa: a mulher, depois de ter o nenê, apercebe-se de que sua contribuição para a espécie já foi dada — ela, nos abismos mais profundos e sombrios do seu espírito, sente-se inútil, sem serventia.

7 — *Quanto mais verídico, mais falso* — A consciência toma apenas um conhecimento muito parcial e superficial daquilo que realmente acontece com nosso ser, seja no âmbito físico ou no espiritual: nela aparecem apenas os reflexos de processos muito internos!

8 — *Ou uma coisa ou outra* — Ou o universo é infinito ou ele não é: não existe outra possibilidade, e uma das duas é verdadeira. No entanto,

caso ele não seja infinito, não necessariamente ele é finito. Como? Será isso mesmo possível?

9 — *A infinidade do universo* — Quando estamos brincando com uma criança novinha, e escolhemos a brincadeira do esconde-esconde para diverti-la, sempre que nos escondemos e, depois de um tempinho, voltamos a nos por em sua presença, ela “pensa” que nós realmente desaparecemos em um momento para aparecer no outro — por isso ela se diverte tanto e fica imensamente entusiasmada. A partir do momento em que essa criança vai crescendo, ela começa a aprender que não há sumiço verdadeiro e tampouco aparições do nada, isto é, sua percepção começa a receber moldes do intelecto. Já se relatou, e é bem conhecido, o caso de uma criança que, por ter passado a infância inteira vivendo em um lugar fechado e sem o menor contato com outras pessoas (excetuando-se uma, que nem sequer mostrava-se-lhe e que era a responsável por sua alimentação), ao sair de lá e interagindo com inúmeras coisas que jamais vira em seu mundinho, começou a interrogar a todos sobre quem tinha criado aquelas coisas: via uma cadeira, logo perguntava: “Quem criou isso?”. Diante disso, é-nos lícito enunciar a seguinte tese: a ida e a vinda das coisas, aliada a falta de ligações cerebrais e de conhecimentos abstratos — coisas típicas do ser humano quando na infância —, fazem com que as crianças acreditem na criação e na aniquilação de objetos, e não, o que seria o correto, na transformação dos mesmos. O problema é que uma percepção primitiva como esta não pode ser e não é modificada enquanto percepção, ou seja, mesmo na idade adulta, malgrado não consigamos discernir claramente, o ser humano tem a mesma percepção, isto é, coisas são criadas e destruídas. Evidentemente, junto com tal percepção, mesmo numa criança novinha, já existem conhecimentos grudados nela, e é justamente a evolução de tais conhecimentos, dos conceitos, que o ser humano, com a capacidade de abstração que desenvolve no percurso de sua vida, começa a perceber que, na verdade, as coisas apenas se transformam — e mesmo isso, veja-se, mesmo isso não é completamente apreendido; muitas vezes, aliás, não é nem apreendido: bons adultos não desenvolveram conhecimentos que permitissem-lhes moldar ou mesmo refutar algumas de suas distorcidas percepções. Portanto, que se fique claro: a percepção por si só não é a única causa

do erro, mas este obtém muita força a partir da falta de preparação do organismo e do espírito, principalmente em termos de conhecimentos e capacidade para pensar. Uma ilustração simples pode ser conseguida ao considerarmos o Sol: ele sempre nos parece perto quando estamos na idade tenra; quando crescemos, entretanto, tomamos conhecimento que, na verdade, a sua luz leva cerca de cinco a oito minutos e alguma coisa para chegar até a terra, e ela viaja a 300.000 km/s, isto é, o Sol está assustadoramente distante da Terra; então, com isso, ocorre o seguinte: quando hoje olhamos para o Sol, temos a sensação de que ele está próximo, mas logo o nosso conhecimento do seu afastamento, conhecimento este que já se encontra na consciência da consciência, aparece e então “corrigimos” a percepção, ou ainda, substituímos a ideia que nossa percepção sugere por uma outra, advinda do conhecimento. Como todo esse processo se dá de forma muito rápida (logo que olhamos para o Sol, a nossa percepção de sua proximidade é suprimida rapidamente pelo conhecimento que temos de sua verdadeira distância), quase não conseguimos perceber que nossa percepção incorre num equívoco (neste caso, devido às nossas primeiras percepções deste mundo, ou seja, um objeto está perto quando o vemos grande, etc.). Esse tipo de percepção está sempre por perto, mesmo em muitos dos nossos julgamentos mais “racionais”, e nunca conseguimos derrotá-lo por inteiro: ele está sempre à espreita, observando-nos como uma espécie de espectro e que fica repetindo incansavelmente obscuras mensagens subliminares, influenciando os nossos pensamentos com uma sutileza florida e enganadora. É dessa forma que muitos, também não tendo o conhecimento devido e não refletindo, tomam como absurdo o fato de existir algo que não foi criado, e a partir disso, e já evitando algumas dificuldades, jogam o problema para uma outra realidade, para um lugar onde nossa compreensão não pode penetrar, para deus, por assim dizer. Porém, repito: tudo o que até hoje mantemos contato, sejam pessoas, pedras, músicas, árvores, nada disso foi criado, mas foram coisas que sobrevieram, transformaram-se e continuarão se transformando: nada do que existe foi criado, nós estamos na eternidade, e não existe isso de deus, pelo menos não o deus popular.

10 — *Inexplicabilidade* — Ora, se algo não tem realmente causa ou origem, então não poderemos saber o que é: só poderemos descrevê-lo. Eis um ponto a favor da ciência.

11 — *Diferentes aparências* — Diz-se que, a cada sete anos, ocorre uma substituição de todos os átomos do nosso corpo: corporalmente, portanto, passamos a ser outro. Entretanto, aparentemente esse outro mantém uma relação de muita semelhança conosco, mais no âmbito espiritual do que no corporal. O quê? Mas como? Então a cada momento os nossos tijolinhos são modificados a tal ponto que em sete anos todos eles já não são mais os mesmos e, a despeito disso, o nosso espírito se conserva quase o mesmo? Então a alma é algo de imutável ou quase isso? Não, não, não! A alma se altera tanto quanto o corpo, o que ocorre é que os processos espirituais, os verdadeiros processos espirituais internos, dos quais nosso jeito de ser é apenas um efeito, eles não podem ser “vistos”, “observados”, como sucede com o corpo; e quanto aos poucos superficiais efeitos de tais processos, isto é, a nossa maneira de ser, esta também sofre alterações que, de uma época para outra, são muito contrastantes: aqui, a percepção de um observador falha, mas se tivermos uma boa percepção e compararmos o nosso eu de hoje com o nosso eu de outrora, e fizermos algo de minucioso, veremos a quantidade de alterações pelas quais passou nosso espírito.

12 — *Mudança de realidade* — Obviamente — será? —, se eu existo hoje é porque eu sempre existi e continuarei existindo. Existia sob diferentes formas no passado, certamente: talvez fosse um touro, uma planta, um pássaro, ou, enfim, talvez eu estivesse sorratamente intrometido no chifre do touro, no bico do pássaro ou no verde da planta; e, claro, sem esquecer meu outro lado, talvez eu já tenha sido a melancolia de Hamlet, ou a alegria da camponesa de Voltaire, ou talvez ambos. As transformações ocorrem sem demora e sem intervalo... Ruptura! Sim, existem as rupturas ou mudanças bruscas de realidade: hoje eu sou eu — ou não? —, mas amanhã, quando a morte bater em minha porta, eu não serei mais eu: estarei em outra realidade, continuarei existindo, é apenas uma mudança, e não um fim.

13 — *Contradições à longa distância* — Certa vez, eu estava conversando com alguém quando ele me disse: “... eu penso assim, tenho essa ideia e não vou mudá-la...”. Em outra conversa que tive com essa mesma pessoa, antes da citada, ela afirmou: “Cada ser humano é único!”. Ora, se cada ser humano é único, então cada um terá uma maneira única de perceber as coisas, isto é, não existe a verdade, mas verdades. Consequentemente, não se pode dizer que a verdade não existe e depois se comportar arrogantemente como se se a possuísse.

14 — *As crianças da colheita* — Numa época muito distante da nossa, existia uma pequena cidade que era cercada por plantações vultosas. A pacacidade do pequeno lugar permitiu o desenvolvimento de um relacionamento bom entre as pessoas. Havia também muitas crianças: elas eram muito prezadas pelas pessoas; acreditava-se que possuíam algo de divino, de boa sorte e fartura, e por isso mesmo eram submetidas a uma forte educação, onde as noções extremadas de bem e de mal eram-lhes inculcadas. No entanto, depois de um ano sombrio e com fortes tempestades, o comportamento das crianças, e isso foi algo percebido pelos adultos, mudou estranhamente. Certo dia, um uivo estranho e um zunido demoníaco pareceu anunciar a chegada de algo monstruoso: observava-se um forte vento, via-se um turvo céu, ouvia-se uma grande mistura de vozes, todas baixas, ininteligíveis, e originadas das grandes plantações que cobriam os arredores da cidade. Era final de tarde e início da noite. Todos fecharam suas portas e não mais interagiram entre si: as crianças, apenas as crianças não pareciam assustadas. No dia seguinte, uma triste notícia corria pela cidade: um dos casais mais antigos da cidade foi encontrado morto, mas seus corpos não estavam inteiros... As crianças levaram alguma coisa para a plantação, a colheita devia ocorrer naquele dia. O alvoroço com as mortes foi enorme: conversava-se aqui e ali, cogitava-se a respeito do que sucedera com o casal, do quão satânico foi aquilo; não se prestava atenção nas coisas, e naquele dia, naquele mesmo dia, todas as crianças da cidade se reuniram, depois da colheita, nas impositivas plantações, as quais encobriam os rastros de qualquer pessoa, ou pessoas, se estas quisessem. No final daquele dia, as coisas tornaram-se mais sombrias ainda: o clima e o ambiente despertaram as lembranças mais terríveis e nefastas que aquelas pessoas carregavam bem no íntimo, no íntimo de

seus corações que, naquele dia, naquele terrível dia, estavam tão angustiados, como se algo de horrível estivesse prestes a acontecer. Mas isso era diferente para as crianças... Elas haviam planejado, queriam outro mundo, ansiavam pelo grande bem, pela limpeza; seguiam os ensinamentos dos adultos à risca, o seu mal endemoninhado, a crença em um ser do outro mundo... Queriam matá-los, eles estragaram o mundo: era no que acreditavam. E aquele era o dia. O anúncio já havia sido feito. Daquela noite nenhum adulto deveria sair com vida. E foi assim que ocorreu... Ainda nos dias de hoje, diz-se que nesse lugar, no qual não se situa mais aquela cidade, mas uma outra bem maior, nesse lugar ainda se tem resíduos daquela grande tragédia: ouviu-se pedidos, à noite, pedidos, pedidos e lamentos do tipo: “Ajudem-nos! Não queríamos morrer! Eles que mataram! Eles nos criaram! A culpa não foi nossa! Precisamos nos libertar da prisão do suicídio”.

15 — *Aos leitores dos críticos* — Antes de lermos algum crítico sobre alguma obra, é necessário, primeiro, que tenhamos lido inteiramente a obra; segundo, que tenhamos feito nós mesmos uma análise crítica do que foi lido; terceiro, que a leitura do crítico seja feita criticamente, pois o crítico também pode estar errado. Se és um psicólogo, por exemplo, ou um aficionado em crítica literária e quiseres ser profundo, deves, acima de tudo, no caso do psicólogo, ler na íntegra as obras dos grandes de tua área, e se possível antes mesmo de ler qualquer crítica sobre eles; já no caso de um crítico literário, tens que aprender a alimentar o teu senso crítico, e isso, primordialmente, não se faz com a leitura do crítico. Agora, falando para ambos, se não quiserdes ser um profissional profundo, se não almejares transpor os mais tímidos limites do superficial, enfim, se gostais de ser um profissional medíocre, então continuais lendo os críticos mesmo antes dos criticados.

16 — *Os intelectuais e suas opiniões* — O que caracteriza essencialmente um intelectual é o seu grande conhecimento. Eles se denunciam a partir do momento em que fazem exaustivas referências a outras pessoas, outros pensadores, outras fontes. São pessoas que, em geral, não desenvolveram os conhecimentos, mas já os pegaram prontos: possuem uma pequena capacidade para pensar, e uma extensa memória e gosto de repetir o que os outros dizem. E quando, no final

das contas, queremos saber sua real opinião sobre algum assunto, eles dizem: “Bom, a respeito disso, eu penso como...”.

17 — *A justiça eterna no espiritismo* — A ideia de que, de algum modo, alguns dos nossos sofrimentos são punições sofridas por atos praticados em outra vida é sustentada não tanto pela lógica quanto pelo medo: o anseio por algo maior e pelo afastamento de uma grande desilusão, o medo de descobrir-se que, no fundo, muitos sofrem injustamente e que suas vidas, sentidas no íntimo do íntimo, não valem realmente nada, que muitos padecerão na miséria da miséria e não terão recompensa ou conforto algum — eis que não é por “amor a deus” ou por causa do “amor de deus” que se tem tais ideias, mas em geral, e quero que perdoem-me a dureza, por covardia. Evidentemente, a covardia também não passa de um ponto de vista, e não quero nem estou desqualificando ninguém. Todavia, o ser humano, quando se imagina frente ao seu túmulo, em um cemitério vazio e desolado num dia de domingo, dá um passo para trás assustado e a partir daí, por medo e incapacidade de encarar sua própria finitude, começa a ser completamente submisso aos instintos. Não se trata de reconhecer ou admitir que as coisas sejam injustas ou que a existência seja miserável, pois em ambas as admissões temos apenas conjeturas falsas e provenientes dos negadores; mas de estar ciente, isto sim, de que temos muitas limitações enquanto sujeitos ativos e de que precisamos sobrepujar os obstáculos ou aceitar aquilo que não for obstáculo. A vida, em muitos e muitos momentos, é duríssima: faz-se necessário, portanto, que tenhamos firmeza e que ao menos tentemos lutar. Se uma criança sofre barbaridades, se um “justo” é condenado à morte por corruptos, se pessoas morrem de fome enquanto outras desperdiçam comida, estas coisas não querem significar, porque não existe “justiça eterna”, que a caminhada não vale a pena, que não existe justiça ou que devemos desistir da luta e lançarmos as armas ao lixo, tornando-nos uns desonrados e desmerecedores: tudo isso é apenas uma forma de fuga, assim como o é a crença no outro mundo. Nada disso! Devemos nos chocar violentamente contra essas coisas, devemos declarar guerra a elas. A paz e a felicidade mundial, das pessoas, é um dos objetivos maiores que devem constar nos corações dos humanos, e por isso mesmo, acreditem: inalcançável!

18 — *Problemas estruturais, parte 1* — As nossas crianças de hoje, os seus pais não dedicam muito tempo para elas: três horas por dia dedicadas a um filho, por exemplo, é muito pouco, aliás, é lamentável. A estrutura da vida das pessoas, dessa vida desenfreada e pouco contemplativa, está e continuará trazendo prejuízos horrendos para as pessoas de amanhã: pouco se sai com as crianças, não se conversa com elas, deixam-nas sozinhas ou na companhia de estranhos a maior parte do dia, e quando, ao surgir um efeito por vezes inevitável, a criança começa a apresentar problemas emocionais ou de ordem psicológica, levam-nas para um psicólogo ou pede-se para a professora resolver o problema: que vil atitude! Que falta de caráter e de honra! Que semidemência estúpida! Pois eu lhes digo: na maior parte desses casos, nem é preciso professora e tampouco psicólogo ou psiquiatra: basta olhar, olhem para as crianças, pois é disso que elas estão sentindo falta.

19 — *Problemas estruturais, parte 2* — Já os nossos adultos, e até que eles têm boas desculpas para se justificarem frente às crianças, levam uma vida bem estressante, mas nem por isso, em suas relações com as crianças, devem ser eximidos da culpa. Existe uma procura intensa pelo que se chama de “um lugar ao sol” — que coisa ridícula! —, e mesmo que não seja apenas isso, a dureza da vida faz com que muitos trabalhem até gastarem a última partícula de energia — a estas, sou complacente, mas àquelas que podem e não fazem, àquelas que tiram o corpo fora quando elas mesmas deveriam cuidar dos filhos, digo o que havia dito anteriormente: são pessoas sem honra, incapazes de responsabilidades e de assumir os próprios erros. Por outro lado, é preciso perguntar: a que devemos uma labuta tão grande? Por que a vida tem se tornado algo tão desgastante? Inegavelmente, são inúmeras as causas disso; porém, será que podemos destacar uma? Acredito que sim. A maior das causas é, indubitavelmente, a cultura. Pensa-se que as coisas simplesmente aconteceram, que foram tomando um determinado rumo e sem controle, mas não foi assim: embora a vida hoje pareça ser regida por leis rígidas, nenhuma dessas leis deixou de ter o aval das pessoas: elas permitiram que as coisas se transformassem nisto, é do gosto delas. Os conceitos capitalistas invadiram as casas das pessoas, principalmente através da mídia, e nos dias de hoje, por exemplo,

quando estamos a três ou quatro meses do dia dos pais — eis que alguns asseveram que tais dias comemorativos foram criados principalmente através da força do capitalismo, que precisa de uma “desculpa” para vender produtos —, já se começa a anunciar diversos produtos para eles. Como resultado dessa cultura mesquinha, as pessoas passam a valorizar estupidamente as coisas materiais e as advindas delas e, então, tais coisas passam a ter prioridades que nunca deveriam ter: o trabalho agora vem em primeiro lugar, porquanto é dele que “tiramos o sustento”; mas o que se quer dizer realmente é: “É dele que tiramos um carro de última geração, é dele que tiramos uma viagem para a praia, é dele que tiramos reconhecimento social”. E a alegria? A paz de espírito? “Bom”, respondem, “nós não tivemos tempo para pensar nisso”.

20 — *Desgosto* — Certa vez, numa época natalina, preparei uma lembrança para uma colega mais velha, ao invés de comprá-la. Levei uns cinco dias para fazê-la, e quando a entreguei, quando disse que tinha sido algo “artesanal”, ela me respondeu: “Não tem problema, não tem problema: eu sei que o que importa é o significado”. Ela repetiu isso várias vezes, como se quisesse se convencer disso.

21 — *Autodefesa ou má interpretação?* — Alguns “cientistas” já levantaram a tese de que as pessoas solteiras estão mais propensas ao suicídio do que as que não vivem sozinhas. Basearam-se em pesquisas, isto é, “constataram”, através de pesquisas com solteiros e com “não-solteiros”, que há uma tendência maior, ou melhor, que há uma valorização menor da vida por parte dos solteiros. De posse dos dados, concluíram, utilizando-se para isso de sua irrelevante e medíocre capacidade de interpretação, e de instintos e preconceitos sociais banais, os quais fazem-se presentes em muitos “bons” cientistas, que por serem solteiras é que as pessoas tendem mais para o suicídio. Pergunta-se: por que não poderia ser o contrário? Então, neste caso, as pessoas solteiras, pelo menos as tais que estão mais expostas ao suicídio, o são porque desvalorizam a vida! Analise-se este caso: muitos religiosos, talvez todos mesmo, dizem que uma pessoa sofre de crises depressivas justamente porque não tem fé — admitindo, claro, que tal pessoa não tenha fé e que ela seja muito triste —; mas neste caso, na maioria das

vezes, dá-se justamente o contrário: por ser depressiva é que ela não tem fé! Eis uma tese muito clara e pouco percebida pelas pessoas. Entretanto, voltando aos solteiros, nunca é demais lembrar que todo ser humano tem suas peculiaridades, e, neste caso, elas devem ser consideradas, pois, devido a problemas diversos, uma pessoa pode muito bem encontrar dificuldades nos relacionamentos e por causa disso levar uma existência mais sofrível e descolorida; por outro lado, uma determinada pessoa pode vir a ficar solteira por ser infeliz.

22 — *Maquinalidade* — Assisti a uma palestra na qual um homem, um estudioso de Carl Sagan, um “conhecedor” da teoria do *big-bang*, da grande massa comprimida, do evolucionismo darwiniano, de muitas inúmeras galáxias que existem no universo, este homem queria se passar por um homem de ciência, queria fazer-se parecer um “cientista” — e talvez, para os padrões grotescos de hoje, até possa ser considerado um. Carl Sagan é um grande cientista, isso é indubitável, mas conhecer a obra de um grande escritor não é ser um grande escritor. Porém, retornemos. Na palestra, o homem apontava o “caminho” para a felicidade. Dizia ele: “Para alcançarmos a felicidade é preciso, basicamente, quatro coisas: saúde, liberdade, reconhecimento social e dinheiro”. Em sua argumentação, se é que podemos dar uma tal denominação a um conjunto de palavras superficiais e vazias, ele dizia que uma das coisas que merecia um grande cultivo por parte das pessoas é a disciplina; imediatamente depois, concluía que a pessoa disciplinada alcançou a “liberdade”, ou seja, ser livre é ser disciplinado — os chimpanzés de circo, os cabeça-de-vácuo dos militares e os cães domésticos agradecem a afirmação, pois disciplina é também adestramento. Em outro momento, quando falava do reconhecimento social e precisava argumentar, não proferiu palavra: não sabia o porquê do reconhecimento, provavelmente estava repetindo uma pequena lição que decorara na escola. Quanto ao dinheiro, dizia que era importante para... viajar — sim, foi isso mesmo: dentre todas as grandes utilidades do dinheiro, ele achou esta: viajar. No que diz respeito à saúde, não direi nada. Mas o que despertou mais a minha atenção foram os métodos descritos para alcançarmos as coisas: ele dizia exatamente o que deveríamos comer, como deveríamos dormir, mostrou alguns recursos que acreditava desenvolver a inteligência emocional, corporal,

intelectual; deu dicas imperativas (eles não se conformam) de como atingir o “sucesso profissional”; e ainda criticou um outro palestrante que, ao falar dos males causados pelo não-perdão, não tinha “ensinado” como perdoar: porém, apesar da crítica, ele também não “ensinou”, mas apenas referiu um livro que “ensinava” — isso é típico do homem atual, do homem superficial: como não têm mais tempo para refletir e para fazer verdadeiros estudos (e são disciplinados!), lêem as orelhas dos livros e os resumos dos resumos dos artigos, e já acham que sabem de alguma coisa; “a memória é mais importante do que a inteligência no mundo atual”, eis uma ridícula afirmação que vem ganhando força, graças à “sabedoria” e ao “profundo” conhecimento do homem moderno. Muitos cientistas, não todos, pois muitos são dignos de aplausos, querem transformar o homem em uma máquina, veja-se: em uma máquina, não em um animal, pois mesmo entre os animais a padronização não funciona. Eles dizem: “cada ser humano é único”; mas a cada palavra, a cada afirmação, ou ainda, para dizer a verdade, em cada idiotice proferida, tal afirmação é vergonhosamente contrariada. Fiquemos atentos: é sinal de baixa cultura e de ferrugem intelectual uma exacerbada valorização de padrões comportamentais: encontramos muitas pessoas desse porte nas religiões, e estamos encontrando também na ciência. No fundo, mas bem no fundo mesmo, cada ser humano, cada instituição, cada seita, todos querem, de alguma forma, controlar uns aos outros: a ciência pode facilmente se transformar numa espécie de religião dogmática, trataria-se apenas, portanto, de uma substituição: sai a religião e entra a ciência; e tudo isso com o aval das pessoas, que desejam ardentemente leis, que querem obedecer, que anseiam por um caminho mais fácil e vistoso: têm preguiça de procurar o seu caminho ou medo de descobrir que ele não existe.

23 — *À companhia do medo* — Há coisas, as quais causam-nos temor, que, enquanto tivermos medo delas, nunca nos deixarão em paz, nunca se afastarão, sempre se concretizarão. O temor pelo desprezo alheio, por exemplo, ou o medo da solidão trazem consigo justamente o desprezo e a solidão, respectivamente: aquele que mais ardentemente deseja fugir os “escapar” da solidão estará sempre só e viverá imerso no vazio. Há sentimentos ou paixões que jamais devem ser negados, e dos quais uma

fuga sempre traz inúmeros prejuízos para a nossa vida, pois eles, justamente eles, querem nossa companhia, nossa compreensão, nosso olhar, querem apenas conversar conosco, e não guerrear, não fugir, não que fuja: é preciso sentar junto deles para uma conversa, é preciso, antes de tudo, que a sua companhia não nos desagrade: quando menos percebermos, eles tomarão os seus caminhos e nos deixarão em paz, para vivermos.

24 — *Uma desculpa para o futuro* — Certas vezes, queremos um motivo para tomarmos, enfim, uma determinada atitude que, no fundo, já queremos tomar, mas algo tenta nos impedir, talvez uma previsão não muito boa, um medo de errar: o motivo é, portanto, uma desculpa para o futuro.

25 — *Fantasia no magistério* — Alguns professores imaginam que o seu prazer de ensinar vem da preocupação com a nova geração, com o bem comum. “Gosto de ensinar porque gosto de ajudar a sociedade no seu desenvolvimento”, pensam alguns. Mas tudo isso é uma farsa, uma ilusão.

26 — *Diferentes tipos de professores* — Alguns professores gostam de ensinar porque, como encontraram prazer no seu aprendizado, ficam, como se quisessem retornar no tempo e não soubessem de nada, tentando repeti-lo, e para isso utilizam os alunos como pretexto; outros têm prazer no ensino porque gostam de estar por cima, porque gostam da sensação de se sentirem os donos do conhecimento, os superiores; outros ainda se deliciam porque podem ser autoritários, porque podem exercer autoridade, uma autoridade que não podem exercer em nenhuma outra ocasião de suas vidas; por fim, alguns se sentem bem ao adentrarem nas salas de aula porque se deixam contagiar pela alegria dos jovens, porque são jovens também. Todos esses tipos são incompletos, são professores pela metade ou menos ainda.

27 — *Uma força motora* — O conhecimento e a riqueza são duas coisas que, quanto mais se tem, mais se deseja. Não é incomum alguém que é possuidor de abundantes bens materiais achar-se, por vezes, com poucos recursos: é o que faz com que ele sempre deseje mais, mesmo

tendo muito; isto é, é a própria insatisfação com o que se tem que produz o desejo de se ter mais, e não uma, por assim dizer, ingênua “vontade de poder”, haja vista que neste caso supõe-se que se conhece o poder que se tem, o que jamais ocorre. O mesmo ocorre com aquele que deseja ardentemente o conhecimento: por vezes, e não raramente, ele, mesmo tendo mais conhecimento do que a maioria, acha-se vazio, destituído de saberes: isso empurra-o sempre para mais adiante, para a busca de mais conhecimentos. Tanto no caso do dinheiro e dos bens materiais quanto no caso do conhecimento, a força que age é a mesma, e tem como fim, como objetivo último, a preservação do indivíduo, ou ainda, o seu progresso individual, com possíveis diminutos benefícios para a espécie.

28 — *Uma justiça plena* — Os conceitos de justiça e injustiça são bem maleáveis e variáveis de acordo com o tempo e o espaço, mas todos eles carregam uma semelhança, ou seja, conseguem fazer com que as pessoas acreditem neles, pelo menos a grande massa. Contudo, com o passar dos anos, os “crentes” passam a ver que as coisas não são tão certinhas e dignas de aplausos como eles supunham, e com isso, não sem uma espécie de decepção, adotam uma postura mais resignada: muitos a chamam de experiência. Tal resignação, a bem da coerência, é na verdade uma redução da vontade de viver, pois ela sempre vai diminuindo com o acúmulo de dor ao longo da vida; e tal decepção, a mencionada anteriormente, impede as pessoas de verem aquilo que é claro e obscuro e surpreendente: elas se decepcionam porque a “justiça” realmente não existe, e por isso deixam de perceber que, na verdade, ela não deveria e não deve existir: ao invés da decepção, devemos nos alegrar, pois um mundo onde a justiça fosse plena seria completamente previsível, sem tempero, sem surpresa, sem vida!

29 — *Aqueles que criticam* — O motivo pelo qual muitas pessoas gostam de criticar outras, que lhes são próximas, é este: não gostam de ajudar, e portanto tentam convencer a si mesmas e aos outros de que aquele que necessita de ajuda está errado, isto é, não precisa de ajuda, mas, e algumas são maldosas, precisam de castigo.

30 — *Pais miseráveis* — É bem possível, e sou cauteloso ao falar disso, que a principal causa do homossexualismo feminino seja a presença de pais ordinários e medíocres, meio-homens, por assim dizer, e que por isso mesmo desencantam todos os homens para suas filhas. Devido ao pai, muitas garotinhas perdem a afeição pelos homens, vindo a se tornarem lésbicas. Supondo a veracidade disso e levando em consideração a imponência dos instintos sexuais, temos então um algo que corrobora com a tese de que os pais são importantíssimos e determinantes para seus filhos, seja no aspecto espiritual ou no intelectual.

31 — *O mundo perdido* — Para as crianças, a escola é como uma espécie de mundo perdido, mas não aquele mundo desconhecido e cheio de novas possibilidades, mistérios, caminhos, saberes a serem descobertos, e sim aquele mundo cheio de perigos, obscuro, onde qualquer desvio pode ser punido com a morte: é também por isso que as crianças sorriem e se alegram tanto, quando, finalmente, saem da escola.

32 — *Um erro comprometedor* — Nas universidades, existem tantas regras que as mentes medíocres são sempre favorecidas (pois faltam-lhes autonomia e capacidade de divagação), enquanto que as mentes férteis, tão raras, são lentamente destruídas, aniquiladas. Já na escola, devido às mesmas regras, muitas das capacidades das crianças, capacidades belíssimas, pois todos têm talentos, são atrofiadas até quase à debilidade total: eis porque as mentes férteis nas universidades são raras e as mentes medíocres estão em maior número.

33 — *As mentes* — Em verdade, não existem mentes “medíocres”, mas apenas mentes presas, embrutecidas, amarradas: a inteligência é algo natural, e não só nos seres humanos.

34 — *A escola e a destruição do futuro* — Enquanto as escolas e o sistema de ensino se prenderem a tantas regras, as nossas crianças não desenvolverão a capacidade de seguir por diferentes caminhos, de negarem, de descobrirem o novo, de verem o além, de conseguirem soluções, de andarem sozinhas. No nosso mui “belo”, “justo” e

“honesto” país, faltam pessoas com mentes mais errantes, que possam pensar soluções para os grandes problemas que assolam o país. E de quem é a culpa? Quem foi a responsável pela criação dessas mentes monótonas e submissas? E nem adianta dizer que grande parte do país é analfabeto, que nunca frequentou a escola: neste caso, poucos podem fazer muito, pois é só lançar a semente que a natureza faz o resto. Todavia, no Brasil, não se lança a semente: atira-se pedra, porém não se lança a semente.

35 — *Perguntas difíceis* — Certa manhã, minha professora de redação me fez a seguinte pergunta na aula: “Que é a vida?”. A pergunta pode ser considerada inteligente, porquanto me fez pensar, e pensar muito. No entanto, e agora também falo aos professores, não seria preferível fazer uma pergunta que tivesse resposta?

36 — *Quando os professores trazem alegria aos alunos* — Os professores trazem alegria aos alunos em, basicamente, duas situações: quando adoecem ou quando erram e servem para chacota.

37 — *Por que não gostamos dos professores?* — Não é realmente dos professores que nós não gostamos, mas de toda a situação: os professores também, outrora, sofreram tanto ou mais do que os seus alunos. Muitas vezes, inclusive, é por revolta que os professores maltratam tanto as crianças.

38 — *Sufocando demais* — Às vezes é preciso dar espaço a uma pessoa para que ela possa se acomodar.

39 — *Desprezando sem piedade* — Certas pessoas nos desprezam quando lhes damos importância e correm atrás de nós quando lhes damos as costas: neste caso, se você gosta de uma pessoa dessas, despreze sem piedade e até às últimas consequências: tais pessoas desprezam-se a si mesmas, e só se corrigirão quando terceiros a desprezarem fortemente.

40 — *Muletas invisíveis* — Algumas pessoas, mulheres principalmente, vivem com tais e quais valores que é como se estivessem sendo

amparadas por muletas, que sustentam seus corpinhos frágeis e seus espíritos acanhados e mimados — aqui se encontram praticamente todas as mulheres de “sociedade”.

41 — *Quem tem razão?* — Os professores de educação física dizem que sua profissão é a profissão do futuro, a mais importante e inegavelmente salutar para o bem individual e geral, pois promove a saúde, o maior dos bens, e de forma natural; os psiquiatras dizem que a cura mental através de remédios é um dos mais fantásticos avanços da humanidade, e por isso mesmo de vital importância; os psicólogos dizem que, devido a uma modernidade tão conturbada e neurótica, as desordens psicológicas são e serão tantas que a psicologia ganhará cada vez mais força; os filósofos dizem que nossa época é uma época de crises, e de crises fortes, porque as pessoas, “persuadidas” por um materialismo dominante, não mais perdem seu tempo com as questões fundamentais da existência. Quem tem razão, então? Ninguém!

42 — *Os gays* — Particularmente, faço distinção entre os homossexuais e os gays ou bichas: os primeiros, encaro-os com natural serenidade; já os últimos tentam sempre parecer o que não são, modificando a aparência e esforçando-se para afinarem suas vozes graves e horríveis; por serem assim, por falsearem o próprio ser é que eles me desagradam tanto. Por outro lado, alguns homossexuais possuem uma feminilidade natural, que lhes é própria; não são atores, não são dissimulados e não estão tentando tornar-se o que não são; e o mesmo ocorre com algumas lésbicas.

43 — *A beleza da mulher vista pela mulher* — Tenho percebido que as mulheres têm uma grande capacidade de reconhecer qualidades ou belezas em outras mulheres, como inteligência, cabelos bonitos, charme distinto. Nos homens, no entanto, essa capacidade apresenta-se sempre muito timidamente, e quando se apresenta. Conseqüentemente, por vaidade e para proteção do próprio ser, as mulheres estão mais propensas a criticarem umas às outras do que os homens, ou seja, uma das nascentes da inveja feminina é sua capacidade de reconhecer as qualidades das outras mulheres. Com os gays ocorre algo parecido,

porém, além de possuírem, em geral, uma auto-estima mais baixa, eles são mais explícitos em suas críticas.

44 — *As escolas militares e sua “qualidade”* — Algumas vezes encontramos, na rua ou no vento úmido, estéril e ermo das universidades, algum saudosismo matuto, que alega as grandes “virtudes” das escolas autoritárias, das escolas de antigamente, das escolas militares. Para a preparação técnica de *funcionários-máquina-vácuo-na-mente*, aqueles que realizam trabalhos mecânicos e só mecânicos, escolas desse tipo são muito proveitosas, pois adestram satisfatoriamente. Todavia, não pensem que é espoliante promovermos o total divórcio entre as escolas militares e a educação verdadeira, aquela que auxilia um ser humano, em amplas áreas, no seu desenvolvimento: qualquer conceito de educação com que trabalhe as escolas militares é sempre distinto do nosso, e, salvo os casos em que é preciso uma formação técnica, apenas técnica, as escolas militares ou qualquer outra que mantenha uma linha autoritária devem ser consideradas como ultrapassadas, não são mais bem-vindas e devem ser afastadas o máximo possível do sistema educativo do país.

45 — *As escolas especiais* — Devemos, doravante, esforçamo-nos para promovermos a destruição das escolas especiais, pois são instituições separatistas, que plantam preconceitos e prejudicam ambas as partes, isto é, os deficientes e os normais: os deficientes não podem ser privados de nós, e nem nós deles.

46 — *Iluminando o motivo* — Quando, munidos de uma lanterna, iluminamos os verdadeiros motivos que estão por detrás de uma ideia, não estamos atacando a ideia; e mesmo quando os motivos são ignóbeis, também nem por isso a ideia perde o seu valor: os motivos não são as ideias.

47 — *Ambiente escolar* — O ambiente escolar de antigamente era marcado pelo autoritarismo, disciplina e respeito. Os seus frutos, ou melhor, sua consequência era aquele indivíduo domesticado, pouco crítico, servo e pontual, incapaz de exteriorizar sentimentos e ideias e de promover alguma espécie de revolução. Mais recentemente, com a

abertura do ensino superior para a grande massa, mediante testes como o vestibular, o ambiente escolar tornou-se algo desagradável, com muita competição, com um neurótico, vulgar, pobre e ordinário sistema de avaliação por notas, onde a competição é instigada juntamente com a grande frustração e sentimento de fracasso, aquele sentido pela grande maioria dos alunos por não serem “os primeiros” da sala, por não se “sobressaírem”. Uma consequência imediata disso é que esses alunos procurarão “negar” aquele ambiente, a escola, pois a natureza não se rende fácil e necessita proteger o ser: se o mundo escolar, a sala de aula, aquela mini-sociedade agride um aluno, a sua auto-estima, sua dignidade, então ele irá tentar promover um contra-ataque; mas não o conseguindo, pois são muitos contra um, ele partirá para a negação: aqui se encontra um grande perigo para as pretensões da educação, porquanto aquele aluno excluído na escola será portador de uma perigosa antipatia pela sociedade: ele foi excluído na pequena sociedade; transferirá o seu ódio para a grande sociedade e possivelmente será um cidadão inerte, mas não porque é despojado de senso-crítico, não porque não almeja melhorar de vida, e sim porque odeia a sociedade, não quer trabalhar para ela: será um indivíduo egocêntrico... E isso é um direito dele!

48 — *A crítica como construção* — É dito insanamente por aí que aquele que critica um outro o faz para o bem deste, salvo algumas exceções, como é evidente. Aquele que critica não está pensando senão em si mesmo; e aquele que é criticado, se conseguir digerir sempre bem as críticas, aparentando ter uma maturidade e ser acolhedor às críticas, salvo raras exceções, sempre se comporta desta maneira balançando e remexendo a cabeça para olhar para outra coisa, visando algo: no fundo, é sempre um ambicioso.

49 — *A coloração* — Em certos momentos, quando a vida está pálida e permanece assim por um bom tempo, e encontramos um alguém, uma mulher que, de repente, planta uma alegria simpática e pura em nossos corações, então um gosto novo é sentido, as cores intensificam-se, compreendemos novamente: a história, então, passa a fazer sentido outra vez.

50 — *Uma visão sempre superficial* — Os tratamentos psicológicos, excetuando-se os de ordem espiritual ou os místicos, tentam facilitar o andar ou mostrar caminhos mais corretos para que os pacientes percorram. Muitos pacientes terão satisfatórias melhoras, principalmente se o que lhe atormenta é algo de superfície, algo tangível e pouco arraigado. Muitos outros pacientes, porém, não sentirão efeito positivo algum com o tratamento realizado pelos psicólogos, porquanto tais abordagens são muitíssimas limitadas, e muitas desordens psíquicas, malgrado a negação de muitos psicólogos, têm sua verdadeira origem em causas não aparentes. A visão superficial de certos psicólogos irrita, e poderíamos muito bem parafrasear Hamlet e dizer a um deles: “O espírito humano possui mais mistérios do que a tua psicologiazinha sonha”.

51 — *Olhando repetidas vezes* — Muitos dos grandes psicólogos, de ontem ou de hoje, possuem ou possuíam uma visão filosófica. Pergunta-se: são grandes psicólogos por causa dessa visão ou será que possuem essa visão porque são grandes psicólogos? O conhecimento de si mesmo ou da natureza humana é sempre fruto da observação, da experiência e do estudo, ou seja, ele é adquirido; ao passo que a visão filosófica é inata — mas isso ainda não responde a pergunta.

52 — *Uma visão cética* — O ser humano criou joguinhos de palavras, com sentidos amplos e restritos, e a partir daí estabeleceu regras, significados, valores, propriedades, e com isso tentou se explicar e explicar ao mundo — à possível explicação correta, baseada em todas as suas criações linguísticas, ele dá o nome de “verdade”. Esquecendo-se, porém, que essa “verdade” está completamente condicionada aos pressupostos ou regras adotados, ele partiu em busca dela e, como a decepção lhe infligiu sofrimentos, ele, perscrutando, encontrou a seguinte saída: considerar uma tal verdade inacessível, a “coisa-em-si”. Mas ao contemplarmos a coisa-em-si como uma espécie de verdade, então já estaríamos, pelo menos parcialmente, na posse dessa coisa-em-si, o que é evidente contradição. Portanto, dizer que a verdade não existe, dizer que ela existe, ou dizer que ela existe conquanto seja inacessível é sempre muito suspeito e contraditório. Fica-nos, então, uma última pergunta: que seria a verdade? Uma ideia confusa.

53 — *Os nossos escritos sombrios* — As crianças são influenciadas facilmente, pois estão em intenso processo de aprendizagem: o que passa na televisão, os adultos e os colegas são, muitas vezes, como verdadeiros modelos que devem ser imitados por elas. No entanto, as crianças só fazem aquilo que já se encontra dentro de si mesmas, ou ainda, a influência só se dá quando a criança “permite”. Exemplificando, quando uma criança observa que seus pais discutem e brigam muito, ou quando ela observa a violência na TV e, partindo disso, torna-se mais agressiva ou violenta, ela não recebeu essa agressividade dos seus pais ou da TV, mas isso já se encontrava nela, faz parte de sua natureza. Em casos um pouco mais específicos, por exemplo, no caso em que um pai é muito amigo da filha, e esta, por isso mesmo, não teve grande preocupação em procurar logo um namorado, esse comportamento também pode ser visto como uma resposta, uma resposta ao que o pai lhe deu: foi uma resposta dada; mas ninguém dá algo se o não tiver. Focalizando melhor e deixando as crianças e essas questões mais instintivas de lado, partamos para coisas mais sutis. Um jovem de vinte e cinco anos comete suicídio; averigua-se o fato e descobre-se que ele, antes de partir, tinha o costume de ler coisas pesadas, pessimistas a respeito da vida: esses escritos tiveram alguma influência marcante na sua, por assim dizer, decisão? Independente do caso, não, os escritos de forma alguma foram decisivos: no máximo, e já exagerando, os escritos apenas acordaram algo que estava adormecido. Se a própria dor e esgotamento não estivessem presentes no suicida, ou ainda, se a semente do suicídio não estivesse presente, ele jamais cometeria o auto-extermínio.

54 — *O ato de ler* — Sempre que lemos algo, qualquer coisa que nos venha após a leitura, seja ela um pensamento, uma ideia ou um sentimento, já estava presente em nós: ao agarmos a terra de um vaso de planta, se nele não houver alguma semente, nada crescerá, nada aparecerá.

55 — *Fugindo* — Muitas pessoas esforçam-se tanto quanto podem para escapar do “ficar sozinho”; elas temem sobremaneira a solidão, pois, no fundo, temem ficar sozinhas consigo mesmas.

56 — *Transformação* — Não são nossas ações que transformam a vida, mas a interpretação que fazemos dela.

57 — *Noutro mundo* — Se existe realmente um paraíso, um lugar belo para onde as almas boas se dirigem depois da morte e lá vivem eternamente felizes, então, ao morrer, a essência da nossa alma deve mudar consideravelmente, pois a natureza humana é disposta de tal modo que ela não aceita uma tal alegria. Esse paraíso, por isso, deve realmente ser um “outro mundo”.

58 — *Lamentações* — Pessoas que, não pouco comumente, vivem aos lamentos, passam a maior parte do tempo estagnadas, porquanto a lamentação é uma espécie de ato crítico e negador, mas inativo e sem ação positiva. A insatisfação com um estado de vida, por exemplo, não só é natural como também necessária, pois é a partir dela que buscamos o avanço, a solução dos problemas, o “caminhar para frente”. Entretanto, o ato de lamentação já não é mais uma simples insatisfação, mas uma insatisfação com um algo a mais — uma fraqueza, um vício, autocomiseração, ou ambição mesmo, no caso em que a pessoa que se lamenta deseja angariar vantagens através desse lamento. Mesmo em situações mais extremas e difíceis, por exemplo, quando estamos prestes a morrer por causa de uma doença fatal, não são positivos os constantes lamentos, como se fossemos as pessoas mais coitadinhas do mundo. Não! Devemos tentar proceder de outro modo: primeiramente, é preciso que recebamos a vida em nossas mãos, ao invés de ficarmos agindo ou pensando de maneira tal que as causas exteriores a nós é que figurem como culpadas pela nossa situação: nego praticamente toda espécie de liberdade humana, porém nós é que trilhamos o caminho, nós é que escolhemos — note-se que não estou a falar de um ser que é consciente e ativo: a nossa liberdade reside no fato de que podemos obedecer as leis da natureza, que também são nossas leis, e o homem enquanto considerado ser consciente não é livre — pois a consciência é determinada —, mas quando considerado amplamente torna-se livre, pois as próprias leis que o regem tornam-se integrantes dele. Em segundo lugar, é preciso considerar todo o sofrimento do mundo. “Todo mundo sofre”, diz uma música, e não devemos ser tolos o bastante para

acharmos que nossa carga é sempre a mais pesada. Ao tomarmos nossa vida nas mãos, deixamos de ser um ser passivo — aquele que se comporta como se fosse uma bola em um jogo — e passamos à atividade — somos os jogadores —: só assim é possível alguma mudança; e ao considerarmos o sofrimento alheio, passamos a perceber que ele é inevitável e que todos, não apenas nós, têm suas necessidades, aflições, frustrações, desejos de serem ouvidos, etc., e que não cabe a nós fazermos o papel de vítima da peça. Para vermos o quão é insensato e ilógico esse papel, basta observarmos o seguinte: o mesmo motivo que leva alguém a se considerar a vítima da peça, pode levar todos, se todos “quiserem”, a se considerarem vítimas também da peça, e sendo assim, se todos são vítimas, então não há agressor e, portanto, não pode haver vítimas.

59 — *Dúvidas e mais dúvidas* — Certo dia, estava pensando acerca da liberdade. “Não existe isso de liberdade ou livre-arbítrio, e disso estou convicto”, dizia um eu; “Mas, se é assim, não posso confiar nesse pensamento, pois quem garante que ele não está vindo de uma necessidade enganosa?”, dizia outro eu; “É verdade! Além do mais, nunca poderemos saber se temos liberdade ou não: se a tivermos, poderemos ser levados por ela a uma opinião enganosa a seu próprio respeito, e se não a tivermos, se ela não existe, não poderemos saber o que ela é”, dizia ainda um terceiro eu; “Mas, então, só estou pensando besteira e tudo o que disser a respeito desse assunto não passará de um balbuciu infantil e incompreensível”, disse, por fim, o meu eu cético. Todavia, repito: não acredito na liberdade.

60 — *Os nossos mui “honestos” advogados* — Aqui entre nós: excetuando-se, talvez, a carreira política, existe uma outra profissão cujos seguidores estão tão propensos a mentir, dissimular, mergulhar num mar de imundícies e falcatruas do que os advogados? Recentemente, em um caso em que uma jovem planejou a morte dos pais, por ter se descoberto o seu crime, como ela estava esperando o julgamento em liberdade, preparou-se uma entrevista para ela: na entrevista, descobriu-se que os advogados estavam induzindo, ou melhor, mandando a moça dizer isso e aquilo, e se comportar assim e daquele outro jeito — e até chorar! —, para, com isso, amolecer o

coração dos jurados e melhorar sua imagem perante o mundo — pois, pela frieza e pelo que fez, ela é uma sociopata. Descoberta essa desonestidade dos advogados da moça, como a notícia espalhou-se pelo país, a Ordem de Advogados do Brasil manifestou publicamente o seu repúdio a uma tal atitude, acusando os advogados do caso de serem antiéticos e algo mais... Santa falsidade! Santo cinismo! Todos da OAB são farinha estragada do mesmo saco! Uma vez mais o Brasil é palco para a comédia da dissimulação dos imbecis engravatados.

61 — *Nós, os muito críticos* — Pessoas que criticam outras pessoas, um parceiro, um pai, um irmão, uma amiga ou um amigo, elas o fazem, quando atiram com frequência, por algo pequeno, de importância irrisória — pequena inveja, alguma raiva, auto-estima um pouco baixa. Por outro lado, aquelas pessoas que promovem críticas mais contundentes, que criticam uma sociedade, uma nação, o mundo, a existência, elas o fazem como uma espécie de negação, ou ainda, não se sentem bem com a existência e com o mundo, com a natureza intrínseca das coisas; em suma, criticam por ódio, um ódio generalizado e abrangente que é dirigido contra si e contra o todo, ou “os todos”. Pessoas desse tipo não se sentem acolhidas pelo mundo, possuem um coração por vezes amargo e despedaçado e desalentado que, devido a toda desesperança e desprezo do qual foi vítima, perde a fé nas coisas, nas pessoas, em si, e tentam, como uma espécie de último recurso de sua natureza, culpar o mundo pelos seus fracassos e decepções: sentem-se um pouco melhor assim, pois aliviam parte da dor e da angústia que também se manifestam em seus pesadelos, tirando-lhes a paz e o descanso.

62 — *O propósito da escola* — Acerca do objetivo do sistema formal de educação, tenho algumas palavrinhas. Inicialmente, gostaria de falar sobre aquele psicólogo, aquele que estudou as inteligências. Diz-nos ele que o principal objetivo da escola é o de desenvolver a inteligência e ajudar as pessoas a atingirem uma espécie de vida satisfatória baseado nas inteligências peculiares de cada uma. Disso resultaria pessoas mais felizes e, conseqüentemente, mais engajadas na construção de uma sociedade melhor. Analisemos tudo isso. O desenvolvimento da inteligência não implica felicidade ou compromisso social ou ainda

honestidade e comportamento ético: na verdade, mesmo que implicasse, por exemplo, felicidade, isto é, se o sistema educacional conseguisse ter êxito e as pessoas de uma determinada sociedade passassem a viver satisfatoriamente no que diz respeito à alegria de viver em um meio social, e se isso estivesse de alguma forma ligado à inteligência — o que é absurdo —, essas pessoas não necessariamente seriam justas umas com as outras. Como já dizia um filósofo de outrora, quando as pessoas insinuam que alguém é “esperto”, “inteligente”, “sagaz”, na verdade estão insinuando as suas suspeitas em relação a ele, pois sabem, por intuição, que o coração é mais confiável do que o intelecto, já que este último é efêmero, superficial, enquanto aquele é — como posso dizer? ...semi-imutável. Evidentemente, para aqueles que acreditam que a felicidade está intrínseca e irremediavelmente ligada a atitudes corretas e éticas (no sentido vulgar das palavras), então parte desse quadro muda sensivelmente: este, porém, não é o nosso caso. Ao considerarmos que o sistema educacional deve ser útil à sociedade, não poderemos, de maneira alguma, colocarmos a inteligência como o seu maior objetivo: talvez como segundo grande objetivo, ou terceiro mesmo. Se adotarmos essa perspectiva da utilidade social, só nos resta um objetivo maior: a escola deve adestrar as pessoas para que se ajudem entre si: digo adestrar porque qualquer educação ética e rígida não pode ser respaldada por argumentos firmes, já que estes não existem: pergunte-se, por exemplo, a algum pregador da moral porque é errado matar uma outra pessoa e diga de antemão que sua resposta não pode conter sentenças ridículas do tipo: “ah, é porque deus não quer...”; depois, pegue a resposta dela e analise os argumentos: são todos frágeis, frágeis como o dedo mínimo de uma pequena criancinha... Mas se é assim, as nossas escolas não estão no caminho certo: elas estão incitando de maneira demasiada a competição entre as pessoas! A minha opinião acerca da cultura brasileira, já a expus em outra ocasião: o povo brasileiro é um povo corrupto e o chamado “jeitinho brasileiro” nada mais é do que um eufemismo que representa uma máscara horripilante e vergonhosa criada e alimentada pelo “povo sofredor, mas alegre”; sendo assim, como a escola é um reflexo da sociedade, já sabemos porque existem tantas coisas erradas nela.

63 — *O vestibular e a escola* — É um gravíssimo erro este das escolas de darem tanta importância ao vestibular: isso é reflexo, no entanto, de um grande problema estrutural e global e que é do conhecimento de todos. Os educadores devem rever suas posturas: não se trata de mudar radicalmente as coisas, mas uma coisinha aqui pode ser melhorada, outra ali pode ser revista. Estamos falando de um quadro grave e cuja única coisa engraçada são as já afamadas “aulas-show”: um idiota-palhaço faz seus trambiques e vende uma mercadoria sem valor, enquanto os compradores, ingênuos e cheios de obstáculos epistemológicos (para não dizer burros), compram tal mercadoria a preço de ouro e ainda acham que fizeram um bom negócio.

64 — *Os espíritos, parte I* — Existe uma porção de “ateus” — que é isso? — que, por desilusões e sofrimentos advindos de religiões, ou de coisas religiosas, ou mesmo da religiosidade das pessoas, voltam-se contra qualquer tipo de misticismo — eles agem sem saber: a própria natureza é mística. Com efeito, tais negadores precisam de uma arma para sua investida: olham ao redor e o que encontram? O que poderia ser plausível e confiável? A chamada ciência se lhes serve muito bem! No entanto, assim como muitos religiosos quase chegam até a loucura, assim também muitos desses “seguidores da ciência” também o fazem: a todo instante comete-se distorções no nome da ciência, quando esta, na verdade, nem figura relevantemente na história. Sem querer defender o cristianismo, mas veja-se isso: suspeita-se que muitos milagres de Cristo não foram realmente “milagres”: muitos daqueles sofriam de epilepsia ou coisa parecida, e, portanto, Jesus não expulsou espíritos ou curou. Entretanto, a ciência e a filosofia não podem realmente garantir que os ataques epilépticos não sejam possessões, ou seja, a “doença”, como se fala, seria apenas uma espécie de resultado ou efeito de um espírito que estaria naquele corpo, assombrando aquela pessoa; e ando percebendo que muitos grandes intelectos andam defendendo isso — a generalização é sempre perigosa: gostaria de deixar claro que a crença no sobrenatural, em espíritos que nos acercam, em geral, é um ato de covardia e de medo, ou mesmo de auto-preservação; nem sempre, porém, temos isso assim: não nego o poder das experiências místicas e dos sentimentos benéficos e puros que um ser humano pode sentir, além, claro, do poder da cultura. Basicamente, todos os ateus incorrem

neste mesmo erro: ignoram o espírito e sustentam um materialismo quase infantil (um atomismo) que há muito já foi refutado. Dessa forma, a explicação de tudo, de uma doença, de uma ruptura psicológica abrupta, recaí sempre no corpo: é nele que tudo se origina, é dele que tudo deriva, ele é a causa, as suas alterações não podem ser efeitos. São provenientes desse erro inúmeras ideias e conclusões distorcidas, muito distorcidas, acerca da espiritualidade, religiosidade, ciência.

65 — *Os espíritos, parte 2* — Talvez o demônio que perturbava Reagan não fosse realmente um personagem fictício: quem sabe se ao meu lado ou ao teu lado agora, caro leitor, não existe um espírito nos observando, com a mão no nosso ombro, rindo de nós, ou com o rosto todo deformado e assustador devido ao acidente que lhe arrancou a vida. Talvez as ideias que temos não sejam outra coisa que não um sopro, uma dica de um espírito. A natureza vai muito mais além de nosso pensamento e de uma pedra: existe uma transcendência... Veja que existem centenas ou milhares de sons que não conseguimos escutar, mas que um cão escuta; da mesma forma, existem tantos sons que um cão não escuta! E igualmente, quantas coisas os nossos olhos não nos permite ver! Dizem que os gatos têm um pé aqui e outro no outro mundo: certa vez, tive uma experiência interessante com um. Foi na minha infância. Estava brincando com a nossa gata quando, repentinamente, ela assustou-se violentamente e me rasgou com fúria: ela estava em meus braços e lutou para que eu a soltasse; tinha visto alguma coisa na nossa frente; o seu olhar era fixo em algo, e esse algo estava perto de nós. Depois que a gata sumiu de minha vista, revistei o lugar por inteiro: não percebi absolutamente nada de estranho. Uns quinze minutos depois, procurei-a e novamente levei-a naquele lugar. No caminho, ela vinha tranquila até que... Novamente me rasgou inteiro. Ela olhava fixamente para algo e tinha muito medo. Essa gata viveu muito tempo conosco e esse acontecimento foi único. Além disso, diga-se: ela era muito valente: excetuando-se esse dia, jamais a vi assustada.

66 — *Os espíritos, parte 3* — A metempsicose é uma teoria interessante, mas suas bases são de areia. A “culpa inicial”, por mais que se invente argumentos, é muito difícil de ser sustentada. Demais,

viver eternamente seria realmente uma “brincadeira de mau gosto”, pois nossa natureza é feita para seguir um caminho linear, e viver eternamente seria o mesmo que tornar o caminho cíclico: o nosso ser não suportaria, não teríamos como resistir. Por outro lado, pode-se sempre sustentar que, quando muito, só existem reminiscências obscuras e vagas, que o caminho continua sendo linear; ou ainda, como o fez Schopenhauer, pode-se alegar que sequer existem reminiscências: a substância é a vontade; o intelecto é adquirido; só a vontade permanece. Mas, enfim, de um ou de outro jeito, são sempre teorias vagas e muito imprecisas e duvidosas.

67 — *Os espíritos, parte 4* — Quando o tecladista dos Mamonas Assassinas teve uma premonição e falou naquela gravação, um pouco antes de morrer no desastre aéreo, que no dia anterior tinha sonhado com um avião caindo, não teria um espírito invadido o seu sonho e lhe revelado o futuro? Penso que não: de acordo com minhas teses, o determinismo não é falso, e, portanto, de alguma forma, não é inteiramente impossível que algum ente ou ser saiba do futuro, mesmo admitindo a inexistência de espíritos ou de forças sobrenaturais. Como isso se dá, ou como é possível, eis aí um grande mistério.

68 — *Bios theoretikós* — A razão de ser de uma existência, o seu caminho, não pode ser apenas a contemplação ou a vida ascética. Qualquer grande isolamento e solidão são monstruosas armas que causam muito sofrimento e angústia, embora sejam o terreno onde cresce o grande intelecto, a força criadora. As fontes de alegria, se se observar bem, existem multiplamente, e devemos sempre ter mais de uma em nossas vidas para que não estejamos presos a ela apenas por uma frágil linha, que logo que se rompe leva consigo o sopro vital, a razão de viver. O equilíbrio de uma vida está justamente nisto: na variedade, e qualquer vida que tenda à monotonia existencial está fadada a ser sempre invadida pela melancolia de tempos em tempos. A vida contemplativa, evidentemente, não é uma escolha nossa, pelo menos não enquanto a encaramos como uma qualidade ou propriedade do espírito; já a vida contemplativa que traz consigo, em todas as revelações exteriores, a reclusão, o afastamento do mundo, essa vida não é fruto de uma característica do nosso ser, mas origina-se do medo,

das decepções e frustrações que aterrorizam muitas pessoas de sensibilidade demasiada, e que muitas vezes, devido a imposições exteriores, não conseguem adequar-se bem ao meio em que vivem. Além do mais, o conhecimento por si só não traz felicidade e estou mais que convencido de que o ser humano não precisa da “verdade” para viver bem.

69 — *Não gosto das regras, parte 1* — As regras, em quase todas as situações de nossa vida, indubitavelmente são sempre limitantes e castradoras. Alguns podem até ser favorecidos por elas, mas o grande criador, o grande gênio, ele, por possuir enormes asas, não pode ser aprisionado em um curto e mísero espaço: por não seguir as regras é que ele cria o anormal e o inimaginável.

70 — *Gosto das regras, parte 2* — A raiz da repulsa de alguns em seguir as regras sociais ou quaisquer outras, seja no trabalho ou na universidade, encontra-se em uma espécie de mimo demente e infantil: a própria ciência moderna foi erguida em cima de métodos e regras eficazes, que representam o veículo a ser usado para se percorrer o caminho.

71 — *Gosto e não gosto* — Em quase todas as situações é sempre uma questão de gosto mesmo: nós é que ficamos tentando dar mais plausibilidade às nossas tendências, como uma espécie de satisfação que se tem que dar.

72 — *Os nossos julgamentos* — A grande medida que usamos para medir os outros é sempre o nosso próprio ser, o nosso modo de ser, de pensar e de agir. Ao olharmos para uma pessoa e percebermos que o comportamento externo dela se assemelha com o nosso em alguma ocasião específica, logo pensamos que os motivos dela assemelham-se aos nossos. Em geral, entretanto, isso é um erro, uma falha de julgamento: devemos sempre ter muito cuidado ao analisarmos os outros.

73 — *Freud* — Completou-se, recentemente, cento e cinquenta anos do nascimento de Freud. O seu legado é inegável. Sua teoria da

personalidade, por exemplo, ao meu ver, é uma das mais bem postas e formuladas dentre todas. É bem verdade que sua teoria do inconsciente não era nova — todas as ideias que são pensadas hoje, que foram pensadas ontem e que serão pensadas amanhã já existiam em algum lugar, talvez no máximo de uma forma diferente —, mas a forma como ele tratou do inconsciente foi direcionada: ele não procurou simplesmente explicar ou descrever a psique humana para posteriormente “ensinar” em termos amplos como devemos nos comportar e vivermos, mas fez algo bem mais específico: com efeito, este foi o seu grande mérito: o desenvolvimento de um método que propiciasse um alívio da dor espiritual sentida por muitos. Quanto ao seu caráter, sua honra, eles parecem-me, no mínimo, suspeitos, principalmente devido aos boatos envolvendo a Teoria da Sedução e o Complexo de Édipo, os quais se realmente forem verdadeiros, mostram-nos a submissão e a covardia de um homem cuja sensibilidade era anormal, mas que não teve coragem de ser honesto com ela, não foi às últimas consequências — é sempre importante ressaltar que Freud dava demasiada importância ao sexo, o que nos diz pelo menos duas coisas: primeiro, que Freud tinha problemas com o mesmo, e segundo, que o Complexo de Édipo pode ter sido uma teoria não coagida, mas natural e honesta de Freud, pois quando damos importância exagerada para algo, muitas vezes começamos a ter ilusões e a vê-lo em diversos lugares.

74 — *À luz do dia* — Os intempestivos e impertinentes estão sempre a mostrar-se; eles gostam da exibição, de serem o alvo das atenções e de figurarem como influenciadores ou os mais altos, aqueles a quem, de alguma forma, deve-se submissão e respeito. O que muitas vezes se origina de uma carência afetiva “quase” inata e de uma falta de sensibilidade, por muitos, não raramente, passa a ser visto como uma virtude, uma “vantagem” que se tem: são tão pobres os que assim pensam!

75 — *À sombra da noite* — Temos também aqueles que esperam, sempre esperam o afastar-se do crepúsculo vespertino para saírem de suas tocas, para abandonarem a inatividade e postarem-se como pessoas ativas. Consideram-se observadoras, especiais e sensíveis, e atribuem a isso o modo como vivem e se comportam. Pouco percebem eles,

mesmo com toda a “sensibilidade”, que o medo é seu combustível, ou melhor, sua prisão, e estão bem enganados ao contemplarem suas qualidades: são tão pobres os que pensam assim!

76 — *O grande olho* — Eis, entretanto, que todos eles não passam de micróbios aos olhos do “grande olho”, ou ainda melhor, eles sequer existem: são tidos como movimentos, mas, como pensava Zenão, trata-se de movimentos ilusórios, inexistentes e irrealis: uma falha mesmo dos sentidos. Todavia, ele “sabe” disso, ele “tem” o conhecimento de que todos fazem parte dele e são uma coisa só, apenas manifestando-se individualmente como representações acessíveis tão-só aos pequenos seres, a um grupo limitado de pequenos seres.

77 — *Espírito guerreiro, parte 1* — Fitando o nosso presente e o nosso passado, ficamos com a sensação, com a alegre sensação de que os seres humanos estão mais pacíficos e, por assim dizer, “amigos” uns dos outros. Que isso não passa de uma mera sensação, todos vêem facilmente. Em princípio porque as nossas guerras, atualmente, estão concentradas nos interiores dos países, malgrado a existência de um conflito externo aqui e outro ali: isto faz com que elas ganhem menos notoriedade internacional ou pública. Contudo, existem outros fatores que merecem destaque e que têm papel importante na origem da sensação que temos de uma paz maior: os esportes e os filmes figuram entre eles e são, muito possivelmente, os dois principais. Dos primeiros, temos a competição real propriamente dita: os instintos guerreiros dos esportistas são razoavelmente satisfeitos, enquanto que os dos torcedores também se alimentam das rivalidades criadas, das brigas existentes entre torcidas, etc. Já do cinema, originam-se diversas situações da vida onde o espectador pode sempre se colocar dentro da tela e vivenciar, de alguma forma, aquelas situações, satisfazendo momentaneamente muitos dos seus instintos guerreiros: muitos filmes de guerra, de batalhas e de lutas propiciam isso. Portanto, enquanto antigamente tínhamos os gladiadores e os conflitos épicos e os imperadores dominadores, hoje temos os sangrentos e violentos filmes e as competições esportivas, além das guerras sociais — ou seja, quase a mesma situação de antigamente, pois a natureza humana muda muito

paulatinamente e a guerra faz parte da vida, propiciando, além de outras coisas, a “evolução” e a filtragem dos seres.

78 — *Espírito guerreiro, parte 2* — Reivindicar filmes pacíficos e uma convivência harmoniosa entre torcedores é perda de tempo: muitos mesmo desses que reivindicam fazem isso comportando-se como se estivessem numa guerra. E mesmo os religiosos com suas extremadas críticas não estão fazendo nada senão guerreando.

79 — *O sentimento e a realidade* — Em muitos momentos existe um abismo entre o que se sente e a realidade. Não é insondável, porém, esse abismo: somos grandes filtros.

80 — *O mundo físico e o espiritual* — Estou imbuído da existência de uma ligação entre o mundo material e o imaterial, mas tal ligação não é intrínseca — no sentido de que lhe é própria — à matéria ou à imatéria (se me permitem falar assim), ou a ambos concomitantemente. A existência da ligação, inegavelmente, é mesmo percebida por todos, ou por quase todos; no entanto, o modo como se apresenta esta ligação é discutido e defendido por muitos por diferentes perspectivas e com diferentes argumentações: temos muitas respostas acerca do modo como, por exemplo, o corpo e o espírito se relacionam, e esta, conquanto tenhamos nossas “convicções”, é uma questão ainda em aberto para os pensadores e cientistas — na verdade, suspeito que, assim como a questão da infinidade do universo, continuará sendo uma pergunta sem uma resposta precisa por toda a eternidade. A maioria, porém, parece defender que o espírito (o imaterial) é que é o subjacente. Alguns outros, e estes vêm crescendo muito, como se fossem uma pandemia originária de certas condições climáticas que, enquanto para alguns propiciou a oportunidade de manifestarem sua falta de singularidade e sua não pouco mesquinhez, para outros propiciou uma espécie de cerração em que suas opiniões foram maltratadas e dominadas por outras, as opiniões piratas, as que saqueiam à força; enfim, outros defendem a primazia da matéria sobre a imatéria. Aproximando mais a questão, os primeiros defendem que a alma altera o corpo, ou ainda, que o mundo espiritual altera o mundo físico; já os segundos sustentam que o corpo altera o espírito. Correndo

o olhar por aí, encontrei, e não foi em livros e nem também em reflexões, uma outra resposta que me pareceu interessante: em determinadas situações, o mundo físico altera o espiritual, mas em outras situações o que ocorre é o inverso. Esta última apresentou-se a mim como mais coerente do que as anteriores: ainda hoje assim me parece. A coerência, no entanto, não está na positividade da ideia, porém nos percalços evitados quando percorremos o caminho por ela sugerido: não se trata, portanto, de um caminho que seja realmente bom, mas de um caminho que não seja tão ruim. Olhando um pouco mais, já percebemos com nitidez o porquê de uma tal ideia não estar inclusa seriamente nas batalhas cuja causa é a tentativa da solução do problema histórico acerca do corpo e do espírito: é que ela se apresenta como uma espécie de “em cima do muro”, ou seja, nem é uma ideia materialista e tampouco uma ideia espiritual — e não só a mim quanto a todos, as batalhas que sempre se nos apresentaram, batalhas incansáveis e sem vencedores, foram sempre entre materialistas e espiritualistas, mesmo que, por vezes, estes estivessem sob alguma roupa ou máscara que lhes permitisse o andar furtivo, a fala enigmática e as interpretações inequivocamente equivocadas a seu respeito. Retornando um pouco mais, como ia dizendo no início, existe uma ligação entre a imatéria e a matéria, mas tal ligação não pertence à natureza intrínseca de ambos, sejam considerados separadamente ou juntos. Essa ligação pertence à natureza do todo, o qual engloba, evidentemente, a matéria e a imatéria, e ainda algo mais: é justamente aqui que está presente a diferença e a chave da questão — se é que esta existe —: não é da natureza do espírito alterar o corpo e não é da natureza do corpo alterar o espírito, entretanto é da natureza alterar a ambos ao mesmo tempo. Isso posto desta forma, fica-nos claro o horizonte que nos diz que a ligação, de alguma forma, deve estar também fora da matéria e da imatéria, e isso significa que ela não é intrínseca ao corpo ou ao espírito, embora também, de alguma forma, pertença a ambos separadamente. O mundo físico e o espiritual, portanto, estão juntos e separados ao mesmo tempo: separados quando os consideramos individualmente, e juntos quando consideramos o todo — no primeiro caso eles não se tocam; no segundo, eles são um mundo só. No entanto, deve-se sempre considerar a harmonia, a unidade e a dependência mútua entre os seres da natureza,

mesmo aqueles de difícil compreensão. Logo, o mundo espiritual e o mundo físico são um só.

QUINTA PARTE

1 — *Reflexonciologia, parte 1* — Sempre refloresce em mim a ideia de que nossa consciência nada mais é do que um velado conjunto de reflexos, que, em virtude do assustador nevoeiro que se manifesta em seu redor e que encobre nossas vistas, aparenta-se mais com uma entidade real e independente do que com insignificantes reflexos de processos mais internos. A repartição do homem em pedaços menores e insubordinados pode nos levar a pensar numa independência intelectual que se desagrega das necessidades do organismo, do indivíduo. Mas, nas atuais condições, não podemos dividir o ser humano e nem animal algum: o pensamento moderno, com grandes atrasos, está chegando à conclusão inevitável de que existe uma conexão entre as partes constituintes de um organismo — indo mais além, arrisco-me a dizer que existe uma relação entre todas as partes de um organismo, sem exceção. Muitas coisas que nos parecem desordenadas ou “em evolução” já estão perfeitamente ordenadas e com suas funções determinadas: é mesmo possível que exista um erro grave de julgamento nas análises feitas por biólogos e outros que tentam percorrer o difícil caminho de entender parte da natureza. E o que dizer das análises feitas a respeito do animal homem? Se o homem é realmente um ser mais complexo, como comumente se diz, então podemos sempre colocar algumas interrogações na frente das conclusões a que se chegou a seu respeito. Porém, de que conclusões falo? Já se chegou a tais conclusões?

2 — *Reflexonciologia, parte 2* — Uma boa alimentação dá a possibilidade de um funcionamento satisfatório do nosso organismo, pois dela o nosso corpo tira vitaminas, sais, nutrientes e todas as outras substâncias de que necessitamos para estarmos saudáveis fisicamente. A alimentação serve para o corpo inteiro, e não apenas para esse ou aquele órgão, para essa ou aquela parte. Mas não é só isso: a alimentação serve para o ser ou organismo inteiro, e não apenas para o nosso corpo físico. Quando estamos gripados, não é sem muita nitidez que percebemos as mudanças físicas que aquela doença produz em nós. Contudo, por mais nítida que seja nossa percepção, ela é sempre muito limitada: no caso da gripe, por exemplo, só percebemos mudanças em algumas partes do nosso corpo; no entanto, todo o corpo muda, desde o sangue até os fios de cabelo, e, conseqüentemente, também o organismo

inteiro sofre alterações e mudanças por causa daquela doença — tudo isso ocorre e nosso intelecto percebe apenas algumas mudanças em algumas partes do corpo, quando, na verdade, o próprio intelecto foi alterado: isso ocorre principalmente por causa da simultaneidade. Inversamente, alteração em parte do nosso espírito é alteração em todo o nosso espírito e, por conseguinte, em todo o nosso corpo: a mudança ocorre no organismo como um todo, pois todas as partes do ser, físicas e não-físicas, mantêm relações ativas e ininterruptas entre si.

3 — *Reflexonciologia, parte 3* — O que pretende-se dizer ao se falar da consciência como reflexo de funções mais internas? Primeiramente, pretende-se afirmar que a consciência é um efeito ou essencialmente possui uma natureza derivada, mas que também, minimamente, funciona como causa geradora. A consciência ou intelecto de cada indivíduo se ajusta às suas necessidades mais primitivas e imperceptíveis: nenhuma ideia surge de algo ou para algo que em nada auxilia o organismo em sua caminhada, e mesmo isso é válido para aqueles pensamentos mais desconexos com uma determinada contextualização ou para aqueles que “aparentemente” são oriundos apenas da “razão” humana. O pensamento é, pois, uma característica orgânica inseparável e que vive sempre em harmonia com as necessidades de um determinado ser, sendo por isso mesmo um efeito, porém não enquanto é precedido temporalmente e sim enquanto é sempre ajustado de acordo com as características de um dado indivíduo, manifestando-se como um instrumento regulável. Uma consciência que parece-nos auto-destrutiva ou dirigida contra o próprio ser, em verdade, nada disso é realmente: uma natureza não quer destruir-se a si mesma e, em última instância, podemos pensar que o ser individual está sendo prejudicado para que o ser possa lucrar.

4 — *Reflexonciologia, parte 4* — Em segundo lugar, quer-se dizer que, como existe uma ligação direta entre inconsciente e consciente, o inconsciente, enquanto função intelectual, é também reflexo e justamente por isso apenas parcialmente pode ser caracterizado como uma função interna, sendo gerado ou se originando de outras funções mais internas. Estas funções mais internas a que me refiro são as próprias leis da natureza, as leis primitivas que não se relacionam, em

certo sentido, diretamente com o intelecto humano, mas ambos estão ligados por um conjunto extenso de entes e cuja extensão e complexidade aumentam com o nível orgânico do indivíduo: nos animais mais “primitivos”, por exemplo, a ligação entre consciência e leis da natureza é mais direta; o mesmo valendo para os homens mais superficiais.

5 — *Reflexonciologia, parte 5* — Em geral, acreditamos que uma mudança de atitude ou de opinião é antecedida por reflexões, ou melhor, imaginamos que a mudança vem da consciência ou que a consciência é uma causa ativa e potente: e ela até o é, realmente, mas não no sentido em que comumente se acredita. Pode-se compreender isso facilmente com uma simples ilustração: em certos momentos, quando estamos indecisos acerca da escolha de algo porque a divisão do nosso querer se faz presente, e damos um certo tempo ou esperamos algumas horas ou, enfim, deixamos passar alguns dias, então a escolha se faz naturalmente, sem a participação do intelecto: o organismo como um todo — inclusive o intelecto — mudou e a decisão foi tomada — é nesse sentido que o intelecto também é causa. Acredita-se, entretanto, que, excetuando-se estas ocasiões em que o querer fica repartido, o intelecto age com um grau de independência elevado, o que não é de se espantar: quando uma decisão é subitamente tomada sequer temos tempo de pensar em suas causas, ficando em nós sempre um resíduo muito forte de uma impressão falsa; demais, quando estamos com dificuldades numa decisão, percebemos claramente a força de algumas paixões e necessidades, mas esquecemos da fraqueza ou superficialidade do intelecto naquela e em todas as situações, ou apenas a admitimos para aquela situação em particular e esquecemos de generalizar. Dessa forma, assim como no exemplo supracitado, todas as nossas decisões e escolhas são tomadas pelo organismo; todas as nossas ideias são oriundas dele e os nossos instintos, paixões, necessidades e outros nunca estão separados de nossa razão: esta, portanto, não existe sem aqueles, justamente porque é aqueles.

6 — *Reflexonciologia, parte 6* — Embora seja um consenso entre quase todos os homens o fato de que a existência da consciência se faz presente apenas neles, mesmo assim o seu comportamento não destoa

em muito daquele apresentado pelos animais, os sem-intelecto: isso nos mostra o quão é superficial a consciência e o quão ela se adapta às funções primitivas e orgânicas.

7 — *Engrenagens interligadas* — Em uma máquina muito complexa, uma peça que aparentemente tem pouca utilidade pode ser o coração da máquina: sempre fazemos as coisas nos iludir.

8 — *Um grande aumento, as mesmas naturezas* — O homem superficial passa uma década para escrever um livro, e quando o faz, aborda apenas um tema. Nós, por outro lado, escrevemos um livro a cada folha.

9 — *Os de caráter, os moralistas* — Os moralistas imaginam que agem corretamente porque isto é o certo e o sensato; mas, em verdade, eles acreditam serem sábias suas ações porque as praticam: primeiro se age, depois se justifica.

10 — *O grande intelecto* — O grande intelecto não deve ser submisso à ciência ou à opinião comum: ele está bem acima dessas coisas da massa.

11 — *Novamente os altruístas* — Muitos são bons de “favores” por causa de seu autoconceito baixo — o favor é um modo de se igualar ou ultrapassar os outros. E é possivelmente por isso também que nós sempre vemos tais pessoas com agrado: elas se acham inferiores a nós... E com toda razão!

12 — *A necessidade de crença* — Aqueles que dizem que o homem, este animal tão inventivo e insensato, precisa acreditar em algo, não estão dizendo besteira: mesmo os céticos, muitas vezes, agarram-se fanaticamente em suas “descrenças”.

13 — *A muleta freudiana* — Se a crença ou a religião fosse uma espécie de muleta, então todos os homens, na verdade, seriam aleijados.

14 — *Baixa cultura* — Obrigação legislativa para se votar implica um povo com uma cultura pobre, muito pobre.

15 — *Consciência em demasia* — O crítico que critica o crítico e tem consciência, não está se mostrando autenticamente, como realmente é.

16 — *Libertação* — “Dedico-me ao pensamento e à reflexão porque assim me liberto das coisas mundanas”, eis aí um pensamento superficial.

17 — *Pior que o egoísta?* — Muitas vezes se critica o egoísta porque ele não quer ajudar; quem critica está sendo tão ou mais egoísta.

18 — *Che Guevara e Hitler* — A força motora que movia esses dois “grandes” líderes era basicamente a mesma.

19 — *O bem do filho* — Muitas mulheres ou homens da sociedade afirmam que querem ver o filho bem de vida, formado numa profissão respeitada, para o bem dele, do filho. Entretanto, quase sempre o verdadeiro motivo é este: querem dar satisfação para a sociedade.

20 — *O motivo não percebido* — Por sofrerem em demasia com algum preconceito, algumas pessoas são intoleravelmente duras com os preconceituosos ou com expressões do preconceito — piadas, escritos, etc. Agindo assim, muitas ainda pensam que o fazem porque pretendem viver em um mundo melhor, mais “igual”.

21 — *Olhando com teus olhos* — Numa conversa com um fundamentalista, é sinal de sensatez agirmos tolerantemente e de acordo com a perspectiva do próprio fundamentalista. E é sinal de maior sensatez e profundidade ainda termos consciência de que aquele fundamentalismo pode estar correto.

22 — *Puxando para a luz* — Jamais devemos tentar ajudar uma pessoa ou lamentar o seu modo de ser sem antes termos nítida convicção de que ela realmente não está num bom caminho: aquilo que ela faz ou como ela é pode ser o melhor para ela.

23 — *Um caminho ruim?* — Só podemos saber se um caminho é ruim se tivermos outro para comparar.

24 — *Afastando o isolamento* — Rebaixe-se ou eleve-se para olhar frontalmente nos olhos daquele com quem conversas.

25 — *Sem mérito* — É muito fácil ajudarmos aqueles a quem amamos.

26 — *O modelo ideal* — Não existem modelos ideais, seja na Medicina, na Biologia, na religião ou em quaisquer outras áreas.

27 — *O físico moderno* — Muitos chamam de frágeis as ideias de Aristóteles sobre, por exemplo, a queda dos corpos. Infelizmente, muitos dos que dizem assim estão apenas repetindo algo que já está pronto: suas ideias são tão frágeis que nem força para morrer têm.

28 — *Os animais amorais* — Os animais, assim como os homens, não são amorais; mesmo uma pedra não é amoral, mas tem também, e também pelas causas universais, os seus “costumes”.

29 — *O nosso inverso: os escritos românticos* — As pessoas deleitam-se enormemente com tais escritos, com o seu instinto dizendo: “Parece que a vida é boa mesmo! Parece que alguém é feliz! Existe magia na vida! Eu quero acreditar nisso”.

30 — *É sempre a realidade* — Quando a “realidade” é monótona e destituída de valor, e a música se torna preto e branca, buscamos algum apoio no mítico, no imaginário: mas isso não é fugir da realidade — a realidade é abrangente: até os sonhos são “reais”.

31 — *A história sem fim* — Pintando o quadro sombrio da nossa vida, lembrei-me do cão, do grande cão voador, da montanha que falava e do livro encantado. Esta foi uma boa lembrança que veio da infância para arrancar-me um sorriso e uma nova esperança. A história sem fim, mesmo no momento de minha partida, não terá realmente um fim para mim.

32 — *Conversa uníssona* — “Hoje eu partirei!”; “Será que existe alguém que possa dissuadir-te?”; “Só eu mesmo poderia: talvez se me encontrasse comigo mesmo, eu me escutasse e não fosse mais embora. Eu precisaria me encontrar comigo mesmo para as coisas da vida voltarem com suas cores e sentido”.

33 — *Os ideais* — Não são as pessoas que vivem em função dos seus ideais, mas os ideais que vivem em função delas.

34 — *Criticismo e algo mais* — Criticar o crítico é ser um crítico.

35 — *A nossa crueldade* — A nossa crueldade tem sua principal fonte no nosso ódio pelo mundo. A nossa dureza é uma reação ao desprezo.

36 — *Conselho ao suicida* — Há sofrimento demais para abandonarmos tudo.

37 — *Ganhando significado* — “Talvez a própria loucura seja uma espécie de máscara que esconde um saber fatal e demasiado certo”; esta frase tem ganhado sentido em mim: se algum dia eu enlouquecer é porque talvez tenha visto demais.

38 — *A solidão nossa de cada dia* — A solidão é mais dolorosa quando tomamos consciência dela.

39 — *A geração do sexo* — Assim como muitos se decepcionaram com o poder da mente e do espírito na busca pela felicidade, igualmente a nossa geração quebrará a cara e se decepcionará por ter depositado tanta esperança no sexo como instrumento de busca da felicidade.

40 — *Dependência medíocre* — Em tempos passados a ciência era desprezada em detrimento de crenças religiosas e afins; hoje, temos a inversão das coisas. Em ambos os quadros, reina a dependência medíocre das pessoas: antigamente, queimavam gente; atualmente, entopem-se de remédios.

41 — *A mulher e suas qualidades* — A mulher é mesmo um ser mais humano do que o homem, o que é confirmado inteiramente por sua invisibilidade ao longo da história: os homens só se destacaram tanto porque foram pouco humanos.

42 — *As pesquisas novamente* — Em São Paulo, no hospital Albert Einstein, fizeram uma pesquisa com idosos: verificaram que entre aqueles que tinham mais fé a depressão era menos presente. Daí concluíram logo e desavergonhadamente que a fé combate a depressão... Como são ridículas essas pesquisas!

43 — *Os irracionalistas* — É um erro enorme analisarmos o pensamento de um irracionalista com o racional. Muitos irracionalistas sabiam que muitos aspectos de sua filosofia eram, de acordo com a razão, incoerentes, mas essa incoerência é até indispensável e está em perfeita harmonia com a proposta filosófica do irracionalista. Ora, dizer que a razão não é confiável, sendo limitada e o fruto de inúmeros erros, e depois desenvolver um pensamento que esteja de acordo com a própria razão, eis o que é contraditório.

44 — *Agnosticismo* — A grande vantagem de se ser agnóstico é que podemos rir na cara dos ateus e dos crentes. Além disso, nós não precisamos provar nada: os nossos pressupostos são “auto-evidentes”.

45 — *A filosofia está nos trilhos* — Já há muito tempo a filosofia embarcou no pragmatismo científico e em suas limitações. O chamado fim da Metafísica, a consideração de certos conhecimentos como não-filosóficos — os teológicos, por exemplo —, a crítica kantiana da razão, o abandono da intuição, enfim, o desprezo pelo pensamento livre transformou a originalidade filosófica em um solo árido e fumacento, onde aquele que ainda é um verdadeiro pensador tem enormes dificuldades de respirar. Que se queira continuar nos trilhos imaginando que assim se está conseguindo um “progresso” para a filosofia, tudo bem, porém deixem-nos em paz, nós, os livre pensadores, nós, que desprezamos certos filósofos da nossa época, os filósofos contemporâneos — a contemporaneidade reduziu muitas coisas ao nada; entretanto, muitos se deixaram reduzir.

46 — *Música instrumental* — Uma das grandes virtudes da música instrumental é que ela não direciona explicitamente o nosso pensamento ou sentimento (como o faz a música cantada), podendo encantar num maior número de situações. Na música cantada, a interpretação que fazemos da letra, ou melhor, o próprio sentido da letra pode atrapalhar o encantamento, pois, por exemplo, muitas vezes estamos nos sentindo sozinhos ou alegres e, embora numa determinada música a melodia se encaixe com o nosso estado de espírito, a letra destoa dessa melodia tornando a música confusa e fazendo com que ela não nos toque mais profundamente. Existe também o caso em que nem a letra nem a melodia se harmonizam com o nosso estado. Já na música instrumental, o nosso sentimento pode interpretá-la com mais frouxidão desde que a música e o sentimento se olhem com carinho.

47 — *Idolatria política* — O povo do Brasil sempre manifesta, em épocas de eleições, uma grande idolatria por políticos: cultura de escravo!

48 — *Preconceito disfarçado* — Agir como se uma criança deficiente fosse igual às outras e tivesse as mesmas capacidades — eis o que é preconceito.

49 — *Capacidade de aprender* — Será que todos os seres humanos têm a mesma capacidade de aprender? Mas não existe nada de igual na natureza...

50 — *Eutanásia* — O direito à morte é tão importante, ou mais ainda, do que o direito à liberdade: cada um que decida se quer viver ou não; e no caso de alguém não poder decidir, que aqueles que sofrem por esse alguém decidam.

51 — *Julgamentos, interpretações, injustiças* — Imaginem a seguinte situação: uma mulher, numa bela tarde de domingo, comete suicídio; depois, descobre-se que numa conversa que ela teve naquele mesmo dia, uma pessoa lhe diz que o suicídio é coisa aceitável e que dependendo da situação não é uma má ideia, já que só cada um sabe o

que sofre. Por fim, essa pessoa que supostamente incitou um suicídio é levada a julgamento: a promotoria apenas relata como tudo ocorreu e todos os jurados condenam o acusado. Neste caso, houve um encadeamento de fatos que levaram todos a uma mesma conclusão. O problema de tudo é que um encadeamento de fatos quase sempre não é conclusivo, embora todos, até a nossa ciência, tire conclusões deles e aceite-os como prova. No nosso caso, por exemplo, se a mulher que se suicidou não gostasse daquele que lhe “sugериu” o suicídio, o efeito daquele incitamento à morte poderia ser justamente o contrário daquele alegado pela acusação.

52 — *O homem alto e baixo, parte 1* — A humildade de algumas pessoas é a sua própria arrogância ou o seu modo de ser arrogante: não ser humilde, para elas, é frustrante e decepcionante; elas sempre precisam ouvir: “Tão rico de conhecimentos e tão humilde!”; isso é o que lhes guia, o seu motor, sua forma de “humilhar” e de se pôr por cima. A humildade é um fruto da árvore da ambição — o homem verdadeiramente sério não é humilde, justamente porque a sinceridade lhe acompanha.

53 — *O homem alto e baixo, parte 2* — Mesmo o homem que é humilde de verdade, se conseguir deixar a grande ambição de lado, perderá a humildade.

54 — *Os otimistas e os pessimistas* — Sempre que amamos, do que se ama, formamos uma opinião muito avantajada, inventando qualidades e enaltecendo em demasia as existentes até ao ponto de nos convenceremos da autenticidade de nossa opinião; quando, porém, odiamos algo, então ocorre o oposto. Temos então, com algumas poucas ressalvas, os otimistas e os pessimistas, que, guiados por paixões e instintos, saem discorrendo sobre tudo e todos, falando algo sensato aqui e ali, mas no mais das vezes proferindo disparates absurdos e incríveis. Entretanto, quem de nós não é um ou outro?

55 — *Prioridade* — Existe uma linha de pensamento que afirma serem as mutações — ou mesmo os novos seres deficientes — um artifício utilizado pela natureza para promover ou possibilitar às espécies uma

melhor adequação e desenvolvimento no seu ambiente de vida. Assim, pois, por exemplo, na Inglaterra, há cerca de dois séculos, eram comuns as mariposas acinzentadas cuja coloração branca salpicada de cinza oferecia-lhes um poderoso sistema de camuflagem; quando, nesta mesma região, apareciam mariposas de cor escura, estas últimas eram logo atacadas por predadores, pois ficavam sempre à vista, ao passo que as outras, devido à sua cor e ao ambiente, conseguiam se camuflar. Entretanto, com a instalação de indústrias pesadas naquela região, depois de aproximadamente um século, a fumaça e a fuligem enegreceram o solo, as rochas e os troncos; a partir daí, as mariposas cinzas começaram a ficar visíveis aos predadores e passaram a ser atacadas, ao passo que a mutante, ou seja, a mariposa escura, passou a nascer já camuflada e assim houve uma gradativa diminuição da cinza e um crescente aumento das escuras. A natureza então, logo no início quando já lançava um mutante à vida, se acaso não o fizesse, teria perdido uma espécie; portanto, devem dizer, ela lança mutações para casos como este. Contudo, alarguemos um pouco esse raciocínio: na nossa espécie não é incomum vermos, aqui ou ali, uma pessoa que traz algum tipo de deficiência, mas que, não obstante, destaca-se por possuir algum “dom” — alguns autistas, por exemplo, que possuem uma grande inteligência musical —; pois bem, essa pessoa seria assim lançada pela natureza com algum fim, um objetivo mesmo: no caso de algum autista que trouxesse consigo um Mozart interno, poderia ele compor belas músicas para atenuar a solidão de muitas pessoas, isto é, preencheria um pouco o vazio sentido por muita gente e possibilitaria, dessa maneira, que o sofrimento de muitos fosse diminuído e que sua vontade de vida fosse aumentada; em outros termos, contribuiria para a manutenção da espécie. Um outro exemplo que poderia ser citado é o do “gênio louco”, ou seja, aquelas pessoas que possuem uma exímia inteligência e que devido a suplícios ou a um temperamento melancólico — ambos impostos pela natureza, é claro — passam à prática de uma ininterrupta introspecção, contribuindo dessa forma para, por exemplo, o desenvolvimento da Psicologia, que por sua vez ajuda muitas pessoas em todo o mundo; mais uma vez em outros termos, a natureza concebe uma notável inteligência para tais pessoas e também uma constituição que lhes propicia um sofrimento intenso para que com isso possam contribuir com a espécie. De tudo isso, o que podemos deduzir? Que a

natureza prioriza a espécie em detrimento do próprio indivíduo. Entretanto, como eu não tomo partido tampouco nego o raciocínio precedentemente desenvolvido, para ratificar a minha ideia, a saber, a de que a natureza prioriza a espécie, vamos a uma observação de algo um pouco mais simples: a tração física entre homem e mulher (um pouco mais simples?). O objetivo visado pela natureza quando deu-nos (aliás, quando obrigou-nos a receber) a tração sexual, foi justamente a procriação ou perpetuação da espécie (pois ela sabia que, sem um algo coercitivo, nós não promoveríamos a procriação); a atração física, então, como ela tem importância vital na manutenção da espécie, apresenta-se-nos com uma força tremenda, e quantos tormentos afligem as pessoas por não conseguirem satisfazer-se sexualmente, quantos conflitos internos são oriundos da sexualidade dos indivíduos, e quanta satisfação e equilíbrio têm, em geral, aqueles melhor ajustados sexualmente — e tudo isso, como já disse, porque a natureza focaliza a espécie: o indivíduo, para ela, desde que dê sua contribuição para a “evolução” humana, fica sempre em segundo plano.

56 — *A impunidade no Brasil* — Enganam-se aqueles que consideram o Brasil um país onde não existe punição, até por que, quando falamos em Brasil, estamos falando em sociedade brasileira, e onde existe uma sociedade existe punição: o que muda de uma para outra é apenas a forma com que seus integrantes são punidos.

57 — *Os traficantes e seus protetores* — Ora, se eu vivo numa favela, tenho um filho e este adocece, procuro um serviço público e sou mal atendido, ou melhor, não sou atendido; daí, vem um traficante da minha favela e me ajuda, fazendo o que o estado deveria fazer; quando a polícia for subir o morro para pegar o tal traficante, será que não vou procurar defendê-lo? Mas é claro que vou ajudá-lo, e com muita satisfação.

58 — *O que vemos* — Sempre que não queremos ou não podemos ver aquilo que está ao nosso redor, costumamos olhar para bem longe, para os recantos mais distantes e inalcançáveis do horizonte.

59 — *O nosso motor* — Na infância, a nossa força vital é quase sempre a maior possível, a maior que poderíamos ter em nossas vidas — é como o arranque inicial, o impulso, que precisa ser forte o bastante para chegarmos até o fim.

60 — *O depósito de lixo, parte 1* — A mídia costuma produzir lixo cultural em larga escala, e são as pessoas que consomem isso: elas se deixam ser, por assim dizer, um depósito de lixo.

61 — *O próprio lixo, parte 2* — No entanto, existe uma interação entre as pessoas e a mídia: esta última, como o seu interesse maior é sempre a audiência, produz e “impõe” às pessoas apenas aquilo que elas querem ver; ou seja, na verdade, o lixo são as próprias pessoas.

62 — *Em que conta tens a ti mesmo?* — Algumas pessoas se impõem sofrimentos para se vingarem de outras pessoas: quanto mais intensos e sérios forem tais sofrimentos mais essas pessoas valorizam os outros do que a si mesmas.

63 — *O cemitério onde a mãe teve o filho* — Num cemitério sombrio e silencioso, certa vez uma mulher da rua penetrou nele, pela manhã, e teve seu filho; os espíritos dos mortos que ali jaziam se aglomeraram ao redor da mãe e da criança e, então, sorrindo, aplaudiram o ocorrido e reconfortaram-nos.

64 — *Minha relação com a coisa-em-si* — O mundo só existe porque temos consciência dele: daí concluo que a coisa-em-si, isto é, o mundo como realmente ele é, que transcende a nossa percepção e que é intangível, não existe. É contraditória a admissão de que um mundo a priori, que subsiste além da nossa percepção, exista, pelo simples motivo de que, para admitirmos a existência de uma coisa qualquer, ela precisa chegar até nós através da percepção e consciência, ou seja, de um jeito ou do outro, precisamos sempre filtrar as informações e é este mundo interpretado o que realmente existe. Em outras palavras, um mundo qualquer não pode existir para além da consciência ou da percepção, pois são destes que aquele tira sua existência; e se existe e é, de alguma forma, perceptível, então deixa de ser um mundo puro.

65 — *Mãos que o preconceito armou* — Em geral, quando falamos em algum lugar, por exemplo, que não devem existir direitos iguais para homens e para mulheres, logo se pensa que estamos afirmando que o homem deve ter prioridade de direitos.

66 — *Epílogo: uma nova chance para um reinício* — Atormentado pelo seu passado, pela sua vida passada e fracassada, recebeu uma nova chance: ir para o passado e conversar consigo mesmo numa outra época para tentar se convencer a si mesmo de que tomasse um caminho diferente daquele que tomou. Tentou então se aproximar de si mesmo, aos poucos, e com longos passeios, conversas e desabafos, conseguiu se tornar companheiro de si mesmo. Em certo momento de desânimo, pensou que, conquanto tenha se aproximado de si mesmo, não tinha mencionado o verdadeiro motivo que lhe levava lá e não tinha conseguido se persuadir para tomar um novo rumo na sua vida: a existência dele dependia disso: se o outro morresse, ele morreria e cessaria de existir necessariamente (aliás, já estava morto). Num certo dia, porém, quando ambos saíram para um longo passeio pelo meio do campo até uma cachoeira, ouviu de sua própria boca de outrora, surpresa, as palavras: “Não mais vou fazer o que estava pensando em fazer: a sua amizade fez com que eu quisesse continuar vivendo”; neste mesmo instante, sabia que ia sumir, pois tinha decidido continuar vivendo, mas mesmo assim ainda teve tempo de se despedir de si próprio. No final da vida, já na velhice e com a morte na beira da cama, lembrou-se de lembrar daquela amizade da infância — “Eu só precisei da amizade *dele* para querer continuar vivendo, nada mais!”.

POSFÁCIO

Cumprindo uma promessa; o fim

I

Em certo momento de minha vida, uma pessoa me ajudou muito, uma mulher. Sei que é quase impossível algum dia leres isso, porém quero te agradecer por toda a ajuda que me deste e dizer-te que, mesmo com a distância que sempre eu conservei de ti e que tu sempre conservaste de mim, foste uma das pessoas que mais perto chegou do meu coração. Espero que tenhas uma vida muito feliz e que possas ajudar muitas pessoas com tua atividade.

Continuarei por aqui, tentando superar aquilo que talvez seja impossível de se superar; tentando viver aquilo que talvez seja impossível de se viver; tentando ter aquilo que talvez seja impossível de ter... Mas ainda tenho esperanças neste “talvez”...